

Rev. ABR. 1940 325

IV.

SERÖES

Nº 25

JULHO
DE
1907



Summario

MAGAZINE

PAG.

O LANTERNEIRO

Quadro de ANTONIO RAMALHO FRONTISPICIO

O PINTOR ANTONIO RAMALHO

(14 illustrações) por EUGENIO VIEIRA 3

O CARAMULO

(7 illustrações) por THOMAZ DA FONSECA 13

HENRY FIELDING

(4 illustrações) por CARLOS DE MESQUITA 23

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

Nossa Senhora da Rocha 30

Um trecho do rio Jamor 62

Photographias de ANTONIO ROSA DA SILVEIRA.

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — I. ALCobaça

(8 illustrações e 1 vinheta) por ALBRECHT HAUPT 31

A MUSICA DO EGIPTO — No tempo dos FARAÓS

(7 illustrações) por JOSEFINA DE VASCONCELLOS ABREU 41

A LENDA DO CANZARRÃO

(3 illustrações e 1 vinheta) por CONAN DOYLE 46

OS SERÕES DOS BÉBÉS — A FADA MARIA

(7 illustrações e 1 vinheta) 63

ACTUALIDADES

(24 illustrações e 1 vinheta) 69

OS SERÕES DAS SENHORAS (23 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag.	1	LAVORES FEMININOS. pag.	10
OS NOSSOS FIGURINOS »	4	CONSULTORIO DE LUIZA »	13
A NOSSA FOLHA DE MOLDES. »	7	NOTAS DE DONA DE CASA »	15

A MUSICA DOS SERÕES

FOLHA DE ALBUM

Musica de LUIZ DA COSTA FREITAS BRANCO Letra de AUGUSTO DE LIMA 4 paginas

Correspondencia dos SERÕES

O SEGUNDO ANNIVERSARIO DOS «SERÕES»

TERMINANDO com o volume IV o 2.º anno de nova serie dos *Serões*, é occasião de mais uma vez saudarmos effusivamente os nossos collaboradores e leitores, os primeiros pelos elementos de prosperidade que teem dado á nossa revista, os segundos pela não desmentida sympathia com que a teem acolhido em Portugal, Brazil e colonias portuguezas. Ao começar o volume V, persistimos no nosso proposito de fornecer leitura sã e instructiva, amena e agradável, amplamente illustrada, por um preço cuja modicidade desafia o de todas as publicações congeneres em Portugal. O nome dos collaboradores, litterarios e artisticos, que teem honrado os *Serões* desde o seu inicio, a perfeição material dos volumes publicados, são garantia segura do nosso não desmentido desvelo.

Com o presente número começamos a satisfazer a promessa, ha muito feita, de continuarmos a inserir a traducção da magnifica obra do Dr. Haupt, *A architectura da Renascença em Portugal*, tão justamente apreciada no nosso meio artistico. Tambem brevemente proseguiremos as excellentes narrativas de viagem do eminente professor Consiglieri Pedroso, começadas na 1.ª serie dos *Serões*, e para as quaes temos em nosso poder illustrações soberbas.

Quanto aos novos artigos das nossas diversas secções, elles continuam, como se pode ver, a obedecer ao criterio que desde o começo nos guia: variedade, interesse para todas as classes e todas as edades, clareza que torne os mais abstrusos assumptos accessiveis a todas as intelligencias, larga documentação artistica que os elucide, preferencia de todas as materias que interessem a vida nacional.

Assim ficamos com a consciencia de cumprir uma missão patriotica e meritoria.

A NOSSA COLLABORAÇÃO ESPONTANEA

Apezar das repetidas prevenções aqui feitas sobre a impossibilidade de satisfazer em breve prazo todos os desejos naturaes de publicidade, em consequencia do numero avultado de artigos que diariamente affluem á nossa redacção, continuam a pronunciar-se os mesmos

queixumes a que não podemos dar prompto remedio.

Permitta-se-nos assignalar um nosso juvenil correspondente, o sr. H. B., a quem particularmente já respondemos com uma largueza a que nem sempre podemos attingir por falta de tempo, e que n'outra carta nos aconselha a darmos a preferencia aos novos, com prejuizo da collaboraçã dos consagrados. Tal medida é inexequivel: 1.º porque os novos, como é natural, nem sempre satisfazem ás exigencias litterarias em geral, e particularmente ás exigencias d'este genero de publicações; 2.º porque os nomes consagrados representam um valor commercial que não é licito desprezar n'um empreza que vive do publico; 3.º porque é naturalmente aos escriptores conhecidos que nos dirigimos para tratarem de assumptos de antemão pensados, e não seria correcto preterirmos artigos encommendados em favor dos que espontaneamente nos chegam, quando outras razões não militem para preferirmos os ultimos.

Brevemente respondemos assim ás suggestões, aliás muito amavelmente expressas, do nosso correspondente, e por esta fórma circular a todas as queixas e conselhos que no mesmo sentido nos são a miudo dirigidos.

Quanto ao exemplo, que o sr. H. B. nos aponta, de uma publicação annual que segue as suas ideias, basta asseverarmos que os nossos intuitos são outros, sem desmerecermos nos que tem tido ha largos annos em vista essa publicação.

AS CAPAS DOS «SERÕES»

Além das capas para os volumes já publicados do nosso *Magazine*, acham-se promptas capas para os dois volumes dos *Serões das Senhoras*, cada um dos quaes corresponde a um anno inteiro, ou dois volumes dos *Serões*, assim como o ante-rosto e frontispicio correspondentes. Prepara-se uma pasta adequada para reunir os differentes numeros da *Musica dos Serões*, emquanto não forem sufficientes para formar um volume encadernado.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á administração dos *Serões*, Passagem do *Anuario Commercial*, Praça dos Restauradores, n.º 27 — Lisboa.

Quinto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA.—Um trabalho photographico, que se adapte á decoraçãõ da capa dos **Serões**. Assumpto ao arbitrio dos concorrentes, dentro da clausula indicada: uma paizagem, um busto, uma figura inteira, um grupo de figuras, uma composiçãõ allegorica ou pittoresca, etc. A photographia pode preencher toda a pagina, comtanto que n'ella haja espaço adequado para se collocarem os respectivos dizeres, ou ser mais pequena para se adaptar a qualquer decoraçãõ arranjada *ad hoc*.

CONDIÇÕES

1.^a— As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9×12 centimetros.

2.^a— As photographias premiadas serão publicadas nas capas dos **Serões**, em numeros escolhidos pela direcçãõ. As que obtiverem mençãõ honrosa poderão igualmente ser aproveitadas para capas, ou publicadas no corpo da revista, conforme convier á direcçãõ. No primeiro caso, os autores terão o direito de receber a importancia d'ellas, segundo a tabella por que identicos trabalhos costumam ser remunerados pelos **Serões**.

3.^a— A propriedade das photographias premiadas, e das que, com mençãõ honrosa, forem aproveitadas nas capas da revista, ficarão pertencendo aos **Serões**.

4.^a— A direcçãõ dos **Serões** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.^a— A decisãõ do jury, escolhido pelos **Serões**, será definitiva.

6.^a— As provas devem ser enviadas á direcçãõ dos **Serões** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.

7.^a— Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma collecçãõ dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, ou substituir-se por livros de valor identico, editados pela casa Ferreira & Oliveira, Limitada. Poderá haver **dois terceiros premios**, caso concorram obras que justifiquem esta duplicaçãõ.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepçãõ — 15 de agosto

Titulo da photographia :

Local em que foi tirada :

Nome e endereço do photographo :

Declaraçãõ — *Declaro que não sou photographo de profissãõ e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura :

Endereço : Direcçãõ dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138, Lisboa — No verso do envelope a indicaçãõ : Quinto concurso photographico dos **Serões**.

MATERIAL ESCOLAR

A LIVRARIA

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138

tem á venda um grande sortimento de material para escolas e dá todos os esclarecimentos que lhe sejam pedidos sobre preços, qualidades, etc.

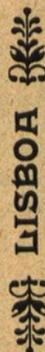
Especialidade em carteiras, louzas, caixas metricas, abacos, quadros de leitura, solidos geometricos, esferas terrestres, armillares de Copernico e Ptolomeo, globos celestes e quadros para o ensino das linguas e das sciencias.



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83



LISBOA



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA



A NACIONAL

Companhia Portuguesa de Seguros
sobre a vida humana

CAPITAL 200:000\$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as categorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde 20 réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

A VIDA SEXUAL

A VIDA SEXUAL

PELO

DOCTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.^a Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os orgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a menopausa. O instincto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.^a Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introducção Neuroses sexuaes. Heterosexualidade morbida. Homosexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados.

1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS Pelo correio, franco de porte

PERREIRA & OLIVEIRA, LIM.^{DA} — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Obras primas

D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

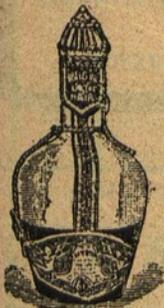
Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

ORTIGUIL
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.

PERFUMÉ ESQUISITO

Vende-se nos bons estabelecimentos de Portugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA, BALSEMÃO

R. dos Retrozeiros, 121
LISBOA

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

**O genio portuguez
aos pés de Maria**

1 vol 600

Raul Brandão

A FARÇA

NOVELLA DRAMATICA

1 vol. br..... 600

Luiz Guimarães, F.º

Pedras preciosas

VERSOS

1 vol. ed. de luxo... 1,500

GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza,
com a maior lealdade que sem ter a

pretensão de curar todos os epi-
lepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

Livraria Ferreira & Oliveira, Lmt.^{da}

132, RUA AUREA, 138

Tentações de S. Frei Gil

por Antonio Correia d'Oliveira — 1 volume lindamente cartonado, edição de luxo 700

Chrestomathia archaica

Excerptos da litteratura portugueza, desde o mais antigo que se conhece até ao seculo xvi, com introdução grammatical, notas e glossario, por José Joaquim Nunes — 1 volume cartonado 1\$000

Theologia moral

por Pedro Scavini, versão portugueza de Augusto Joaquim Alves dos Santos, lente de theologia da Universidade de Coimbra. **Acaba de sair o 3.º volume**, brochado 3\$000
 Obra completa, 3 volumes brochados 4\$500

Contos

por Modesta (Mafalda Mousinho d'Albuquerque), 1 volume brochado. 500

LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrucção primaria, organizados por

D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados officialmente para o triennio de 1907-1909:

1.ª classe	100 réis
2.ª e 3.ª classe.....	300 »
4.ª classe.....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organizadores, para corresponderem ao excellento acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.ª classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.ª e 3.ª e o da 4.ª de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.

Pedidos aos editores

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}

132, RUA AUREA, 138

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

Vida intellectual — *Revista illustrada* — Madrid, — Junho 1907 — Cheio de interesse e de primores litterarios nos apparece o novo numero d' esta revista, sob a direcção do illustre cathedratico Julio Nombele y Campos, o qual accentua o seu acrysolado amor pela litteratura portugueza, inserindo um bello estudo sobre *O anel de Polycrates* de Eugenio de Castro. Outros artigos de sciencia de critica, poesias, contos, um bello dramazinho preenchem admiravelmente este numero.

Descantes — por Carlos Estevam, Manoel Monteiro, A. Silveira Carvalho, Moreira Cardoso, Ademar Tavares — Recife, 1907 — Como o titulo indica, é uma pequena collecção de despretenciosas redondilhas, muitas com sabor popular, algumas de verdadeiro merito, rescendendo mocidade e cantando o ideal feminino.

La Lectura — *Revista de sciencias y de artes* — n.º 78 — Anno 7.º — julho de 1907 — Summario: — Fernando Branetiére — Emilia Pardo Bazan. La Solidaridad catalana — Antonio Royo Villanova. Un libro notable — Adolfo A. Buylla — Poesias inéditas — Clarin. Sociologia: Elaboracion de una doctrina — Adolfo Posada. Cronica americana — Manóel Ugarte. Libros: Trompetas de órgano — J. Martínez Abbacete. Le romantisme français — B. — Roma e lo stato del Papa del ritorno di Pio IX al xx settembre — J. d'A. Libros recientes. Prensa: En la ciudad de Shakespeare (corriere d'ella Sera) Revista de revistas — Julian Juderias. — Españolas — Hispano-americanas — Inglesas y Norteamericanas — Libros recibidos.

Revista de Manica e Sofala — 4.ª Serie — Junho de 1907 — n.º 40 — Administração — Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida — Lisboa.

Archeologo Português — *Collecção illustrada de materiaes e noticias* — Publicada pelo Muzeu Ethnologico Português.

Renascença — *Revista mensal illustrada* — Letras, sciencias e artes — n.º 39 — Maio de 1907 — Rua do Ouvidor, 151 — Rio de Janeiro — Summario: — Manoel Odorico Mendes — Dunshee de Abranches Anita Garibaldi em Roma — Manoel de Souza Pinto — Oscar Wilde — João do Rio — Politica Exterior — Gastão Ruch — Suspiros — Tito Livio — S. Diogo — Eduardo Marques Peixoto — Da Construção Vernacula — Hemeterio dos Santos —

O caraça e as suas grutas — José Pereira — Rego Filho — Ensaio social — Arthur Guimarães — Dr. Abreu Fialho — Templos estellares — Leal de Sousa — Hospital de Tuberculose — A operação do monstro xiphopago — Erico Coelho — Paginas esquecidas — Urbano dos Santos Pierrot — Oscar Lopes — Chronica musical Iovau d'Hunac — Faustos e glorias de Pernambuco — Souto Maior — Actualidade.

Tuberculose — *Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos* — Redacção e Administração: Instituto Rainha D. Amelia — Lisboa.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XIV — Abril e Maio — Redacção e Administração: R. Aurea 177 — Lisboa.

A Contrução Moderna — *Revista illustrada* — n.º 33 — Junho — Redacção: R. Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

Paris! — por Luiz da Camara Reys — Coimbra, 1907 — Serie de impressões ligeiras de uma estada na grande metropole, sentidas por um espirito lucido e expressas por uma penna original e brilhante. O sr. Camara Reys, vantajosamente conhecido pelos leitores dos *Serões*, afirma-se n' este livrinho um escriptor de altas esperanças, de uma ponderada juvenildade, de um humorismo facil, de uma sobria elegancia. Exacerba o desejo, que de viva voz lhe formulámos, de maior effectividade na sua collaboração nos *Serões*.

Bocas do mundo — por Severo Portella — Lisboa, 1907 — Artigos interessantes sobre aspectos da vida lisboeta, em que se versan assumptos de arte, de philosophia social, de ethnographia, n' um estylo imaginoso e exuberante. Pequenas aguarellas a claro escuro, algumas tocadas com vigor, reuando um sentimento de piedade pelos fracos e humildes.

Historia de uma mocidade — por Antonio Granjó — Coimbra, 1907 — Trecho de autobiographia sentimental, em que á tyrannia do amor se oppõem os direitos imprescindiveis da alma humana, sedenta da liberdade. Sensibilidade exarcerbrada. conflicto subjectivo de paixões, lavas vulcanicas de mocidade, romanescas visões, tudo expresso em linguagem vigorosa que denuncia plausiveis aptidões litterarias.

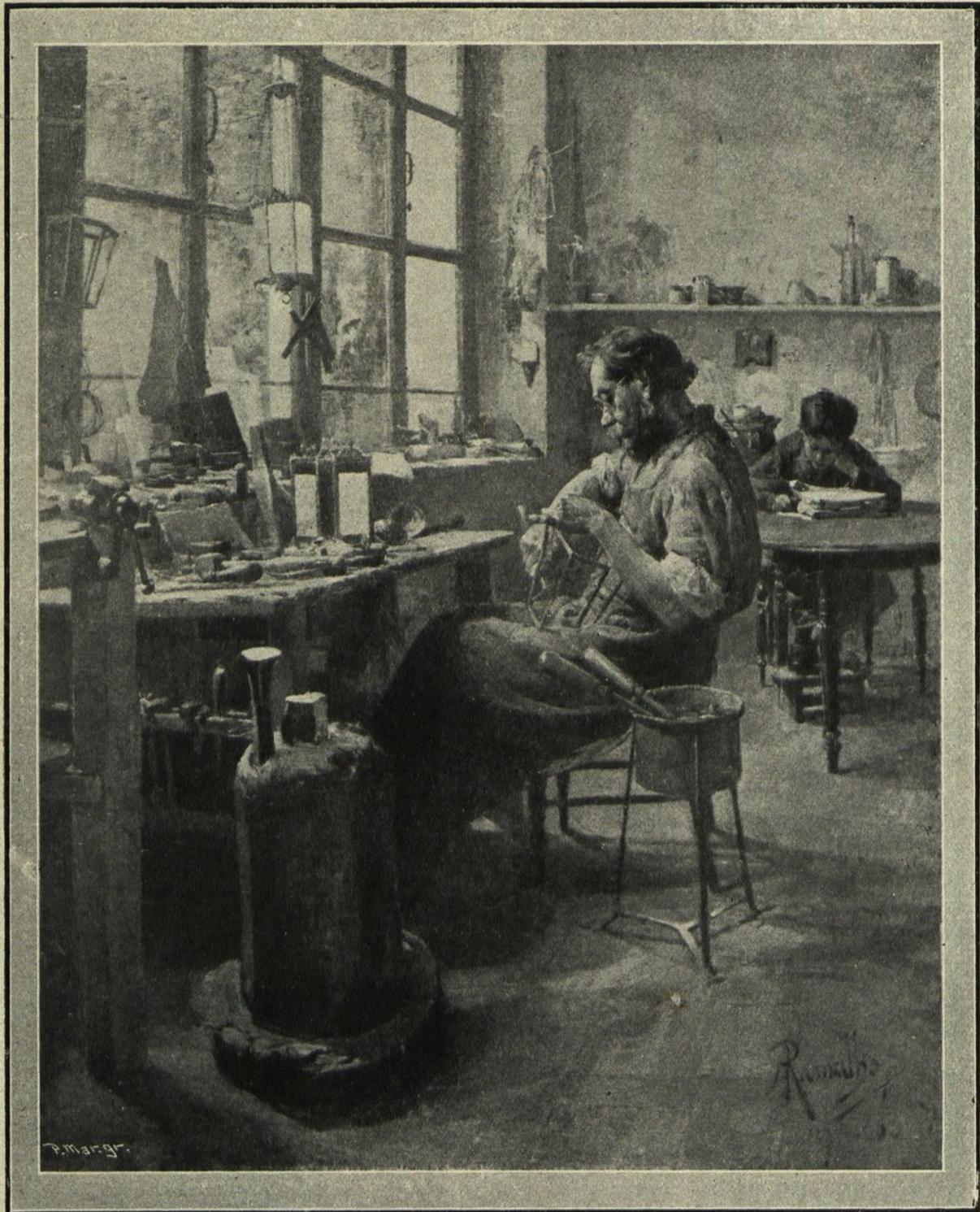
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre	1\$200	Moeda fraca	Frs.
Trimestre	600	12\$000	15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes



O LANTERNEIRO

Quadro de Antonio Ramalho



O pintor
Antonio Ramalho

Uma vida entre o café e o atelier — Ramalho bohemio e satyrico — Traços geraes sobre o homem e sobre o artista.

Traços phisicos e psycholicos
— Como o artista philosopha sobre a vida

Todas as tardes, entre as seis e as oito horas, é facil encontrar a alguma das mesas do café Martinho, em palestra amena com os seus amigos, o pintor Antonio Ramalho.

E' um homem robusto e são, de ormas estheticamente proporcionadas, apesar da sua estatura meã sobrepujada por uma cabeça leonina.

Com o seu grande chapeu molle, architectonicamente acanalado ao meio, quasi sempre empinado para a nuca; com a sua fronte de forma muito especial, desafogada e ampla, delimitada em toda a sua extensão por uma curva modelar, nascida da intercessão da pelle com os cabellos grisalhos, que parecem uma estriga de prata fôscas, brunidas e desfiadas; com os seus sobr'olhos espessos e fortes, de um negro re-tinto, em cuja ondulação vivaz se nos mostram espetados e serpenteantes, dois ou tres cabellos refilões, já brancos; com os seus olhitos brilhantes e finórios a enterrarem-se agarotadamente no adipo das palpebras papudas e sensuaes; com as suas faces gordas, em que ha um não sei quê de abbadengo e de trocista, que lhe é disfôrçado pelo farto e bojudo bigode á Flaubert; com as suas orelhas delicadas e rijas, quasi de côr de morango, de onde irrompe um pasto negro de cabellos, a dar-nos a evocação maliciosa das orelhas de algum fauno: eis o homem.

Accrescente-se a isto, que, todo este conjunto de pessoa como que inventada nos fere

a retina, logo á primeira vista, por tão harmonica invulgaridade, e ter-se-ha, esquispada, a phisica individualidade de Ramalho.

Nada de doentio nem de morbido, antes tudo saude e energia, tudo vigor, n'essa creatura que vive exclusivamente para a arte, n'uma epoca em que dizer artista é quasi dizer flor de estufa ou entidade á parte, com seu tanto ou quanto de morbidez adestricta, uma como que annotação esmaecida e tracejada ao de leve, e a lapis, á margem da pagina gritante e brutal da fecunda e verdadeira vida...

Callado e quedo, com a sua phisionomia gorducha embuçada no seu tanto ou quanto de problematica, fugaz misantropia, gestos e fallas mansas de uma indolencia de pachá, este homem passaria por uma entidade muito material, se os seus olhinhos ridentes, de um brilho muito especial, não nos fallassem, lá de dentro de suas palpebras, uma linguagem aguda e intelligente, em que, a clarões da mais expontanea bondade se misturam umas espicaçantes e aggressivas scintillações de investigação finória, como que inquisitorial.

Apenas falle, Ramalho transfigurar-se-ha. Por todo o seu rosto se espalhará uma ra-deante expressão de intellectualidade, e a sua voz coleante, de um arrastado melodioso, far-nos-ha lembrar algum cadenciado, terno marulhar de regato crystallino, brotando da sua alma limpida e serena. E então, pela conversa a deante, alli se nos irá mostrando o quadro encantador d'esse deslize de arroio serpeando por entre pedrinhas e sarças verdejantes, aqui brincalhão, na apreciação suave de algum facto

social ou de algum motivo de arte, marulhante allí, em cachão, algum sarcasmo amargo, — pedregulho da vida —, mais além, resaltante, no recorte de algum recife laminento, — alguma satyra cortante, e tudo para que? Só para mostrar, no rasgar das aguas, o seu crystal mais puro, iriado pela luz!

Tal a maneira do artista na sua conversação, porque afinal, todos os seus pesares, todas as suas maguas se lhe transformam na alma em ironia calma, e em quebreira cantante de musical optimismo.

entre o café e o *atelier*, vivendo muito a seu modo, com a philosophia de que *a vida são dois dias, que o homem tem obrigação de ser morigerado nas idéas como nos hábitos, de fazer bem aos outros sem que se prejudique a si, e de respeitar as leis e os cultos, para assegurar a felicidade dos homens, se já algum dia elles se julgaram felizes, ou que mais não seja, para evitar discordias e perturbações na tranquillidade d'esta curta vida.*

E assim, rindo de D. Quichote e não desdenhando o seu Sancho Pança, vivendo philoso-



AO SERÃO

De modo que, tudo quanto allí entre negro, ainda por mais lutuoso e triste, sahirá radeante e illuminado, como transformado em *polycromia de sons*, pela palleta do seu fino espiritualismo de arte.

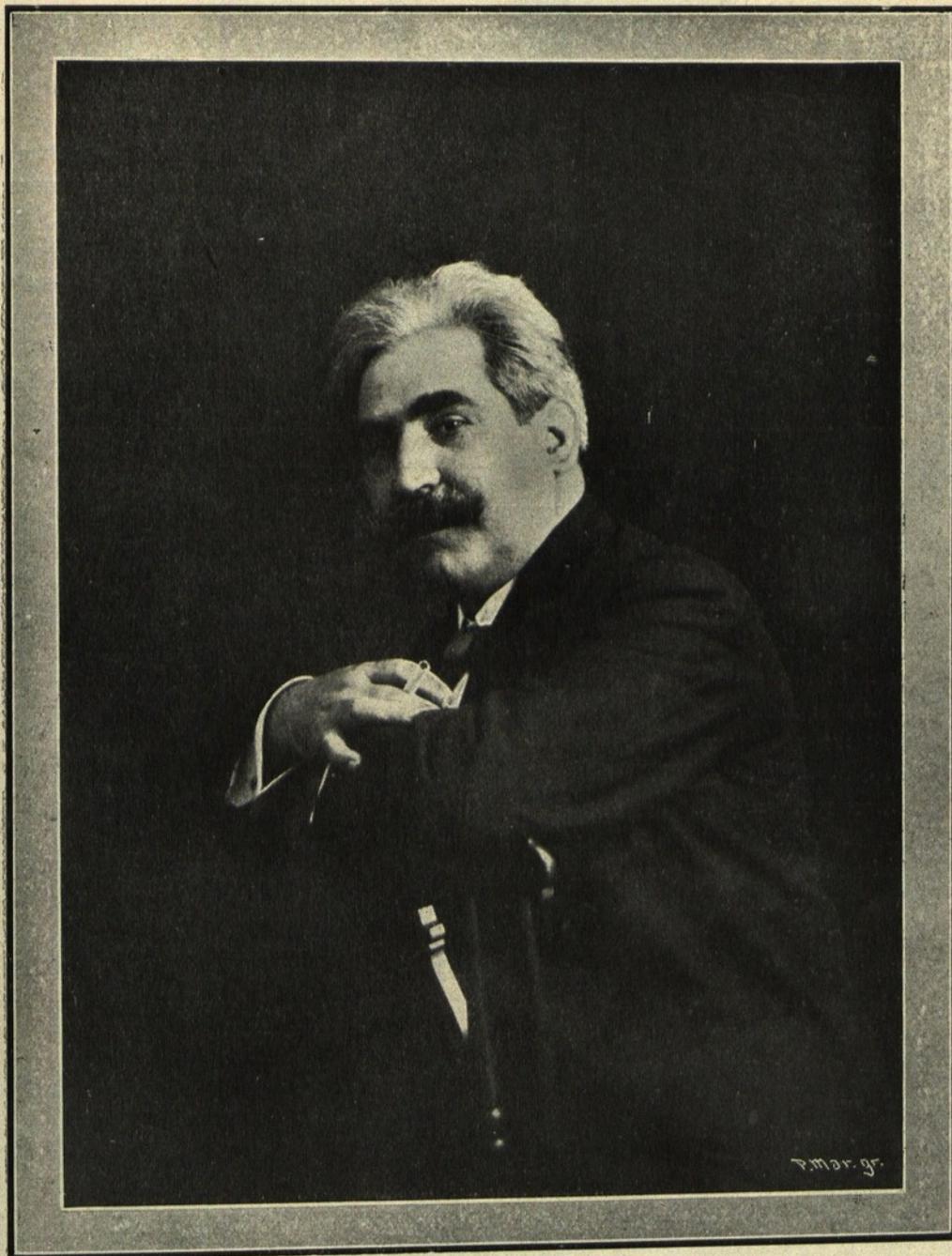
E assim passa Ramalho a vida, descuidosamente, fóra das suas horas de trabalho, como descuidosas lhes são aquellas em que labora, porque, emquanto trabalha, tudo por amor á arte esquece.

N'aquelle habito que lhe ficou da vida em Paris, elle é o artista que reparte a sua vida

phicamente, um tanto no Ecclesiastes; positivamente, na Terra, (especialmente no restaurante e no *atelier*); e como artista, um tanto com a natureza, com a religião, e com o Infinito, pelas locubrações da sua arte esoterica e progressiva, ei-lo pela vida adeante, de braço-dado com o seu sorriso nem sempre indefeso, porque ás vezes é elle importuno e cheio de atrevimentos felinos, quando de entre o seu farto bigode, lhe sahe tilintante de ironias a voz que desabrocha em satyra, algumas vezes fulminante para os seus companheiros de

mesa, porque Ramalho, ao lado do culto que professa, de bondade e de tolerancia para com o proximo, possui tambem finuras agatanhan-

das afeições que possa dimanar de uma alma de bohemio e de artista, e por conseguinte: bondosa e dedicada.



ANTONIO RAMALHO

tes de gato escaldado, um bello egoismo de satânico, e uma incommensuravel malicia de silvano desconfiado, como bom trasmontano de origem.

No intimo, porém, Ramalho é o melhor dos homens, e os seus amigos, se algum não desconfiou ahi p'la vida fóra, foram e são por elle conservados, com a mais perduravel e soberba

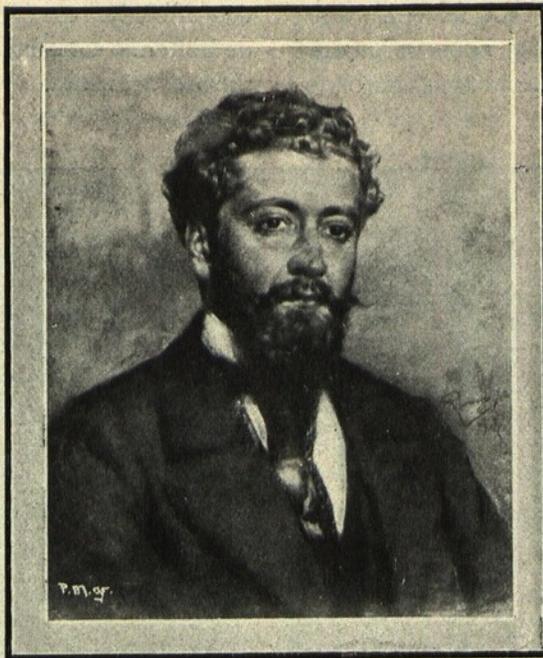
O artista entre os seus amigos
— Guerra de palestra com ballas de rethorica

A' mesa, com Ramalho, reúnem-se no «Martinho» ou no «Leão» algumas das pessoas que elle mais estima, entre ellas uma pequena parte da *élite* da arte lisboeta, e que se destaca pela severidade das suas apreciações, as intran-

sigencias do mais puro individualismo, e sobre tudo, pela caustica ironia com que sublinha as conversações.

Vemos n'essas reuniões familiares, quasi diariamente, as mesmas caras em que ha um rictus entre gracioso e sarcastico, de homens affeitos ás pugnas da vida e da arte, tendo visto passar ante si mais de trinta annos de sociedade alfacinha, conhecendo-lhe todo o feitio e todas as manhas, apreciando-a atravez de um kaleidoscopio de riso, e fazendo, ás vezes, curiosas, saudosas digressões ao passado, criticando, satyrisando.

Apparecem alli, entre outros individuos, o

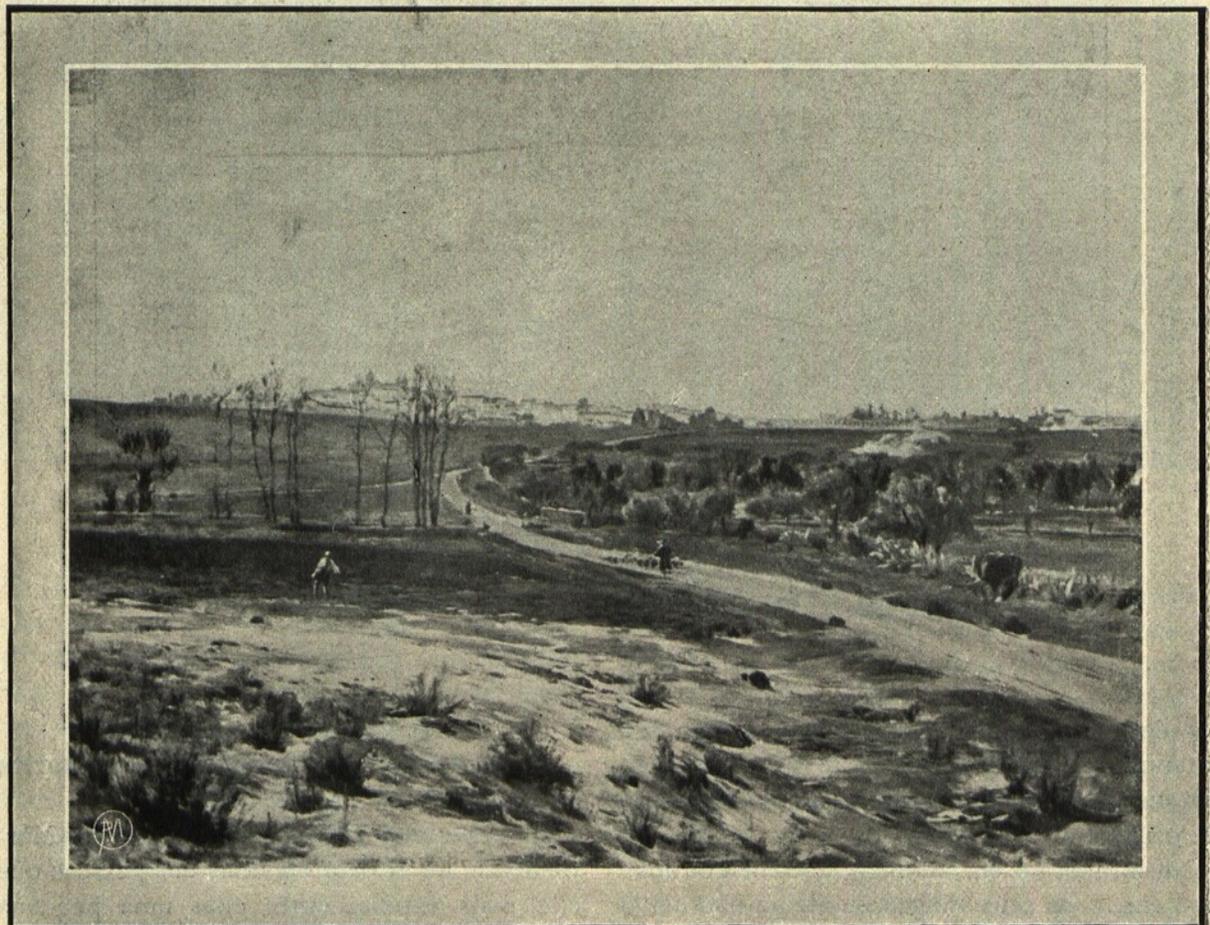


FETRATO DO EZEQUIEL

primoroso actor sr. Ferreira da Silva, o illustre dramaturgo sr. Marcelino de Mesquita, o distincto critico sr. Fialho de Almeida, o caustico ironista Gualdino Gomes, etc.

De todos elles, Ramalho não é o menos animado nem o menos caustico. E se, nem sempre a sua ironia pódde ser descripta com vantagem, porque a sua satyra é mais de occasião e de flagrante, e portanto legitimamente mimica e verbal, não é menos certo que, não poucas vezes, a intensa e queimante ironia

de Fialho tem ido ás do cabo, com alguns dos dizeres do nosso criticado. Não! que elle



não falla muito, mas tem um tal geito de dizer as coisas!

A's vezes, não achando presa á mão, os bons dos camaradas esgrimem uns com os outros, e então é que é ve-los! Não é raro algum dos *habitués* sair pela porta fóra, jurando no incendiado das faces e no esfusiar colerico dos olhos, lá com os seus botões, que lhe não porão a

Mas, para não demorar muito os que me lerem, na sua expectativa, e sem pretender fazer aqui registo da serie de anedotas mais ou menos notaveis, que dariam muito boas paginas, permitta-se-me, no entanto, dar no resumido *esboço de estudo de uma personalidade artistica*, alguma coisa sobre a sua maneira de ser satyrica.



PASTOR DO ALEMTEJO

vista em cima, pelo menos durante .. tres dias! Mas oh! miraculoso poder da camaradagem e da palestra! Aquillo passa com os primeiros borrifos de reflexão séria, e no dia seguinte, lá os tereis a todos, desplicando-se encarniçados, como se foram gallos de combate.

Aquelle vicio de ironia e de disputa ficou a alguns, do tempo em que uma grande pleiade de artistas, quasi todos ainda hoje vivos, se reunia allí no «Grupo Leão», onde se travavam polemicas notaveis no genero, havendo duellos verdadeiramente sangrentos entre Ramalho e um estudante da medica, hoje distincto clinico, Fortunato da Fonseca, satyrico consumado, mas que apesar de tudo, com Ramalho, não as levava a melhor.

Tres anedotas: — Casado, solteiro e viuvo, ou a anedota do ai! — Fialho, tomas alguma coisa? — Matadores infalliveis

Um dia estava Ramalho no *Martinho*, tomando com todo o seu ripanso o seu café, acompanhado de alguns amigos.

N'isto, entra Fialho, relanceando ás furtadellas, incertamente, os seus olhinhos vagabundos e dissimulados de espertalhão e de manhoso, n'aquelle olhar muito especial com que elle vê tudo, fingindo nada ver... E ou por que elle não tivesse visto o artista, ou por que não estivesse para o cumprimentar, foi sentar-se a outra mesa, e começou fallando, com os que a ella estavam de umas decora-

ções que deviam dentro de pouco ser encommendadas. E levantando a voz, Fialho, n'aquella maneira scintillante e persuasiva que todos mais ou menos lhe conhecemos, e em que cada pala-

vra tem já o seu lugar marcado, disse: «Ora, essas decorações deviam, a meu ver, ser feitas por um artista de pujança, com o verdadeiro culto do desenho e da anatomia, em summa, por um decora-

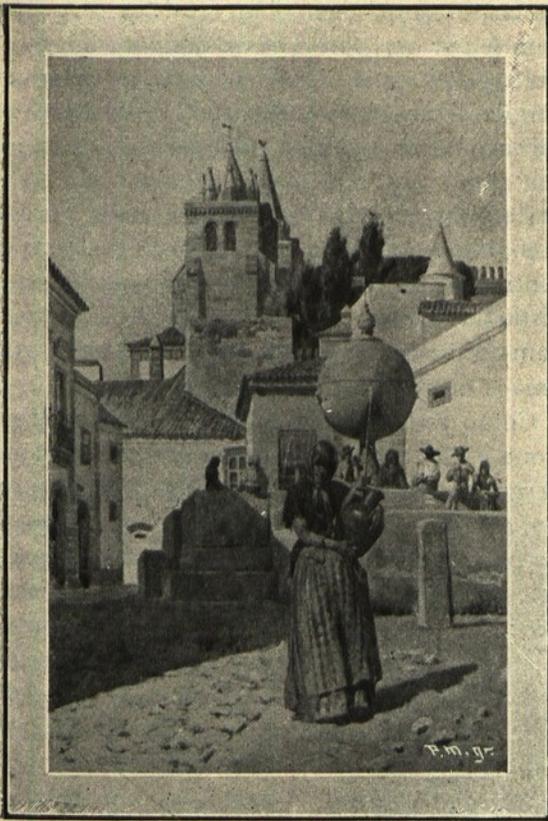


O PINTOR
ANTONIO RAMALHO
Entrando para o seu atelier no paeo do Museu de Bellas artes.



TRABALHANDO

dor a valer, como Ramalho. O Ramalho, é, a meu ver, o pintor typo para o caso de que se trata.» Callouse Fialho, e n'esse instante o artista, que estivera de ouvido á escuta, ao acabar de ouvir o elogio,



PORTAS DE MOURA
(Evora)

inclina a cabeça para o lado, n'um gesto muito seu, e piscando os olhinhos, a mão espalmada e estendida, grita de lá ao critico, com umas fallinhas mansas, muito sardonicas :

— O' Fialho, tomas alguma coisa ?

O effeito produzido pela piada e principalmente *pelo tom em que foi dicta* causaram o maior effeito, tanto mais que, Fialho voltando-se, teve de agradecer a offerta, muito solemnemente.

De outra, vez estava o artista com seus amigos a uma das mesas do mesmo café. Entre os interlocutores havia tres que se lamentavam muito da má sorte, que os perseguia. Queixava-se um da sua viuvez, de uma vida quasi sem eira nem beira, sem carinhos nem affagos; um outro lamentava-se da vida sensaborona de solteirão, aos baldões dos extranhos; um terceiro vociferava pela sua vida de casado, vida acorrentada a visitas, a etiquetas, a convenções, a despezas demasiadas, cuidados pelos filhos, o diabo !

Ramalho, que não via nos tres razões muito cabaes para tanta tristesa, deita-lhes um olhar muito enternecido, e quando elles esperavam, talvez, ouvir da sua bocca alguma palavra com-

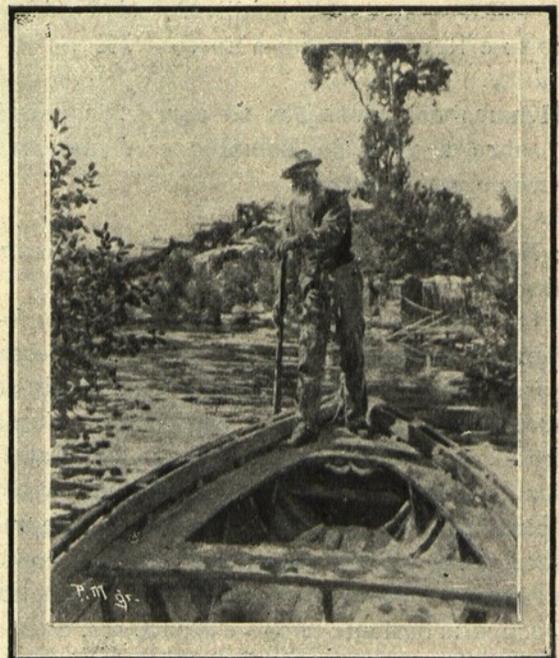
passiva, levanta-se elle, põe o chapéu devagarinho, e olhos postos no ceu, entreabrindo os labios n'um gesto seraphico de puro frade cuja alma quizesse emigrar para o seio do Senhor, solta um ai ! muito commovente e dolorido, e sahindo, deixou os tres tão desconcertados, que, quem estava proximo não poude furtar-se a rir.

Um dia d'estes, ao procura-lo para que me dissesse do paradeiro d'alguns de seus quadros que eu apenas conhecia de catálogo, fallando-lhe no picaresco caso disse-me elle :

— Que queria o meu amigo que eu fizesse perante desgraças tão irremediaveis ? Elles representavam os tres estados, casado, solteiro e viuvo ; não havia mais nenhum a dar-lhes, restava carpir aquella triste sorte. Ora eu, como para carpideira nunca tive geito, dei um ai para os alliviar...

Se não temesse aborrecer os leitores com o prolongamento da prosa d'este artigo, muitas anedotas interessantes lhes poderia contar. No entanto, não me propondo abusar, permitto-n.e descrever mais uma :

Estava um dia jantando no *Leão d'Ouro*, segundo o seu habito, Ramalho, e acompanhavam-no, como quasi sempre, á mesa, em cavaqueira, alguns artistas. Entre os convivas contava-se um medico, ao que parece muito celebre ao tempo, pelos prodigios da sua clinica, porque doente que lhe cahisse nas unhas, era com certeza homem morto...



O TIO JERONYMO



CABEÇA DE CRIANÇA

Discutia-se uma das ultimas toiradas e a conversação recahira naturalmente na apreciação dos melhores cavalleiros, os melhores espadas e lidadores.

Uns eram pelo Espartero outros pelo Reverte e as opiniões desencontravam-se e dividiam-se, quando de repente o artista faz menção de tomar a palavra, e n'uma grande seriedade diz :

— Eu, matadores infalliveis, só conheço dois : o Reverte, e aqui o nosso dr. X..»

Algumas considerações ao correr da penna sobre a vida de Ramalho e a sua obra como generalidade.

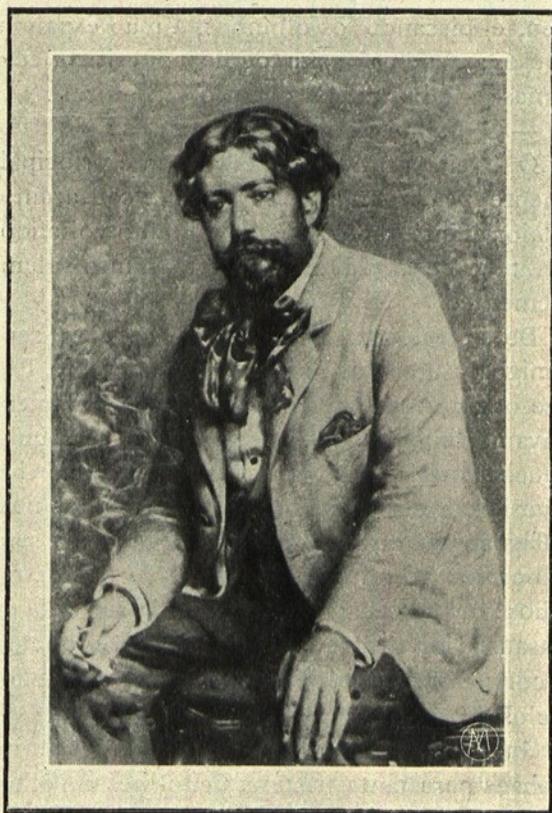
Nem sempre a vida de Ramalho foi assim alegre e descuidosa.

Os primeiros tramites da sua existencia foram uma verdadeira senda de espinhos ; esta, porém, foi curta, e a alma do artista, vendo-se acolhida benevolmente, crystallizou n'uma gratidão para com o mundo, tendo d'elle, atravez de todas as ideas e vicissitudes, uma visão optimista que, longe de o prejudicar o engradece, porque o faz tolerante e bondoso, como na arte o ensina a ser proporcional e bello. Occuparia bastante tempo e espaço, um estudo detido sobre esta inconfundivel, typica organização de artista, e não poderia synthetisar-se

no curto campo das columnas de uma revista, nem é, por ora, esse o nosso desideratum com ; tudo, publicando n'estas paginas, a reprodução de alguns dos seus quadros, necessario se torna o fazer algumas considerações sobre a sua obra.

Ramalho tem a sua vida na mais pura e completa correlação com a sua arte. Esta é sentida e sincera, como a sua personalidade é distincta e bem marcada. Vida e arte irmanam-se tão bem n'essa esoterica creatura, que uma e outra são n'ella inseparaveis.

Como trabalha elle ? Porque processos visiona e dá corpo aos seus trabalhos ? Eis uma pergunta a que seria muito difficil responder. Na opinião de alguns, Ramalho tem passado por mandrião. Puro engano. O contrario attesta a sua obra enorme, em grande parte desconhecida, devido ao feitio retrahido e modesto do artista. Tal opinião, porém, se pode radicar-se, por momentos, n'aquelles que só de longe lhe tenham visto a obra, cahirá pela base, depois de mais demorada analyse. A tal respeito, condenam-o, é certo, as apparencias, pela morosidade com que trata os seus quadros. O que elle é, é um artista de producção morosa, como todos aquelles cuja alma é insa-



RETRATO DE ROQUE GAMEIRO

ciavel de perfeição. Sequioso do seu ideal, em vez de apressar-se a dar corpo á sua obra, não quer correr o mais leve risco de a fazer sossobrar, e dia a dia procura aproximal-a mais do seu ideal de Belleza. Artista puro e convicto, fazendo da arte o seu unico cuidado, sem aspirações a enriquecer pelo pincel, sem ambições nem ganancias materiaes — porque como elle diz: «não se pode levar para a cova um rio de oiro, nem a alma levará para o infinito, thesouros nem palacios», artista puro e convicto, — dizia eu — com aquelle feitio bohemio de serenidade e de descuido, sem a mais leve ambição de van-gloria, e creio até que nem de gloria, porque, como elle tambem diz com o Ecclesiastes: *tudo é vaidade*, o seu ser integra-se e concretisa-se todo no seu unico ideal, o da pura arte. De ahi o encontramos nas suas telas essa serenidade, essa firmeza, reveladoras do mais acrisolado estudo, e em que se nota a factura por um caminho recto e sem tergiversações, na grande viagem da sua immensa, insatisfeita, e sempre calma aspiração.

A característica mais geral da sua obra, a que sobresaie a tra-vez de todas as outras, é: a harmonia mais completa, dada por uma sabia e muito bem

escolhida atenuação de côres, pelo desenho firme e consciente, feito com rasgada energia, como a característica geral do homem é, a tra-vez de todas as vicissitudes da vida, a harmonia das idéas e aspirações, tambem atenuadas por essa philosophia de desprendimento muito seu, e a energia com que as mantem, emmolduradas no esoterismo dôce e firme em que a sua vida, ainda nos momentos mais amargos, crystallizou, sempre fina, delicada e optimistamente.

Na decoração, Ramalho transporta-se com toda a alma á situação dos assumptos, de modo que, sendo a sua maneira artistica sempre a mesma, em digressão a tra-vez dos seus quadros a nossa vista nunca se monotonisa, antes se distrahe sempre, pela empolgante diversidade que o seu pincel imprime á tela, vestindo-a e variando-a com as nuances mais raras, e os mais harmonicos e sentimentaes coloridos, em que ao lado da vida palpitante ha um envolvido dôce que a suavisa idealmente.

Na paisagem o artista affirma-se com a mesma dulcificante suavidade, e os assumptos que escolhe e executa participam da doce e embaladora melancolia do seu *envolvido* de atenuação; a sua paisagem é vigorosa e sentimental, preferindo o pintor as concentrações outomnaes da natureza ás côres gritantes que a ferem e irritam.

O seu pincel, irrequieto e nomada, imagem do espirito vagabundo do artista insatisfeito, vae com a mesma facilidade da paisagem para a decoração, da decoração para a pintura de genero, do impressionismo par o realismo, sempre livre, intenso e caracteristico.

Como o artista é variavel nas suas modalidades de arte, assim o homem é variavel na sua vida. A não

ser á hora de palestrar com os seus amigos, Ramalho tanto poderá ser encontrado a jantar ás duas, como ás sete, como á meia noite, e não lhes garanto que seja em ponto. Tambem, como artista, hoje o encontrareis trabalhando na Escola Medica de Lisboa, amanhã no Grande Hotel do Bussaco, e qualquer dia no... Japão, na America, ou em casa de Deus verdadeiro.

Ás vezes, repentinamente, Ramalho desaparece, e então dariamos um doce a quem



A MUSICA (PANNEAU DECORATIVO)

Na cervejaria Jansen

lhe puzesse a vista em cima. Não é raro ouvir n'essas occasiões entre os seus amigos: — Onde estará Ramalho? — Que será feito de Ramalho? Onde diabo se metteria o Ramalho?

Consultado sobre o caso, no primeiro dia de apparecimento, se nos disser que foi á Lua, teremos que acredita-lo, porque na sua jocosa affirmativa, desenvolverá um talento á Bergerac.

No retrato, o artista faz gala em nos dar em vez dos fundos neutros os historiadados, para que não se diga que para fazer sobresahir os seus retratos precisa de recorrer a chavões.

E' uma especie de desafio artistico que o acompanha desde as suas primeiras obras, com o qual elle se diverte a domar a arte, tornando-a mais difficil propositadamente, para depois com ella esgrimir, para degladiar-se

com o dragão que está á entrada do palacio encantado, para o vencer, para lá entrar triumphante!

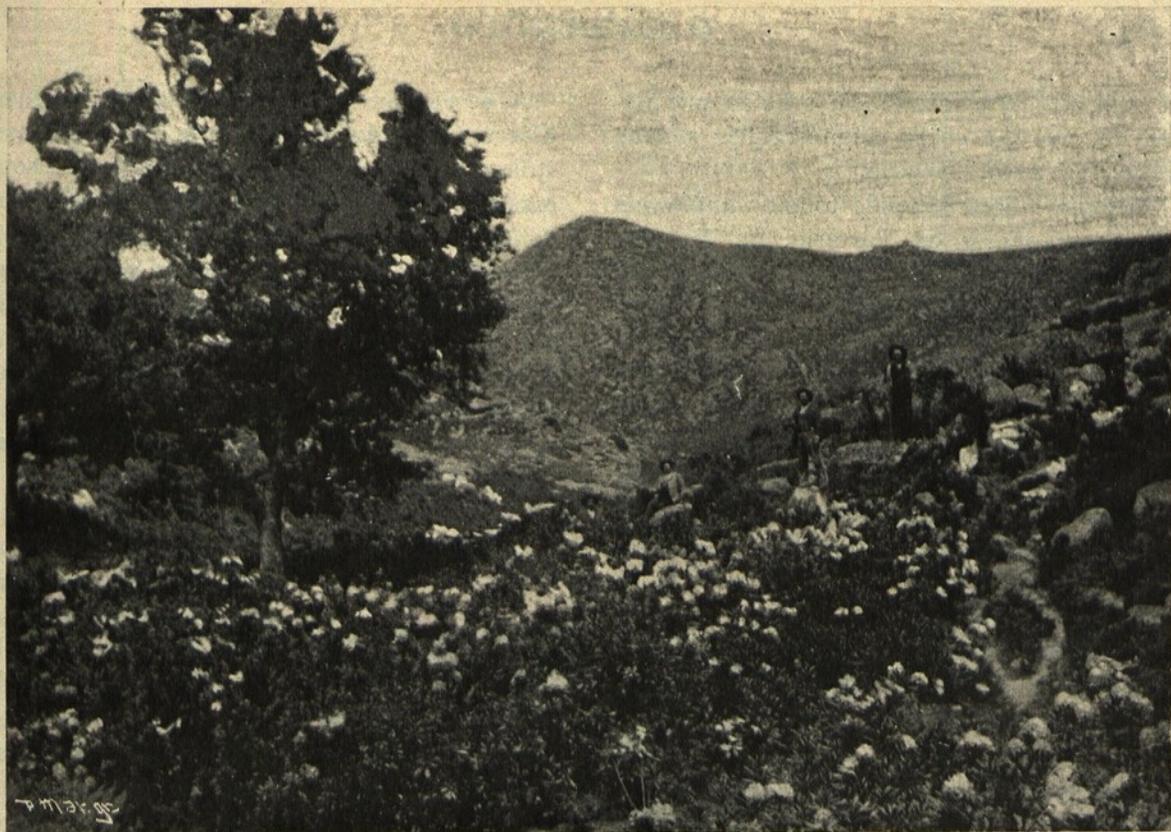
E como generalidade, em todas as suas telas, uma maneira technica de dar os toques, a um tempo sóbria e vitalisante, fazendo resumir nas suas figuras a vida, sem que n'ellas se veja resumir a tinta.

Fino observador da natureza, quebra continuamente com tudo o que possa parecer-lhe artificial, e criticando ao mesmo tempo que pinta, não larga de mão uma das suas obras emquanto não haja posto para alli toda a sua sciencia e vitalidade artisticas. Finalmente, pela mesma forma que a sua vagarosa e suave maneira de ser psychica nos revela, na conversação, um grande e original espirito, tambem a sua detida e concentrada maneira de artista nos revela um original e inconfundivel pintor

EUGENIO VIEIRA.



A APANHA DE AZEITONA



RODODENDROS EM FLÔR, NA FREGUEZIA DE CAMPIA

O CARAMULO

Aos meus amigos Mayer Garçon
e Sílvia Rebello — poetas da luz e
da paisagem.

I

— Cinco horas de ascensão. Tartarin de Tarascon no Caramulo. Desalento e paisagem. A flora da serra. Um caminho! Emfim, elles!



Não sei se os meus amigos leram já aquella obra de Daudet, o *Tartarin*, onde se contam as prodigiosas aventuras do grande heroe de Tarascon... Eu li-a ha já bons oito annos e lembra-me sempre com dó e com tristeza esse pobre Tartarin, caindo continuamente tão abaixo da sua propria natureza, enganado dos homens, enganado de si, mas sobretudo comicamente desgraçado e miseravel nas suas empresas sempre falhas, nas suas aventuras sempre desastradas.

Eu que me rira de Gargantua e Pantagrue, que tinha e tenho ainda em Gil Blas e D. Quixote remedio para tristezas; eu que lera Boccaccio e La Fontaine, acompanhando sempre, alegremente, Swift e Julio Verne nas suas viagens, não pude nunca zombar de Tartarin, sorrir sequer ante a figura truanesca d'esse meu pobre e iludido heroe de Tarascon.

Ser Tartarin para mim era o cumulo da infelicidade humana.

Essa desventurada personagem tornara-se, a meus olhos, o modelo de toda a idiotia e palermice. Tanto que, quando um visinho ou conhecido meu, estendia roupa que não tinha, apregoando factos que não praticara, eu dizia logo: um Tartarin. Sempre que no meu tempo de collegial, algum professor alardeava sciencia e virtude que não possuia, eu repetia: Tartarin. E se um literato vinha mostrar-me

as suas coisas, traçando em seguida mil planos de diversas obras magnificas, eu repetia ainda: Tartarin, Tartarin.

Pois bem: fique sabendo todo o mundo que eu, o lamentador de Tartarin, fui Tartarin este anno, a 13 de setembro, na encosta d'uma serra, entre penhascos e arvoredos.

*

O Caramulo, como eu julgava conhecê-lo!

Tinha-o subido pelo sul, descido pelo norte; havia-o trepado a sueste e a sudoeste, atravessado de oriente a occidente, crendo-me por isso senhor de todos os caminhos e segredos da serra. Nunca, porém, subira eu a costa arborizada do nascente, que vaé de Castelões na planície, ás Laceiras, quasi no alto da montanha.

Sósinho como Tartarin nos Alpes, procurando subir pela primeira vez ao *Rigi-Kulm*, eu comecei também minha ascensão, em demanda d'outro *Rigi-Kulm*, — esse famoso pico, que é marco e corôa de toda a serra e onde, á uma hora da tarde, me esperariam sete camaradas.

As minhas botas solidas, ferradas, o meu forte varapau de mar-meleiro, vontade firme, estomago quente, largo chapéu serrano,

aparando o sol ardente, roupa leve, corpo livre, tudo me dava o aspecto d'um Humboldt valoroso e triumphante, que fosse, não subir ao pequeno Caramulo, mas trepar aos imensos, incomensuraveis Andes.

Ah! viessem cá dizer-me que era viagem para duas horas, que eu apostaria os thesouros de Alexandre contra um simples copo d'agua fresca, em como d'ahi a 40 ou 50 minutos estaria comendo a coxa d'um cabrito a 1:070 metros, sobre o nivel dos mares!

A serra começa logo a ser fresca e cheia d'arvores frondosas, pinheiros, sobreiros, carvalhos, castanheiros... Mas para o que a sobe essa frescura parece que em nada atenua o ardente calôr que ali embate, porque depois d'um quarto d'hora de caminho, todo o mortal que a fôr subindo sente desejos de des- apertar o colete, quando lhe não succede, como a mim, a quem dez minutos de subida obrigaram a despir o casaco.

Não ha caminhos e entre tantos horisontes bellos nenhum aproveita ao viajante, para a direcção da sua marcha.

Ha carreiros apenas. Carreiros e atalhos que surgem de toda a parte, ccomo os penedos e os barrancos.

E as primeiras dificuldades surgem... Por onde tomar? Serão de gente? serão de gado? serão de lobos?

Toma-se pelo mais seguido. Mas d'ahi a pouco encontramos no fundo d'um valle, junto d'uma presa d'agua ou á entrada d'um pequeno lameiro, com os pés enterrados em agua.

Não hesitamos: toma-se a pique pela encosta fora, até se encontrar novo carreiro.

Uma vez restabelecida a marcha, julga a gente que se não perde mais, quando deparamos com um despnhadeiro onde ficaremos para sempre,

com o arcaboço em pedaços, se teirmos em avançar.

E não ha remedio senão retroceder. Retrocede-se, pois, para se subir de novo, a prumo.

Outros atalhos, outros carreiros surgem.

Emfim, é neste que heide encontrar alguém, este hade ir dar a alguma parte...

Mas não: essa immensidade de carreiros e atalhos vão dar a toda a parte sem ir dar nunca a parte alguma.

Eu que principiara a subir ás onze e tal, en-



DOIS EXCURSIONISTAS: THOMAZ DA FONSECA
E LOPES D'OLIVEIRA

contrava-me ás duas cheio de cansaço e desalento por ver o meu caminho só em meio e o peor para subir ainda.

Todos os lenços que levara estavam encharcados em suor; a camisa uma sopa e das ceroulas o suor corria para as botas de tal modo que os pés lá dentro chapinhavam *clá, clá*, como n'um charco estagnado. Só posso dar a ideia exata d'esse inferno dizendo que os membros semelhavam cascatas e os poros fontes d'agua viva.

Ao começar uma subida mais difficil, parava para me limpar.

E era ao começar de novo que Tartarin descia a mim, dando-me a sua fraqueza e o seu ridiculo.

Como se parecia com as d'elle esta aventura!

Depois, — que zanga e que martirio! — em mim começava tambem a nascer já um Tartarin Sancho e um Tartarin Quixote.

Duas vontades n'um só corpo, ai de mim! como casal-as, fazendo-as conjugar no mesmo ponto!

A anciedade de chegar cedo, o desejo de cumprir a palavra dada e a arrelia de fazer esperar em vão os camaradas, tudo concorria para erguer em mim um D. Quixote que dizia: vamos!

Mas o sol torrido, a roupa banhada em suor frio, o estomago lembrando com saudade os restos do almoço, as pernas sem vigor, ladeiras ingremes, abismos sucedendo a abismos, tudo isso me levava a dizer como o bom Sancho: **fiqemos!**

— Sobe, cobre-te de gloria, exclamava eu radiante como Tartarin-Quixote.

Mas logo acudia Sancho, ou antes as minhas pernas e o meu estomago:

— Basta; deita-te e descansa.

— D'aqui a meia hora estarei lá, dizia a primeira pessoa do meu ser.

— Se continuo assim, estoiro, dizia a outra pessoa, em desalento.

Entretanto a serra continuava a desdobrar-se, multiplicando-se em pedregulhos e abismos inacessiveis.

Blocos immensos de granito, de 20 metros de altura, davam á paisagem o aspecto rude e temeroso d'alguns dos circulos do Dante.

Comtudo, era bella; apesar d'isso era imponente, era magnifica!

E uma parte de mim bem procurava colher toda a impressão d'essa paisagem divina, bem desejava ser naturalista, geologa, chimica, botanica, archeologa, filosofa, poeta.

Mas lá estava Sancho, a outra parte de mim, que só cubiçava as sombras para se repousar e as fontes para matar a sêde, evocando de continuo os queijos frescos e a broa grossa dos pastores que logo nessa tarde teimavam em não aparecer ali.

Eu, naturalista, inda tentava esforços sobre esforços. Pelo menos meditava, sonhava, olhando a paisagem immensa.

E dizia comigo: Como a flora vae mudando, como as rochas vão sendo já tão outras!

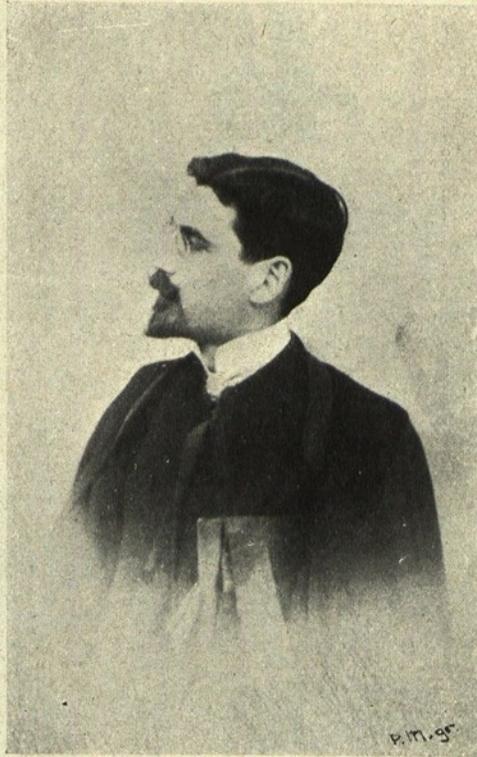
Ha pouco ainda quasi toda a especie vegetal cobria a encosta.

Era primeiro a videira, a lorangeira, a oliveira, que me deixaram logo, dominando depois o pinheiro, o carvalho, o castanheiro e o sobro.

Havia a urze e a carqueja, o fetó, o sanguinho, o lentisco, o pilriteiro. A meia encosta começavam as escalvadas, onde a vegetação quasi desaparece, ficando apenas as rochas nuas, que por vezes se amontoam em castellos.

Agora um ou outro pinheiro apenas; nenhuns ou quasi nenhuns castanheiros e carvalhos, sendo o primeiro a desaparecer o pinheiro que em baixo tanto abundára.

Depois morre o carvalho, em seguida o cas-



DR. JOAQUIM DA SILVEIRA

Um dos companheiros d'excursão. Fez um vasto relatório ethnografico da Serra, ainda inedito.

tanheiro, e por fim o duro e resistente sobre.

Ah! como tudo isto é interessante!...

Mas Sancho, bem se importava elle. Dizia lá comsigo :

—Se esta pedra de repente se transformasse em bife e a do lado em brôa mole... Se em logar d'este penhasco surgisse agora bôa estrada e um trem passasse, ainda vago.

Havia, porém, ocasiões em que um forte impulso interno punha de lado ambos os Tartarins para dar logar unicamente ao viajante e ao escriptor.

Então tomava os meus apontamentos, livremente, evocando remotas impressões, esquecidas paisagens, luxuriantes bosques, e ao longe, cheios de fontes e de flores, aldeias formosissimas, brilhando ao sol como esmeraldas.

O meu olhar embriagava-se, sumia-se em horisontes imensos, donde voltava cheio de sonhos vagos, para fixar-se em rudes carvalheiros, infesados e tristes como o solo onde pousavam.

*

A's quatro da tarde encontrei um caminho. Estava salvo!

Ah! meus amigos, afinal a vida é bella e cheia de ineditas doçuras.

Ha bens, ha regalias que findam? Tambem não ha mal que sempre dure.

E agora adeus, ó Tartarin. Volta de novo ás tuas armas e ao teu gremio de Tarascon, que eu cá vou, cansado e suado sim, mas satisfeito e triunfante, já certo agora de não estar muito tempo longe dos camaradas, que hão de já ter saudades de mim, como eu as tenho d'elles.

Com eu andava, como eu trepava agora!

O sol era já menos quente e uma ligeira brisa soprava de noroeste.

E a montanha cada vez desnudando-se mais.

Não havia já arvores maiores que a carvalheira brava, especie predominante desde certa altura. De resto era o botoiro ou urze forte, a silva, o tojo e a carqueja.

A carvalheira mesmo, a esteril e impertinente carvalheira brava, desapareceu tambem. A urze, seguiu-a de perto.

Apenas o tojo e a carqueja seguem sempre; são elles que tapetam todo o platô da serra, erguendo-se até aos pinaros mais altos, florindo até no chão esteril, medrando até na pedra núa.

Os breves apontamentos que colhi, eram escriptos andando e tropeçando.

Que o meu fim, afinal, nessa altura da serra e a essa hora da tarde não era já tomar apontamentos, — era correr, era voar.

E com efeito o resto da serra foi trepado a galope.

As sempre anciadas e tardamente atingidas Laceiras, passei-as eu sem me importar com usos nem costumes, sem dar importancia á sua historia nem aos os seus fantasticos penedos.

Uma velha, n'uma eira, espadelava o linho.

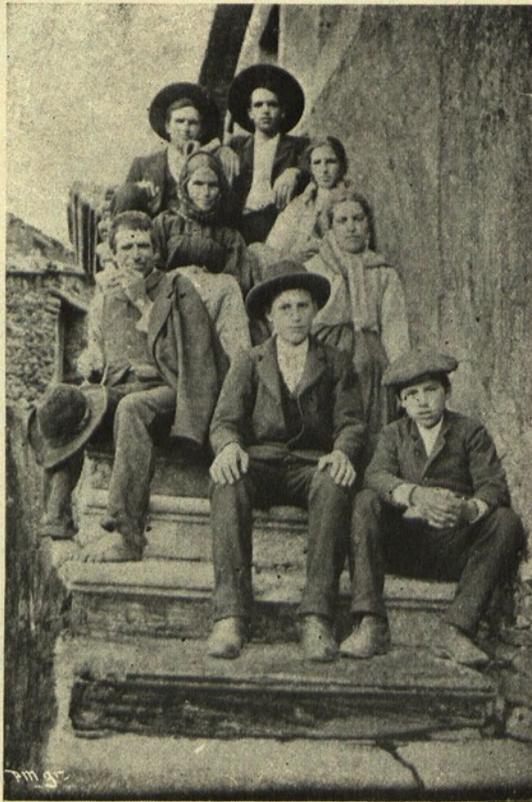
Tirei o meu chapéu para lhe pedir unicamente que me ensinasse a vereda mais curta, vereda que perdi logo a principio,

vendo-me obrigado a atravessar valles e ladeiras, que se estendiam á medida que eu avançava.

E eu caminhava, e trepava, e voava...

Quando emfim o meu relógio marcava cinco horas, um grito immenso ecoou sobre a montanha!

Eram elles, os meus companheiros, a alegria, a paz, a fraternidade, e sobre tudo — porque



FALDAS DO CARAMULO: UMA FAMILIA

No ultimo plano ao centro vê-se o ex-seminarista autor do presente estudo

não hei-de confessal-o? — o prometido cabrito assado e quente!

II

— O nascer do sol. Paisagem estranha. Nenhuma se lhe compara em Portugal. Levantar cedo. «Quem todos os dias vir nascer o sol, não pode ter nem mau coração nem mau caracter.» O despertar. As vacas e o leite. Hontem e hoje.

Jueus, manhã cedo...

Desde as tres horas que não durmo, á espera que o primeiro clarão da madrugada surja e eu vá, pé ante pé, sorrateiramente, para que nenhum dos companheiros me sinta, ver como n'uma alta serra o dia nasce, o sol desponta, os casaes se animam, como emfim a vida das coisas principia.

Ah! que elles me não sintam nem me sonhem!

A sua alegria, o seu enthusiasmo, que não sabem conter, roubar-me-ia toda a impressão d'esta manhã gloriosa que vae saturar-me de luz e poesia, na adusta solidão destes cabeços pedregosos, onde ninguem, — nem as aguas das fontes, nem as aves das balsas, nem as feras dos bosques, nem mesmo a doce viração da madrugada, — me ha de interromper o doce enlevo!...

*

Toda a povoação repouisa e sonha ainda.

Atravesso-a em silencio. Subo a montanha.

Procuro, observo...

E' aqui, sobre estes penedos, donde se destacam todos os horisontes.

Depois, sósinho, longe dos casaes, longe do mundo...

Eu amo a silenciosa harmonia das manhãs, a limpidez suave do azul, como a serenidade das almas. E' ao sorrir das madrugadas que vozes misteriosas segredam ineditos misterios.

O nosso coração, se algum rancôr ou despeito o traz sangrando, esquece tudo ante o abrir fulgurante d'uma aurora.

Pois não se diz até que a aurora é simbolo de paz e de bondade?

E' por isso talvez que eu tenho como axioma, que quem todos os dias vir nascer o sol, não pode ter nem mau coração nem mau caracter.

A luz matinal adoça e purifica a alma, como a agua do mar tonifica e virilisa o corpo.

Achar encanto no romper d'uma manhã é ter virtude e senso e equilibrio; é ser capaz d'acções nobilitantes, é fazer um bom acto, começar bem um dia, ter emfim, desejos de ser Homem.

Eu nunca vi nascer o sol sem esquecer ainda mesmo a maior ofensa d'um semelhante, sem arredar a colera da vingança, a cobiça das riquezas, a anciedade dos prazeres. Desejos de punir, ancias de fazer mal, procuraes esses sentimentos na noite e não na aurora.

Grande parte da bondade do povo é preciso atribuil-a aos habitos matinaes.

E coisa curiosa: quanto mais alto vive o homem, tanto maior é a sua bondade.

Esta povoação, por exemplo, é das mais elevadas que eu conheço. Pois bem: sou obrigado a confessar que nunca encontrei gente melhor. Ninguem no mundo recebe, sem mesmo conhecer, com mais naturalidade e affecto, aquelle que lhe bate á porta, pedindo uma coberta ou um pedaço de brôa.

Eu proprio, que vivo com elles desde hontem á noite, me sinto outro homem. A sua bondade communicou-se-me.

Nada me entristece, nenhuma sombra existe no meu coração.

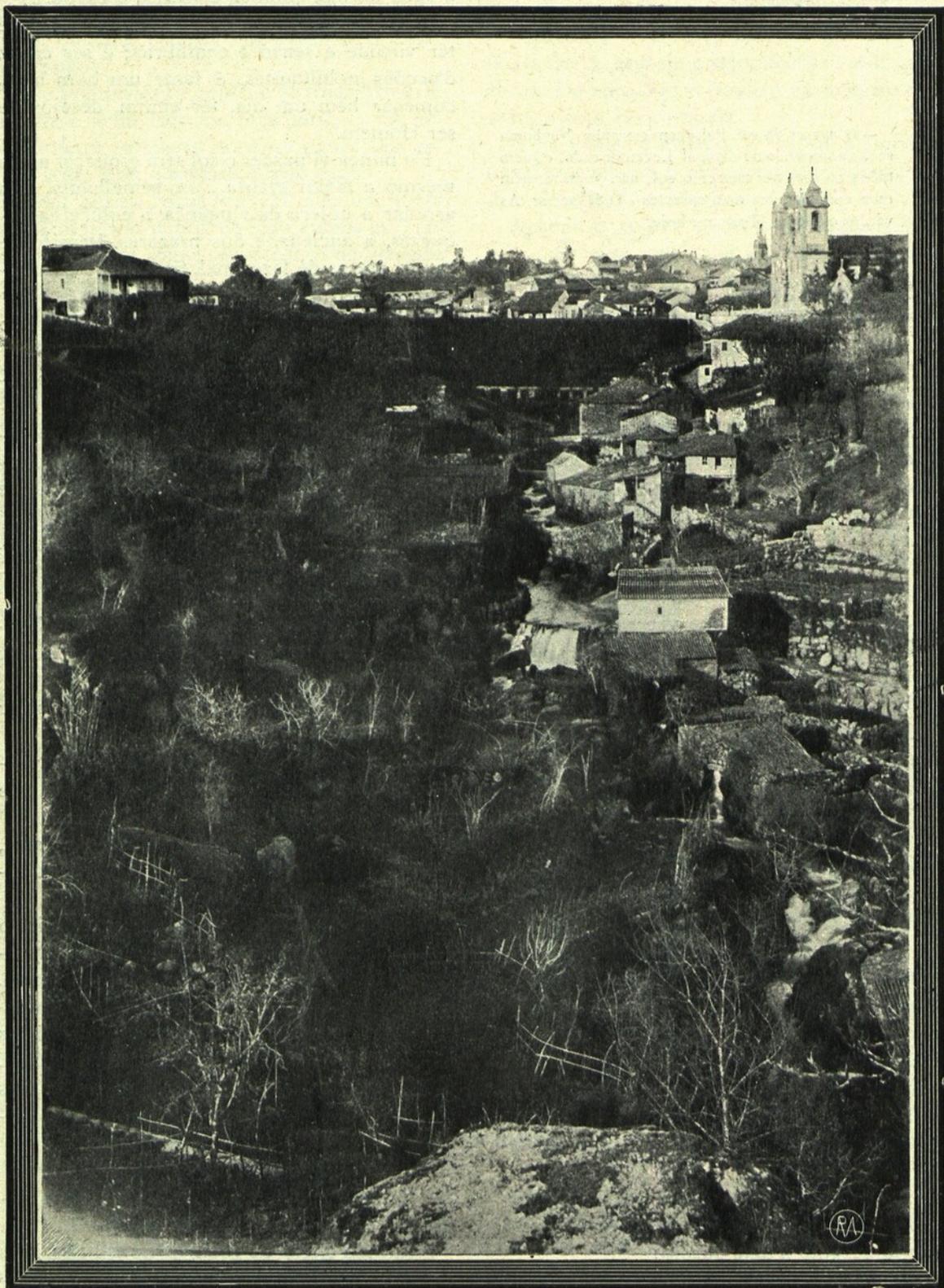
Expansibilidade, canjura, alegria, esplendidez... Nunca me senti melhor, nunca tive mais desejos de ser bom.

Em minha alma zumba esse divino enxame, feito de abelhas côr de luz que fabricam o saboroso mel do amor e do dever.

Ah! que se eu pudesse conseguir de mim o deixar de ver hoje nascer o sol, de me embriagar na luz d'esta manhã que vem rompendo, por certo não estaria aqui mais tempo: desceria a vel-os e acompanhal-os nas suas lides matinaes, auxiliando-os no seu trabalho duro, procurando ao mesmo tempo transmitir-lhes um pouco da minha consolação—isto que assim me faz sonhar e ser poeta.

Mas quê, se eu penso ha um mez n'este romper da aurora, na sua poesia, na deliciosa impressão que vão ter os meus sentidos!

Sinto-me cheio de ceu e de horisontes. Meu espirito vibra, ondula, freme e canta, estendendo as suas azas d'oiro sobre essa imensidade rubra, onde—ó sonho lindo, ó visão cara! — o sol começa a aparecer, com a doce e magestosa serenidade da materia eterna e a lentidão das coisas infinitas.



ARREDORES DO CARAMULO
A paisagem e as terras: Santa Comba Dão

E' apenas ainda uma pequena chispa, incerta, exigua, mas vivamente scintilante e luminosa como o farrapo d'uma hostia d'oiro.

E esse fio de luz que de milhões de leguas se desprende, inunda o meu olhar de tanto brilho, impressiona de tal modo os meus sentidos, que eu chego a esquecer-me de mim proprio, e a supôr-me, eu tambem, um pedaço de luz, palpitando rubramente na comunhão dulcissima dos astros.

Mas o fio de luz torna-se um facho, a pequena scintilha é já uma orla, um quasi-disco relumbrante que banha toda a serra e aclareia a planicie.

E enquanto dois pensamentos se cruzaram, pensamentos de que não posso dar memoria, todo o disco brilhou suspenso no horisonte, subindo tranquilamente o ceu azul, na fulgurança eterna da sua chama.

Aves cantaram, e um velho vaqueiro, solitario, surgiu em baixo na caminho pedregoso, com a sua capucha e a sua enxada.

*

Então desci á aldeia, a surpreender a vida dos casaes.

Com effeito todos os tectos fumegavam já.

Dos apriscos subiam longos mugidos. As vacas davam o leite, os novilhos suplicavam as mães.

D'um d'esses apriscos saía um homem com uma grande panela negra a trasbordar de leite.

Falámos do leite e seu comercio.

Disse-me que o leite já não era para queijos, como noutros tempos em que elles, homens e mulheres, os iam vender ás canastradas, pelo Valle de Bésteiros e Bairrada. Ah! era um trabalho e dava pouco. Muitas vezes até nem se vendiam.

Agora não: tudo vae para a fabrica. Não teem mais trabalho que tiral-o ás vacas.

Ha um individuo em cada logar encarregado de o juntar e remeter a Varzielas onde ha já uma desnatadeira, seguindo depois d'ahi para Nandufe, onde é a fabrica da manteiga.

Não o pagam bem, é certo, mas ainda dá mais que os queijos e sem os outros embarcos.

—Mas as vacas dão-vos muito trabalho...

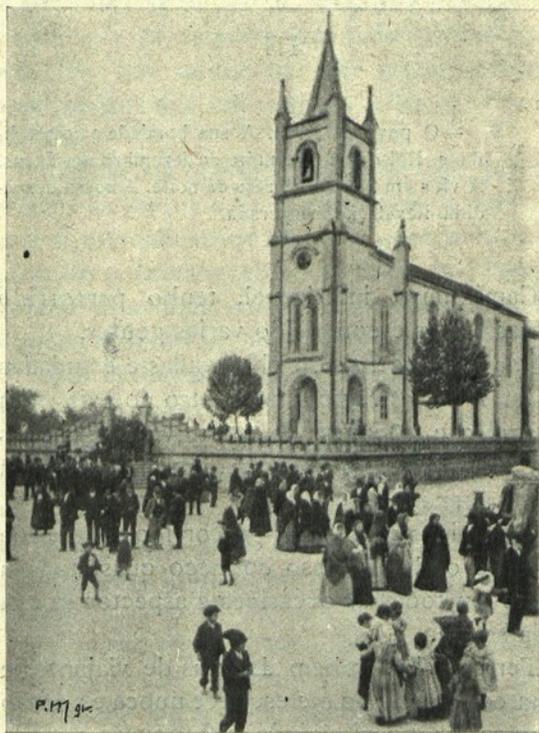
Que não: as vacas ali quasi que não fazem despeza. O seu alimento principal é o mato. Os lameiros de verão dão pouco, é certo, embora tenham agua em abundancia. Mas na pri-

mavera são um grande manancial de riqueza para o casal. Estão sempre cobertos d'agua e verdejantes como jardins. E ha muitos; em qualquer encosta ha um lameiro. A agua rebenta por toda a parte, a herva nasce em todos os recantos, até mesmo nas pedras escalvadas.

De resto a manada não dá cuidados ao vaqueiro. Leva-a de manhã ao monte e se tem que fazer, regressa a casa, indo-a buscar á noite ou esperando-a no curral.

E nenhuma se perde nem se aleja.

Quantas vezes se vê uma pesada vaca descer eminencias perigosas, entre grandes pedras



ARREDORES DO CARAMUJO
Egreja Nova de Tondella

amontoadas, onde o homem a custo ayançaria. Resistentes e audaciosas, nada as perturba na sua marcha. Gritem, assobiem, corram, embora; ellas lá vão procurando fontes d'agua e relvas verdes. E apezar da sua lenta marcha, visitam todos os pontos da montanha, percorrendo n'um só dia distancias consideraveis.

Quando as sombras começam a subir os vales, ellas já sabem: procuram caminhos conhecidos e regressam á povoação onde teem o seu curral e a sua ceia de pontas de milho, se é verão, de panasco ou palha seca, se é de

inverno. Fome não passam, que a vaca é para o homem do Caramulo o que o boi Apis era para os egipcios—um Deus salvador. E' ella que lhe traz o estrume com que planta a horta, que lhe lavra a terra para as sementeiras, que lhe acarreta a lenha para o lume e a pedra para fazer as casas. E' ella que o sustenta, já com o leite que elle vende todas as manhãs, já com o novillo que todos os annos ella cria, e elle leva á feira ou vende á porta.

Homens e mulheres teem pela vaca a mesma simpatia e estima que teem pelo seu semelhante. E a estima que teem pelo semelhante... Mas eu quero um capitulo á parte, para vos descrever o homem moral do Caramulo.

III

—O povo da serra. A sua bondade e hospitalidade. Epi-odio: uma noite de dezembro nos Jueus. A vida em familia. A resa da noite. A nossa despedida. Revelação inesperada.

Caminheiro infatigavel, tenho percorrido varias terras e conhecido varias gentes.

Por mim teem sido observadas e estudadas quasi todas as regiões do centro do paiz, com a avidez e interesse de quem vê n'isso mais que um simples passatempo, um pretexto para gosar apenas.

Ha regiões que tenho percorrido dezenas de vezes e onde por isso conheço quasi toda a gente em todas as occasiões e aspectos da sua vida social.

Tenho lido tambem dezenas de viajantes e uma coisa que não me esquece nunca e aponto sempre, é a hospitalidade, a franqueza, a naturalidade e sem-ceremonia com que um ou outro d'esses viajantes é recebido ás vezes pelos naturaes de certos povos, em determinadas regiões. Pois, bem, eu que tenho percorrido milhares de povoações, tão diversas em seus usos e costumes; que tenho lido dezenas e dezenas das mais interessantes narrações dos exploradores e viajantes celebres que teem cruzado o mundo em todas as direcções, sou obrigado a affirmar que ainda não encontrei gente melhor que a d'esta serra, a qual, de resto, eu conheço de ha muito, pelas visitas que tenho feito ás suas terras, em todas as epochas do anno. Pois das vezes que até aqui tenho subido, nunca,—ah! isso nunca!—nenhum d'estes pobres cabreiros olhou para mim

que eu lhe não lêsse claramente no espirito estas palavras sempre sinceras e sempre repetidas a quem chega:

—Ali é a minha casa: entre. Ofereço-lhe do que houver.

E pois que falamos disto, aproveito a occasião, emquanto estamos nesta boa terra dos Jueus, para contar uma primeira visita que ha tres annos e por um dia frigidissimo, nevoso de dezembro, lhe fizeram tres desconhecidos, sujeitos que vinham da cidade, cheios da nostalgia dos collegios e do aborrecimento das calçadas.

Quando elles assomaram, quasi noite fechada, ali, á vista da povoação, vindo do poente, tiraram as gravatas e os colarinhos, abotoaram os casacos e desceram... D'esse modo ninguem, certamente, os iria distinguir de negociantes de bois ou compradores de pelles, e elles pela sua parte estariam assim mais á vontade.

Um d'elles estudava para padre e tinha recebido por essa occasião ordens menores.

Em que apuros ia ver-se para esconder a maldita rapadela...

Não hesitaram.

O da tonsura, que era o mais velho, avançou para uma casa e bateu á porta.

De dentro responderam logo:

—Entre quem está.

O minorista entrou, de chapéu na mão.

Ao borralho estendia-se um velho, de braços sobre uma esteira e em volta quatro ou cinco filhos, uma velhinha, a avó e dois passageiros, um homem e um rapaz que depois, pela conversação, vieram a saber que compravam cera e pelles. De pé, sobre o soalho e quasi a dar com a cabeça nas telhas, o minorista ia formular o seu pedido, quando o velho da esteira lhe disse muito naturalmente:

—Sente-se para baixo.

—Eu peço desculpa, mas não posso sentar-me, porque tenho ali fóra dois companheiros.

—Faça favor de os chamar: que entrem ambos.

—Mas... eu desejava tambem que o senhor, ou quem por ahi tiver, me vendesse tres queijos e um pedaço de brôa.

—Chame lá os companheiros e sentem-se para ahi, que isso havemos de ver se se arranja.

O minorista chamou os companheiros que já batiam o dente com frio.

Um d'elles, que era e é altissimo, a primeira coisa que fez foi uma rasgada cortezia á assem-

bleia, em virtude de ter dado com a testa, rijamente, n'um dos caibros do telhado.

Sentaram-se.

O velho serrano começou, não por lhes perguntar quem eram e o que andavam por ali a cheirar, mas por lhes dizer que desculpassem, pois estava para ali bastante incomodado com um ataque de almorreimas.

Mostraram-lhe o seu pesar, um d'elles receitou um certo remedio infalivel, e falaram d'outra coisa.

O velho então desatou a loquela.

D'onde eram, que negocio tinham e para onde iam.

Os desconhecidos, deante de tanta franqueza e simplicidade não tiveram coragem para mentir. Disseram as suas terras e as suas familias. Andavam viajando e contaram as suas aventuras e impressões do dia. Depois, palavra pucha palavra, falou-se de mil coisas diversas que elles enchiam de risos e de graça, em virtude da satisfação que sentiam por se verem ali, em frente do brazeiro, quentes, abrigados, tranquilos, felizes.

Entretanto uma linda rapariga, a mais linda sem duvida que tinham visto em todo o seu percurso de tres dias, tinha preparado uma bella e abundante ceia. Sopa de hortaliça, em grandes malgas, com brôa no fundo, foi distribuida em roda, a toda a malta.

E, — nota digna do reparo de todo e qualquer viajante desconhecido, — as d'elles eram novas, de olaria pobre, é certo, mas tendo por fóra, em letras bem floridas, ingenuamente, a palavra — *amor*.

Depois da sopa veio uma enorme bacia ou alguidar tão cheio de batatas que mais parecia uma piramide pharaonica do que um saboroso acepipe, rodeado de comilões, d'onde todos comeram como lobos — vorazmente.

Assim, alem de abrigados e seguros, estavam fartos.

Em seguida resou-se.

Eu não sei se conhecem as resas do homem do campo.

Elles, decerto, conheciam-nas, mas nunca tinham assistido ás do homem do Caramulo.

Previamente contudo uma grande cantilena de santas e de santos. Mas não foi grande, foi imensa, foi tremenda, foi despotica!

Costumados como estavam ao curto latino-rio, resado de pé, no refeitório dos collegios, quando o velhote enumerou os trinta ou quarenta mais conhecidos santos da folhinha, em

louvor dos quaes se iam atropelando *padre-nossos* ou *ave-marias*, segundo os sexos, os trez viajantes julgaram-se livres d'aquella, chegando mesmo um d'elles a principiar uma cruz na testa, como quem vae findar...

Mas qual! estavam ainda no começo. Depois é que vieram os *padre-nossos* e *ave-marias* por alma de todos os parentes mortos desde o bisavô; por alma de todos os amigos e vizinhos mais chegados; pelos que andavam sobre as aguas do mar ou iam, nesse momento, pelo mundo, em perigo de salvação; por todos os que morreram sem sacramentos e até — suprema tolerancia do povo — pelos que morreram impenitentes; por todos os que estavam a arder nas chammas do purgatorio, sobretudo pelos que lá estavam ha mais tempo; por aquelles que morreram não tendo parentes nem amigos que resassem por elles; por todos os que...

O minorista quando, depois de tres quartos d'hora de serena e beatifica posição, conheceu que a estranha cantilena não dava indicio algum de terminar, deixou de fingir que resava, cerrou os dentes e esperou resignadamente a consumação do suplicio que só acabou depois de bem desfiadas todas as devoções para com Deus e os santos.

Por fim veio a Salve-Rainha e a seguir uma grande e bem formulada oração que todos trez ouviram com surpresa, porque era muito simples, mas cheia de coisas bellas e tocantes, como nunca tinham ouvido entre a gente do vulgo.

Benzeram-se, pediram a bençã á velhinha e ao patrão da esteira e depois de meia hora de ameno cavaco, solicitaram um palheiro onde fossem enterrar-se e dormir até ao dia seguinte.

Levaram-n'os a um quarto bastante confortavel, onde lhes deram, alem das bôas noites, uma cama com lençóes! E se não dormiram foi porque os espiritos estavam de tal modo suggestionados pelas impressões e aventuras do dia, que toda a noite se passou a contar casos engraçados, que interrompiam a cada momento com as mais francas e estrepitosas gargalhadas que de suas gargantas jamais tinham saído.

Quando, logo de manhã cedo, o buraco luziu, foram pedir contas para seguir derrota.

A doce velhinha que estava já preparando o almoço, mais a sua linda neta, não comprehenderam, visto responderem que lhes não fa-

ziam favor nenhum em se irem embora sem comer o almoço, porque a despesa, se alguma tinha havido, estava feita.

O velho, esse fez que não ouviu e mandou-nos sentar.

— Não, sr. Salvador, nós queremos partir. Faça favor de nos dizer...

— Vocemecês não saem d'esta casa sem levarem o almoço na barriga... Pois onde é que querem ir comer?

Os surpresos viajantes, olharam-se mutuamente. O encolher d'hombros do minorista indicava que não havia remedio senão obedecer.

Comido finalmente o bello e succulento almoço de carne nova e renovado o pedido da conta, o velho serrano virou-se para os trez e disse-lhes, meio a brincar e meio a serio:

— A conta? então se eu algum dia fôr a casa de vocês e lá comer duas sardinhas, tam-

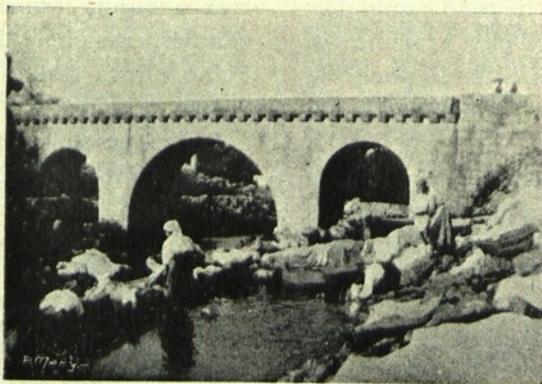
bem me pedem alguma conta?... Pois então vão com Deus, e se alguma vez por aqui tornarem a passar, não se esqueçam d'esta porta; teem aqui sempre uma fogueira para se aquecerem do frio e um bocado de brôa para matarem a fome.

Agradeceram não sei com que palavras e á despedida revelaram o resto do seu incognito: eram estudantes de Coimbra!

O alto, para dar uma prova do que acabavam de afirmar, arrancou-me o chapéu — porque um dos desconhecidos, o minorista, era o mesmo que hoje escreve estas ligeiras notas — denunciando a toda a gente essa tão resguardada tonsura, que por signal vinha ainda fresca das mãos do bispo e do barbeiro que m'a fizera brilhante como um espelho, pequena e redondinha como a divina hostia dos altares.

(*Continúa*)

THOMAZ DA FONSECA



LAVANDO E CANTANDO
Ponte junto de Tondella

HENRY FIELDING

Um grande romancista cujos restos
repousam em Lisboa

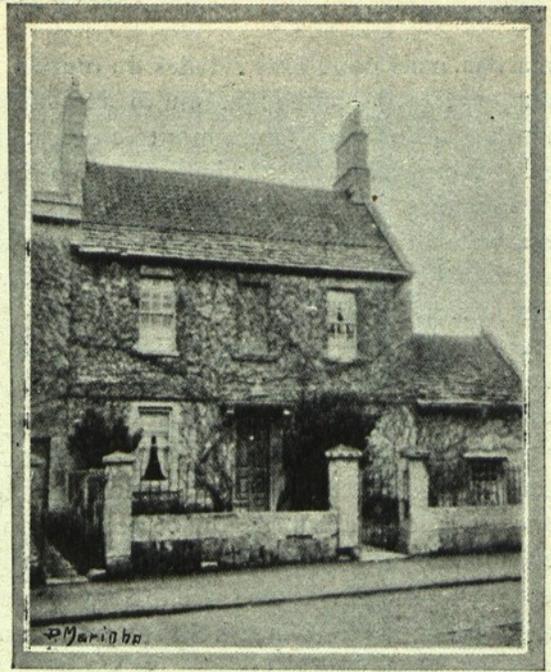
(Conclusão)

Ainda não desembarcara e já o exílio começava a mostrar nelle os seus habituaes efeitos: o inteiro esquecimento dos males passados e a excessiva sensibilidade para os presentes. Aquelles que são aqui chamados «os nossos bons marujos» — *our honest tars* — são os mesmos, mas individualmente os mesmos, que semanas antes tanto magoaram o grande escriptor, tolhido e disforme de hydropisia, saudando a sua ascensão pelo guin daste com uma salva de apupos.

«Quarta feira. — Lisbôa, deante da qual estamos agora ancorados é, dizem, edificada sobre o mesmo numero de collinas que Roma; mas do rio não se podem distinguir; pelo contrario, vê-se daqui sómente um grande e alto monte e uma rocha, com casas que se apinham umas sobre as outras tão ingreme, e quasi tão perpendicularmente que parecem ter todas os mesmos alicerces.

«Casas, conventos, egrejas, etc., são grandes e todas construidas de pedra branca; parecem muito bellas vistas de longe, mas quando nos aproximamos e as vemos núas de ornatos, toda a idéa de belleza se desvanece. Emquanto examinava o panorama desta cidade, tão pouco semelhante a quantas tenho visto, occorreu-me a reflexão de que se um homem fosse subitamente transportado de Palmyra para aqui, sem ver outra cidade, que bella lhe devia parecer a architectura antiga e que perda e destruição das artes e sciencias elle supporia ter-se dado durante os muitos seculos que separam as duas cidades!»

Depois de ter esperado tres grandes horas sobre o convez o regresso do seu creado que mandara a terra comprar um bom jantar e alugar uma cadeirinha que o levasse do caes para a cidade, Fielding teve a revelação de mais uma extravagancia das leis portuguezas. «A's tres horas, quando o vacuo do estomago já me tinha posto mais desfallecido que faminto, o meu creado voltou, dizendo que uma lei



ONDE FIELDING ESCREVEU O «TOM JONES»

Fielding Lodge, Twerton-on-Avon, uma das residencias do romancista

recente prohibia a todos os passageiros o desembarque, sem uma ordem especial do *providore* (sic) e que elle proprio estivera quasi a ser preso e apenas escapara disso fazendo-se passar por creado do capitão. Afirmou-me que o capitão empregara todas as diligencias para obter a ordem, mas que o provedôr estava a dormir a sesta e que nessas occasiões pessoa alguma, com a excepção unica do rei, ousava ir incommodá-lo.

«Para evitar prolixidades, embora numa parte da minha narrativa que deve ser mais divertida para o leitor do que o foi para mim, o provedôr, tendo finalmente acabado a sua sesta, deu despacho a esta absurda formalidade, pe rmitindo-me vir, ou antes ser transportado, para terra.»

Fielding perde-se em conjecturas sobre a causa primitiva de tão extranha lei e crê achá-la no receio duma dessas surpresas «de que o cavallo troiano será sempre um grande e memoravel exemplo». Esse receio parece-lhe razoavel porque «um navio de duzentas ou trezentas toneladas sempre accommodará um exercito mais numeroso do que aquella famosa maquina, embora Virgilio a apresente (um pouco hyperbolicamente, parece-me) mais volumosa que uma montanha».

«Por volta das sete horas da tarde,» continua, «entrei para uma cadeirinha no caes e fui levado pela mais immunda, embora tambem

uma das mais populosas cidades do mundo, a uma especie de botequim, muito agradavelmente situado no alto dum monte e com uma bella vista do Tejo, desde Lisboa até ao mar.

«Comemos aqui uma boa ceia que nos fizeram pagar tão bem como se a conta tivesse sido redigida na estrada de Bath, entre Newbury e Londres (1).»

Assim termina esta *Viagem para Lisbôa*, a que o auctor bem poderia ter dado o titulo duma das suas obras de phantasia, *A Journey from this World to the next*, — *Uma viagem deste para o outro mundo*. A 8 d'outubro fallecia o grande escriptor, sem que no seu diario se encontre vestigio algum duma residencia de dois mezes em Lisbôa, a não sêr, no prefacio, um brevissimo parenthesis sobre «o pomposo beaterio» da cidade.

E' curioso seguir-se a evolução de Fielding no romance. Começou como disse por *Joseph Andrews*, uma satyra, quasi uma parodia á celebre *Pamela* de Richardson: Joseph Andrews é apresentado como irmão de Pamela a quem escreve cartas, contando-lhe os perigos que corre a sua virtude nas garras da grande dama a cujo serviço está, caricatura da ingenuidade assucarada e da sentimentalidade de Richardson, cuja vaidade offendida se vingava pela diffamação do seu rival. Joseph Andrews foge ás seducções da *lady* que pretendia attentar contra o seu melindroso pudor e parte a pé e sem dinheiro para a terra. No caminho encontra o dr. Adams, ingenuo cura da sua parochia que, ignorante do mundo, ia a Londres fazer fortuna com a venda dos seus sermões a um livreiro, e desenganado a meio caminho, retrocede em companhia do seu parochiano. Todo o livro se compõe das aventuras desta jornada, de episodios de estalagem em que os narizes esmurrados e as cabeças partidas enchem uma parte consideravel.

Mas desses episodios dois pelo menos teem genio. Um é o encontro á porta da estalagem dum fidalgo que offerece aos viajantes para o resto da jornada o seu *coach and six*, que promete ao ecclesiastico um optimo beneficio de que era padroeiro, que encommenda para

os dois companheiros o melhor tratamento e accomodações da casa, e desapparece, deixando por unica realidade, depois desse sonho deslumbrante, uma conta de perto dum guinéu para ser paga com menos de dois shillings que restam ao *parson*. O outro é a visita ao *clergyman* transformado em camponio, alimaria illetrada que negoceia em porcos e tyrannisa a mulher que o trata por *my master*, serve-o á mesa, teme-o e admira-o como uma escrava negra. Nestes dois pequenos quadros, e principalmente em algumas das novellas independentes enxertadas no romance á maneira de Cervantes, já o futuro grande romancista se pressente. Uma dellas é assim inserida:

«... passavam em frente duma grande casa quando uma senhora que ia na diligencia, disse: — Acolá vive a infeliz Leonor... ». E a historia de *Leonor ou a namoradeira infeliz* começa, contada pela senhora. Passado um instante o leitor esquece esta introdução forçada, empolgado pelos admiraveis esboços de caracteres, divertido pelo ridiculo typo do *franchinote* chegado de Paris, vestido á francêsa, cheio de horror por tudo quanto é nacional; e nem se repara no absurdo das suas cartas recitadas de cor, com erros de orthographia.

Jonathan Wild, o segundo romance de Fielding, incluído primitivamente em um volume de *Miscellanies*, não representa a meu vêr um passo na sua evolução como romancista, mas uma excursão para a allegoria satyrica no genero de Swift. Jonathan Wild, *pick pocket* e chefe de quadrilha quer symbolisar o grande homem da Historia, o conquistador, o guerreiro, o politico poderoso, e mostrar que a grandeza epica se resume na indiferença olympica para o crime. O grande homem da novella de Fielding é biographado do principio ao fim em estylo solememente ironico. Um critico recente pretende que nunca o auctor se elevou a maior altura do que neste livro e acha injustissima a pouca popularidade de que elle sempre gosou e gosa e os poucos e frouxos admiradores que conta entre os modernos escriptores inglêses. Eu pela minha parte confesso que incorro na censura. A intenção demolidora de Fielding errou o seu alvo. Não se exhala de *Jonathan Wild* a melancolia negra que se aspira por exemplo na viagem ao paiz dos cavallos, em *Gulliver*; mas tambem não se nota nesta obra a inversão completa de effeito, que se dá em *The*

(1) Equivalente inglês do Pinhal da Azambuja, no tempo de Fielding.



UM EPISODIO DO «TOM JONES»

A heroína, Sophia, está sentada ao piano; Tom Jones está em pé junto d'ella, e o pae d'ella, o Squire Western, dormita n'uma cadeira. As palavras correspondentes do texto são as seguintes: (Livro V, cap. II): «O espirito d'ella estava n'um alvoroço visível; tocou por modo tão intoleravel que seu pae teria dado por isso, se não tivesse pegado no somno».

luck of *Barry Lindon*, de Thackeray, ou em *Candide*. *Barry Lindon* foi escrito com a intenção ridiculamente moral de curar o gosto pelos criminosos românticos, apresentando em toda a sua infame realidade um aventureiro irlandês do fim do século XVIII; — e a gente não pode deixar de seguir com interesse e, o que mais é, com sympathia, as aventuras desse pittoresco cynico. *Candide* quer metter a ridiculo o optimismo: — e eu não conheço mais efficaz remedio para restituir o bom humôr e dar um sentimento de leveza de animo e reconciliação com a vida. Mas *Jonathan Wild* só de longe a longe é contraproducente deste modo. A impressão mais nitida que do livro nos fica é a fadiga dum gracejo prolongado muito para além dos limites da sua elasticidade.

Ou porque reconhecesse espontaneamente a sua inaptidão para o genero, ou por advertencias do seu editor desanimado com o pequeno lucro da obra, Fielding abandonou para sempre a allegoria sarcastica e seis annos depois publicou *Tom Jones*. Na primeira metade deste grande romance vê-se que é a primeira vez que o auctor faz manobrar uma multidão numerosa de personagens, pois *Joseph Andrews* era uma historieta unilinear em que os personagens secundarios apparecem e desaparecem com os episodios independentes em que figuram. Em *Tom Jones* o desenvolvimento e o agrupamento das figuras é a principio falto de harmonia e de ordem. Tem-se por vezes a impressão de que os caracteres de primeiro plano estão insulados na ilha deserta da *Tempestade* de Shakespeare e que os sortilegios de Prospero fazem surgir do nada e ao nada recolhem outra vez os comparsas, segundo as necessidades da narrativa. Mas de certa altura em diante os vãos da composição vão desapparecendo e a enorme tela enche-se e anima-se.

E' verdade que nos numerosos capitulos da viagem de *Tom Jones*, expulso da casa do seu protector, o romance volta á forma unilinear de *Joseph Andrews* e as aventuras succedendo-se sem ligação, os personagens outra vez contradichos, contribuem para illudir a difficuldade. Neste romance ainda cada livro tem um longo exordio humoristico, a acção é a miudo interrompida pelas divagações do auctor e as scenas burlescas, os pugilatos plebeus são apresentados sob a forma heroe-comica de parodias homericas. Apesar de tudo, porém,

que obra prima do romance é esse *Tom Jones*! Desta vasta galeria de figuras, uma das que mais fundamente se gravam na memoria é Mr. Western, velho *squire* rural, ignorante, brutamontes, quasi sempre bebedor, mentindo descarada e puerilmente, dizendo deante da filha as ultimas obscenidades, mas tudo com uma animalidade tão candida, que a gente chega quasi a amál-o e vê-o sempre desapparecer com a magua que causa um *exit* posto como rubrica depois de uma falla de sir John Falstaff. As suas explosões infantis de contentamento, as suas desmarcadas pêtas, as suas violencias grotêscas, a sua volubilidade, causam, sob o riso, uma como veneração pela desencadear da energia da natureza que é essa alimaria. Quando suppõe a filha resolvida a casar com o noivo que lhe escolheu, corre a casa toda, a dançar, a cantar, a bater as palmas. Depois, descobrindo a paixão della pelo engeitado *Tom Jones*, o seu furôr é vulcanico. Seguram-n'o a custo; e elle aphonho de colera só consegue proferir uma phrase que o longo uso tornou maquinal: o convite a *Tom Jones* «para beijar no seu corpo precisamente o mesmo sitio que no delle vergastaria» se o deixassem livre. Uma irmã alitteratada e pedante tenta aconselhá-lo a usar de diplomacia com a filha e serve-se, segundo o seu costume, de comparações tiradas da politica internacional, em que é versadissima. O *squire* responde-lhe: «Lá vem a mana com a sua politica! Faço tanto caso della como dum... e acompanhou a palavra do acto que entre todos mais proprio se lhe affigurou para a exemplificar e illustrar.» A filha foge de casa para evitar o casamento forçado e elle parte no seu encalce. Mas a meio caminho os cães começam a farejar o ar e a latir com furia: — e ei-lo, esquecido de tudo, a trepar outeiros, a atravessar regatos, tão inteiramente absorvido como a sua matilha pelo frenesi de apanhar uma lebre.

Tom Jones, com toda a sua paixão por miss Western não é uma maquina de suspiros e ais. E' um homem vivo, de carne. Sim, de carne moça e valida que reclama imperiosamente o que lhe é devido. Uma noite sae pelo luar para dar expansão á felicidade de se saber amado, que o não deixa estar quieto. A certa altura encontra Molly, a filha do guarda caça que volta do trabalho, trazendo na mão um garfo de espalhar estrume. Molly fôra a sua primeira amante; detem-se a fallar-lhe; a conversa

anima-se, — e os dois vão-se internando e desaparecem na sombra discreta da matta... E na sua viagem para Londres, expulso pelo generoso manequim de virtudes seu protector, que uma intriga habilmente urdida indispoz contra elle; separado sem esperança da mulher que ama; quasi sem dinheiro:— se nas estalagens onde pernoita tem a sorte de encontrar alguma viajante ou alguma maritornes que lhe faça companhia, não é Mr. Jones que cae na tolice de dormir só.

Tres annos depois de *Tom Jones*, publicou Fielding o seu ultimo romance, *Amelia*. Não se comprehende facilmente a razão porque o publico inglês e com poucas excepções, a critica inglesa, preferem a este livro o anterior. O prefaciador duma edição recente de Fielding explica e a meu vêr com grande versosmilhança o facto por não ser este livro uma historia de amor terminando em casamento, e apparecerem os protagonistas, ao começar a acção, já casados ha annos. *Amelia* é a historia dum joven casal e das suas difficuldades financeiras, historia entrecortada de varias prisões por dividas, do marido, muitos homizios do mesmo para as evitar, e terminando pela recepção duma herança ha muito sonogada que vem tirar a familia de difficuldades.

Um seculo depois, não qualquer leitor piégas de romances de fancaria, mas Ruskin, escrevia a Tennyson que a tristeza do assumpto, em *Maud*, era uma das poucas restricções ao seu enthusiasmo pelo admiravel poema (1), quando um desfecho tragico prejudicava um poema aos olhos d'um homem que consagrou

toda a sua vida á arte, o que não succederá perante o grande publico a uma acção que, sem ser tragica, não é todavia a classica acção da maioria dos romances inglezes; um amor contrariado atravez de quatro volumes e terminando a contento de todos em casamento? Eu acho rasão ao critico inglês de quem fallava. Realmente Fielding pagou com a impopularidade a audacia de ter feito, um seculo antes

de Balzac, da vida conjugal, do dinheiro e das suas torturas, o assumpto de primeiro plano dum romance. Eu pela minha parte declaro que acho *Amelia* uma das mais perfectas obras primas do romance universal. Neste livro já Fielding abandonou os preambulos humoristicos, de que, como elle proprio confessa, tanto se orgulhava de antes. Não ha novellas extranhas exertadas na narrativa central, que apenas se interrompe para deixar ouvir, como em um romance d'hoje, a historia progressa dos personagens. As caras esmuradas e as cabeças partidas, que ainda superabundavam em *Tom Jones*, são reduzidas ao verosimil; e as scenas em forma de pa-

rodia aos combates da *Illiada* desaparecem de todo.

Mas neste livro a maior delicadeza de impressão geral não depende apenas de causas negativas. Fielding progrediu no poder de execução e sabe agora fixar magistralmente aspectos duma subtileza que d'antes lhe escapava. É comparar a familia James deste romance com a vida conjugal de Mrs. Bridget, em *Tom Jones*. O odio entre esta e seu marido, exacerbado pela monotonia, pela vida desoccupada e pela reunião forçada numa casa de campo, explude a cada momento em disputas violentas e pirraças mutuas. Mr. e Mrs. James,



O SQUARE WESTERN

Uma das personagens da peça representada ultimamente em Londres e baseada sobre o «Tom Jones»

(1) Carta de Ruskin in *Alfred Lord Tennyson, a memoir by his son*, Londres, 1899.

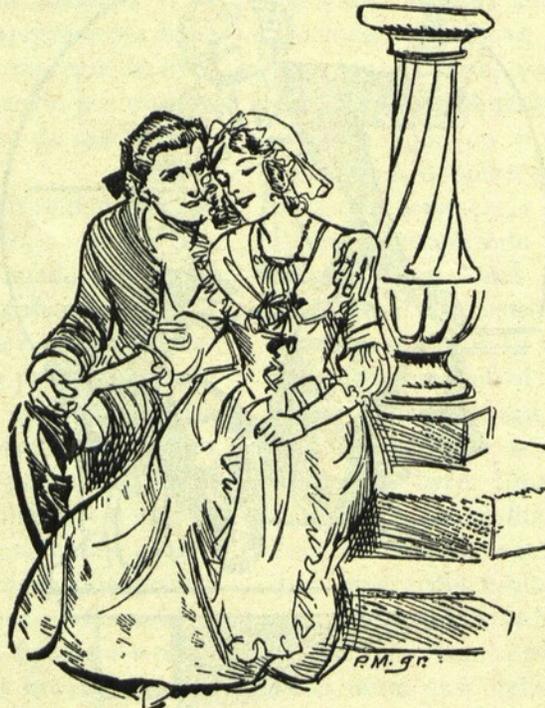
porém, odeiam-se com irreprehensível elegancia. Quasi nunca se encontram senão em sociedade e nessas occasiões servem aos seus hospedes o espectáculo duma ternura conjugal mais finamente executada que um passo de minuête. Quando a força das circumstancias os obriga a uma entrevista hostil, é com a mais perfeita polidez que trocam as mais odientas injurias. Mrs. James, muito longe de se deliciar, como Mrs. Bridget, em arrelhar o marido, só uma vez é accommettida por esse capricho, de que Mr. James a cura num momento, annunciando-lhe que no dia seguinte terá ás suas ordens uma carruagem para a transportar a uma solitaria casa de campo que ella detesta. Ella immediatamente prompta a negociar um tratado de paz. Ella exige duzentos guineus para uma despesa urgente e a promessa de passar o verão em duas terras de villegiatura elegante. Elle pela sua parte quer que ella o auxilie na seducção de Amelia, convidando-a a miudo para jantares e chás. Mrs. James tem certa difficuldade em comprehender a paixão de seu marido por tão insignificante creatura, cujas imperfeições desfia serena e minuciosamente durante uma pagina. Mas isso não é com ella e portanto nenhuma objecção tem a oppor a um pedido tão facil de satisfazer. Concede mesmo mais: presta-se espontaneamente a levar consigo Amelia, quando fôr veraneiar em Tunbridge e Bath. Elle fica de tão bom humor que a beija. E ella, brincando com o leque, dá-lhe amigavelmente um conselho. James, ella sabe-o, projectava obter para o marido de Amelia o commando dum regimento ultramarino. Má política! Amelia acompanharia o marido. «Mas se poder obter-lhe um regimento na Gran-Bretanha, tenho a certeza de que com isso conquistará a affeição

della, e quando elle fôr chamado por motivo de serviço, ella ficará cá; e a distancia de Pockshire ou da Escocia vale para o caso a de qualquer das Indias.»

Nisto começam a entrar as visitas. E, «a julgar pelo modo por que elles se tratavam, um extranho acreditaria ter estado na companhia do mais terno casal do universo».

Logo no começo empolga-nos o admiravel quadro da prisão sob cujas abobadas frias e medonhas se agita um pasmoso formigueiro humano, meretrizes, *pick-pockets*, jogadores assassinos, um philosopho atheu que sonha ao jogo, um assecta da então recente seita methodista que o fulmina em discursos mysticos, de olhos em alvo, em quanto vae dando busca ás algibeiras dos camponeiros de prisão. Toda esta multidão se precipita de repente, como um cardume de peixes ao cair na agua uma migalha, anciosa por se deliciar com espectáculo de trinta açoutes a que fôra condemnado um recémvindo; mas logo se dispersa cheia de decepção, ao vêr a pena commutada em alguns shillings de gorgeta ao carcereiro. E

d'aqui até á ultima das seiscentas paginas que conta o romance, o interesse, a quasi illusão, mantem-se como atravez dum livro de Balzac. O conflicto dos personagens é, ao contrario do que se dá em *Tom Jones*, duma verosimilhança que surprehende. Toda aquella massa de figuras se agita, apparece, lucta, desaparece, movida apenas pela mola intima do character e pelas circumstancias externas e não já pela vara magica de Prospero. E pelo meio destas ondas de vida passa o digno Bath, direito e severo, punindo com o seu desprezo, quando não é com a sua espada, todo o infeliz que, sem dar por isso, infringe algum principio subtil do seu complicado codigo de honra.



UMA SCENA DO «TOM JONES»

Peça representada em Londres. As personagens reproduzidas são Tom Jones e Sophia, quando o primeiro declara o seu amor

*
* *

Porque é, vem a proposito perguntar no final deste estudo, porque é que estes romances, cujos assumptos são, como se viu tão prosaicos e cuja população é recrutada na mediania e muitas vezes na escoria humana se leem com tão profundo, tão sincero prazer, ao passo que tantos romances e dramas modernos, cheios de intenções philosophicas, e sociaes, symbolicos, povoados de almas aristocraticas fazem bocejar tanto? A resposta é fácil: — é porque o velho mestre inglês foi um creador de vida. Mas esta formula precisa de ser desenvolvida.

Um creador de vida não é um lucido investigador da vida, nem um architecto de theorias sociaes. E' um espirito em que os mil accidentes da existencia real, como sementes trazidas pelo vento se depositam e começam um trabalho de germinação occulta, como a das searas e relvas sob as neves do norte. Chega um momento em que a febre da produção, que nasce não se sabe como nem porquê, derrete ao seu calor essa crusta de inconsciencia. De baixo della surge a surpresa duma vegetação maravilhosa, cuja forte seiva borbulha impaciente por rebentar em ramos novos, — vegetação a que as particularidades do solo dão muitas um aspecto phantastico, uma estranheza de côres, de formas, de perfumes, que não havia na humilde flora donde se desenvolveram os germens.

Li ha poucos annos num jornal francês um artigo acerca duma biographia recente de Disraeli, no qual se affirmava a superioridade como romancista do lord judeu sobre Thackeray. Tackeray, dizia esse artigo, só no estylo o excedeu; no mais, o seu espirito estreito de moralista burguês fê-lo ficar muito áquem. Que deploravel confusão isto revela! Disraeli conheceu a primeira sociedade aristocratica e politica da Europa e observou-a, não ha duvida, com os olhos livres de preconceitos dum judeu estrangeiro em toda a parte, mesmo na synagoga, que abandonou muito novo. Todavia que tedio causam todos os seus romances, mesmo quando pintam com toda a exactidão a sociedade e a politica inglesas. Qualquer das innumeradas misses que na Inglaterra chegam ao fim da vida com uma produção de cem romances, tem em muito maior grau do que elle, o dom de nos interessar

pela vida inglesa. E' porque no espirito delle se não deu a sementeira de acaso e a germinação occulta de que eu fallava. E a simples intelligencia lucida, a fina observação desinteressada, servidas por algumas qualidades litterarias e mesmo até por altas qualidades litterarias, o que não acontecia de certo com Disraeli, não bastam para realisar a obra do romancista nato, tão impossivel de contrafazer, se na impossibilidade ha mais e menos, como a do poeta nato. Thackeray, é verdade, soffria de rigidez puritana, fez alguns romances movido por meras intenções moraes, — e apesar disso os seus livros são mais interessantes e — note-se bem — mais verdadeiros do que os dos mais desabusados septicos que não nasceram romancistas. A verdade na obra d'arte não significa *exactidão*, significa *genuinidade*, significa *organisação*. Quero dizer: caracteres e quadros devem nascer desse mysterioso subsolo do espirito que tem o exclusivo poder de crear nos dominios do subjectivo um mundo tão irrecusavel, tão consistente, tão *natural*, como o mundo objectivo. E os caracteres, para serem organisados hão de desenvolver-se pelas suas energias intimas, obedecendo a um plano inconsciente, que os traços successivos vão revelando, — tal como acontece ao germen dum animal ou duma planta. Os outros, os retratos individualmente exactos, crescem de fora para dentro, por simples addição de materiaes, como as cousas mortas, como crescem as dunas, como crescem os montões de entulho. Certas passagens da *Reliquia*, *O Anão*, de Fialho d'Almeida, situações phantasticas de Dickens, que parecem pesadelos absurdos, são mais verdadeiros sob o ponto de vista da arte do que todos os quadros dos *naturalistas*, feitos sobre apontamentos tomados escrupulosamente do natural.

O verdadeiro romancista folheando um album de photographias, anima em romance as figuras de desconhecidos que se entreteem a examinar e dá-lhe por scenario uma villoria vista de passagem em algumas horas. Uma physionomia, uma attitude, a gebice dumas calças, a ingenua pretenção dum fraque ou dum colarinho desastrados, bastam a acordar o nucleo gerador. Depois, dialogos, acções, aventuras vão sendo segregados e vão-se espontaneamente aggregando e dispondo em volta delle, — como uma cellula prolifera e as cellulas que se vão gerando se agrupam e transformam segundo uma Idêa immamente

de organização. Nos personagens assim creados todas as contradicções são harmonicas, porque os traços mais oppostos são derivados do mesmo nucleo ao passo que nos manequins feitos pelos escriptores que não nasceram romancistas, a maior coherencia das feições tem apenas o encadeamento glacial dum sorites e nem por um momento dá a illusão da vida. Esta, só os dois inviolaveis mysterios, o externo e o interno, a Natureza e o Genio, a podem crear. A intelligencia racionante e a habilidade technica podem fazer bonifrades de mais ou menos complicada relojoaria, com olhos de vidro azul, mais ou menos ethereos, e não passam daqui.

O que atravez duma creação litteraria se contempla é afinal a energia que sob ella se entremostra, esquivada, e mantem occultamente a cohesão das suas partes: a muda, a incorporea Idêa directriz.

É por isso que caracteres prosaicos e vis como a ama de Julieta e a creada de misse Western, pobres diabos solemnes e ridiculos como o coronel Bath, alimarias como *squire* Western, são infinitamente mais proprias para interessar vivamente o espirito e para elevar á contemplação metaphysica quem della seja do que a maior parte dos symbolos ideados com as melhores intenções poeticas e mysticas.

CARLOS DE MESQUITA.

Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

Menção honrosa



Nossa Senhora da Rocha

Photographia de Antonio Rosa da Silveira, de Lisboa

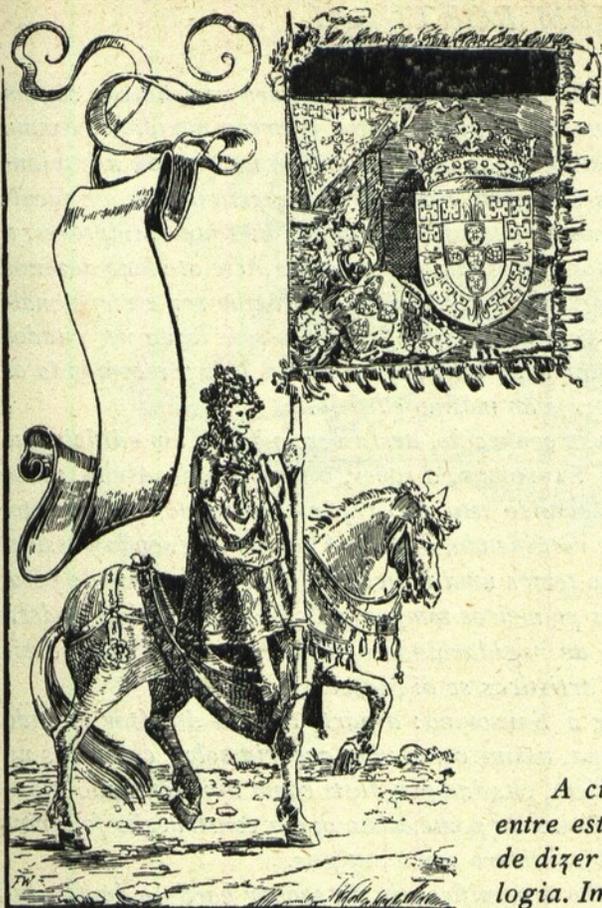
A architectura da Renascença em Portugal

por ALBRECHT HAUPT

PARTE II

O PAIZ

Prefação á parte segunda (1)



ARMAS PORTUGUEZAS

Da gravura de Durer «cortejo triumphal
do imperador Maximiliano»

A circumstancia de haverem permeado quatro annos entre este segundo tômo e o primeiro, faculta-me ensejo de dizer aqui umas palavras. Antes de tudo mais, a apologia. Importantes encargos de edificação, e ainda outras tarefas, me tem impedido até hoje de completar este meu trabalho, e aquelles que se interessam por estes assumptos não deixarão de concordar em que, o modo porque uma qualquer manifestação da Arte de edificar impressiona o olho do profissional diverge immensamente da respectiva concepção do méro escriptor ácerca de assumptos de Arte, o qual tem como sestro despachar de um rasgo de penna a tarefa, e diverge, nem sempre, em favor deste ultimo mencionado; não profissional, no lidimo sentido do vocabulo, cumpre, acima de tudo mais, considerar o verdadeiro praticante da Arte.

Escreptores no dominio da Historia da Architectura, e que, á similhança de Cornelio Gurlitt, são duplamente profissionaes, pertencem ás excepções.

Além de que, a elaboração individual das illustrações exigiu de mim um importante contingente de trabalho e de tempo, e muito mais do que o exigiria qualquer somma de texto fabricado ao correr da penna. Estas, no presente caso, e com excepção de pouco mais de uma duzia de primorosos desenhos, elaborados em Munich, ainda em 1890, segundo photographias pelo meu amigo C. F. Weysser—vão firmados com o seu nome—foram todas delineadas por minha propria mão.

Como até aqui, cingi-me invariavelmente á fiel reproducção dos meus estudos originaes, conscio, aliás, de que nem sempre o haverei feito com vantagem do aspecto elegante das reproducções.

O papel por vezes grosseiro dos bosquejos de viajante impõe mais de um obstaculo tanto á penna como á reproducção dos desenhos; e por isso, num ou noutro caso, tive que os desenhar quasi que de novo, afim de não prejudicar, por mingua de veracidade, o aspecto dos mesmos.

Seja-me ainda levado em conta o empenho em querer evitar os reparos de um verdadeiro entendedor, o qual, com respeito ao tomo primeiro, verberou, aqui e acolá, o aspecto «enxovalhado» dos desenhos. Não desejo ser incluído no numero desses desenhistas que a tal ponto imprimem o cunho da propria individualidade ás suas producções, conforme succedia ao proprio Viollet-le-Duc, que a entidade do original fica no segundo plano.

(1) A parte primeira d'este importante trabalho, que tanto interesse tem despertado no meio artistico de Portugal, acha-se publicada na primeira serie dos **SERÕES**, volumes III e IV.

O presente volume não deixará, aliás no sentido mais amplo, de poder reivindicar algum valor para a historia da Architectura, visto como em alguns pontos offerece novidade. Assim, pois, persuado-me de, pela vez primeira, haver estabelecido tal qual ordem no tocante á implantação de uma colonia de esculptores francêses em Coimbra, com o alcance, pelo menos, de facultar o poder-se assentar sobre bases mais claras uma historia especial dos mesmos esculptores, a qual certamente se tornará tão aesejada como a dos outros muitos ramos de Arte até hoje dezenas de vezes refogados. E vem a proposito mencionar aqui a circumstancia de que sou excepcionalmente grato ao sr. Sousa Viterbo, de Lisboa, pela amigavel offerta dos seus tanta vez citados quanto indispensaveis opusculos, referentes á historia do edificio de Santa Cruz e contendo os principaes e mais importantes documentos respectivos ao mesmo edificio.

Entre outras coisas, coube-me a sorte de tornar conhecido, desta vez, a final, um edificio que deve indubitavelmente de ser attribuido a ANDREA SANSOVINO, a saber, o Castello de Alvito, mansão acastellada, mencionado por Vasari. Ainda quando isto não represente muito, por quanto, uma investigação cabal do dito castello, tanta vez reedificado, o poderá confirmar, sendo possivel verificar-se a assignatura do artista, em todo caso temos uma indicação local e como tal de pêso, visto como ao instavel D. João II, bem como nos primeiros tempos a D. Manuel, mal se poderá attribuir uma residencia realenga, em condições de regularidade e merecendo semelhante designação, na qual uma sociedade com predilecções artisticas se dignasse pousar.

Além daquelle edificio inclino-me a attribuir a Sansovino: a parte central do altar do lado esquerdo do arco do côro, no mosteirinho da Pena, assim como uma arcaria sobre columnas na praça do Mercado, em Evora. As estatuas de Belem, citadas por Justi como apresentando plausibilidade de lhe serem attribuidas inclino-me a pô-las de parte, visto que a construcção foi principiada depois da retirada de Sansovino, e as não considero como antigas.

Resta-me ainda tributar aqui a minha gratidão á munificencia do senhor barão e doutor Julio de Königswarter. As despêsas deste volume foram cobertas em absoluto por este amigo dedicado da Arte portugüesa.

O meu digno amigo e senhor Gabriel Pereira, director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, tem-me ainda, como anteriormente, acudido com valiosas noticias. A estes cavalheiros reitêro eu aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Oxalá o livro pela sua parte possa vir a ser de algum valor para a ampliação do tão explorado campo da Historia da Arte, e em consideração de quanto de novo apresenta venha a encontrar uma indulgente avaliação de suas fraquezas.

Hanover, no outomno de 1894.

ALBRECHT HAUPT.

Referencias literarias correspondentes á parte primeira

Sousa Viterbo — O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra—Annotação e documentos. Coimbra, 1890.

Visconde de Condeixa — O Mosteiro da Batalha em Portugal—Monographia ornada de 26 gravuras heliographicas—Lisboa e Paris.

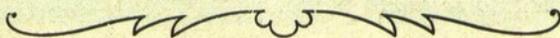
Ferdinand Denis — Portugal. Paris, Didot, 1846.

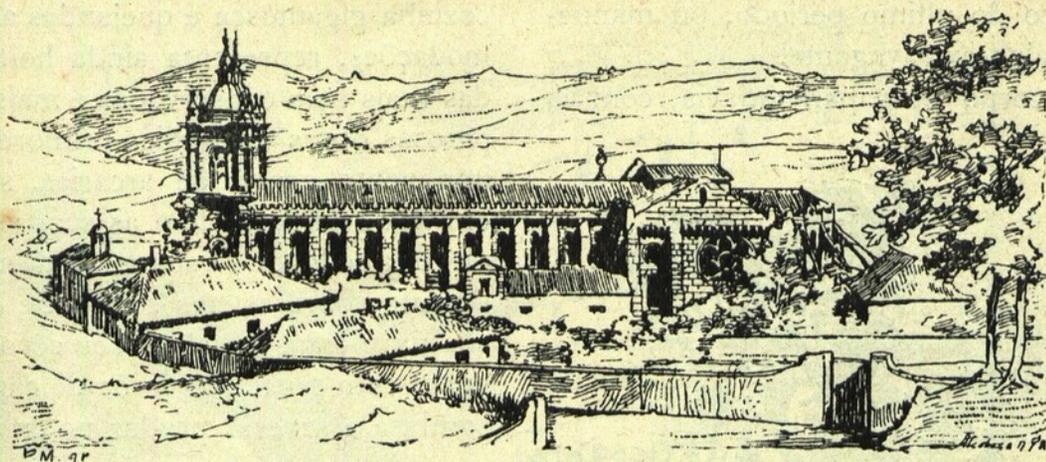
Léopold Méry — Emmanuel, ou la Domination Portugaise dans les Indes orientales au XVI^{ème} siècle — Tours, 1846.

Mestre Andree de Resende—Historia da antiguidade da cidade de Evora — Lisboa, 1873.

Do mesmo — De antiquitatibus Lusitaniæ libri IV. Romæ, 1607.

Peter van der Aa — Beschryving van Spanjen en Portugal. Leyden, 1707.





ALCOBAÇA

I.

ALCOBAÇA



AMINHANDO para o Norte, alcançamos a tão antiga Alcobaca (1), situada no ponto mais fértil de um apertado valle, e onde, posteriormente, veio a erguer-se a mais importante instituição religiosa dos primeiros reis portuguezes (1153). A imponente abbadia cisterciense, doada a S. Bernardo de Clairvaux pelos novos senhores da terra como tributo afim de obterem a soberania; matriz de 18 mosteiros filiaes, com o seu grandioso templo consagrado á Mãe de Deus, constitue um dos edificios de maior unidade do seculo XIII, comquanto, em eras mais proximas, lhe hajam acrescentado uma nova fachada, ampliando-a com varias construcções (2).

Edificada em estylo gothico primitivo e por vezes um tanto rude, quer a igreja quer o mosteiro, no seu conjuncto, ficaram concluidos em 1223.

Ahi pelos fins do seculo dotou-os el-rei D. Diniz com o seu tão formoso claustro. El-rei D. Manuel ampliou o edificio, adornando-o em parte com sumptuosidade; o cardeal-abbade D. Affonso, seu filho, acrescentou-o com dois claustros e um lanço de construcções exteriores, e nos seculos XVII e XVIII veio a ser completado na sua totalidade e transformado num corpo rectangular, cuja frente mede 225 metros, com uma nova frontaria apalaçada, imprimindo á propria igreja nova physionomia, mediante a addição de duas entradas lateraes flanqueadas de torres, num estylo

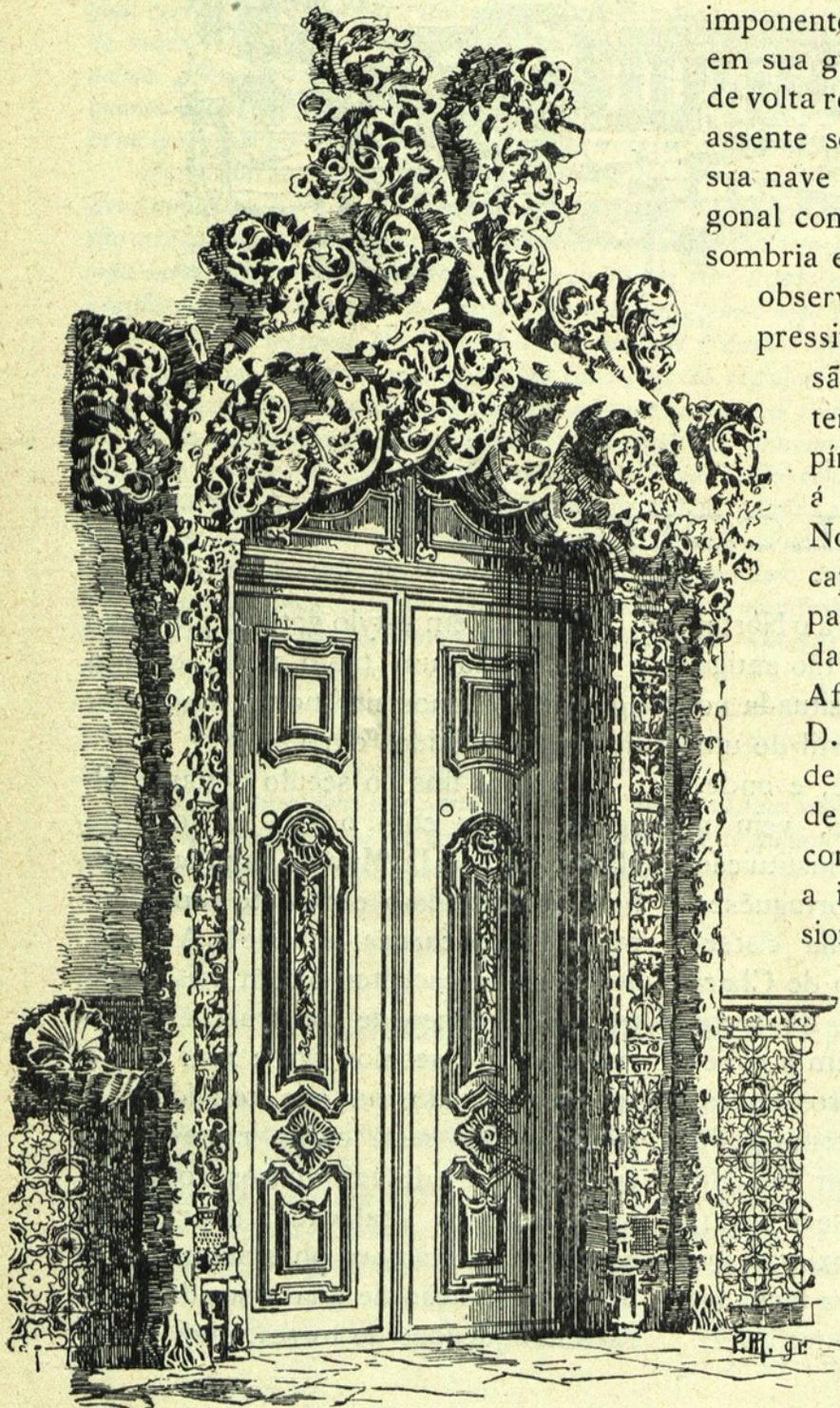
(1) M. Vieira Natividade, o mosteiro de Alcobaca, notas historicas. Coimbra, 1885.

(2) Quer a respeito deste monumento quer do da Batalha, attenta a densa obscuridade que envolve os monumentos da Edade-Media, em Portugal, pareceu-me opportuno dar aqui uma

breve resenha do primitivo edificio, sem a qual a desenvolução da Renascença mal poderia ser entendida. Se acaso estivera já escripta a historia da architectura do medio-évo em Portugal, haver-me-hia poupado similhante incursão que aliás me parece inevitavel.

gothico do ultimo periodo, ou manuelino, algo extravagante.

O corpo principal, todavia, com as



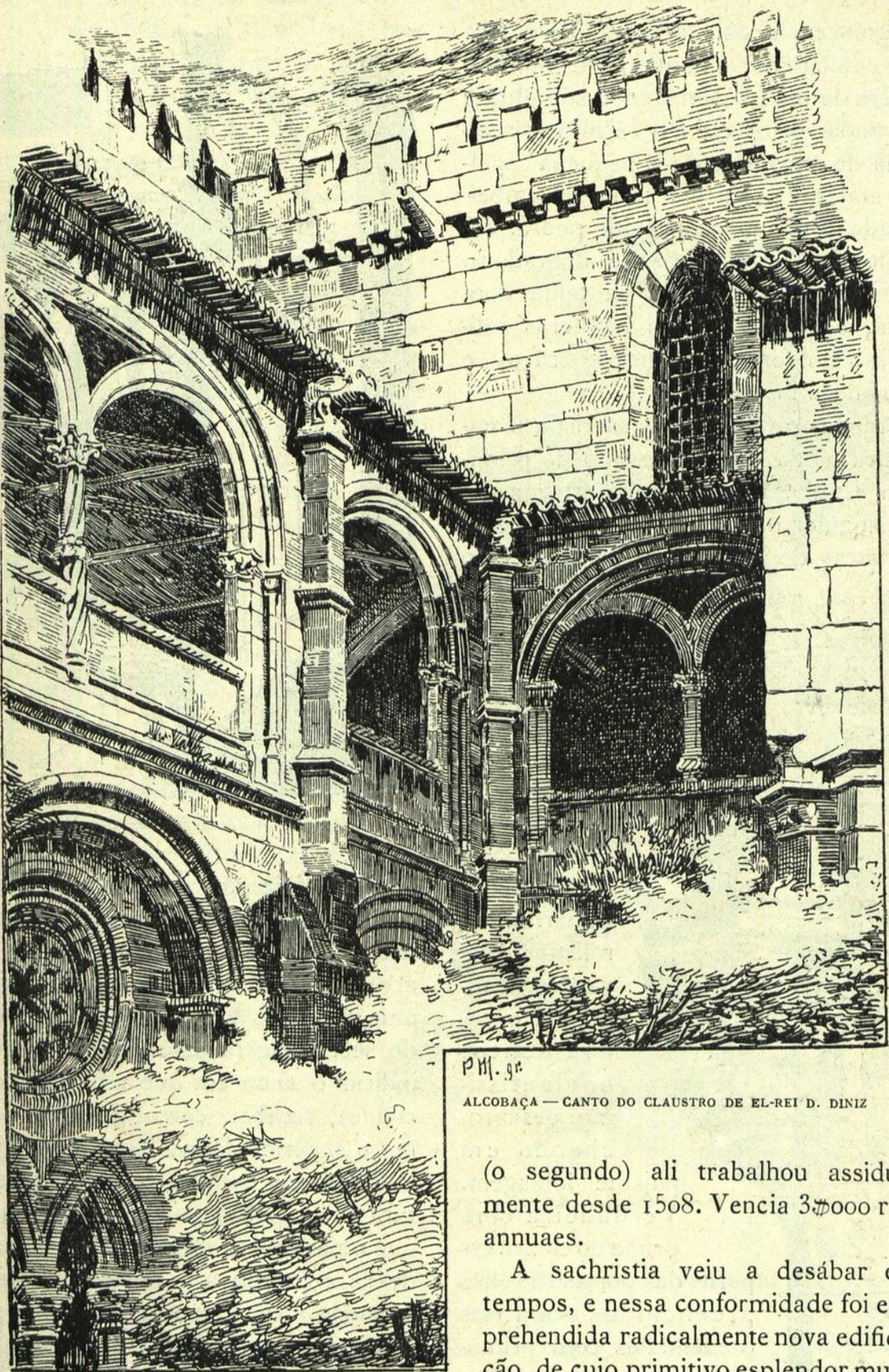
ALCOBAÇA — ENTRADA PARA A SACRISTIA

suas possantes abobadas e arcarias sustentadas por robustas columnas, com o seu refeitório e casa de capítulo, a sua

cozinha gigantesca e quejandas acomodações, representa ainda hoje uma das mais bem conservadas e mais sumptuosas obras do gothico primordial. A imponente igreja de arcarias, singela em sua grandeza, com as suas janellas de volta redonda e a sua corôa de ameias assente sobre esteios colossaes, com a sua nave transversal e o seu côro eneagonal com portico e corôa de capellas, sombria e severa, produz no animo do observador impressão triste e oppressiva, digamo lo assim, impressão semelhante áquella que em tempos haverá produzido no espirito ascético, religioso e votado á santa cruzada do fundador. No cruzeiro abre-se a formosa capella tumular, tão reputada no paiz como fora d'elle, a qual, além das cinzas dos reis Affonso II, Affonso III, Pedro I, das rainhas D. Urraca, D. Brites e D. Inez de Castro, encerra tambem as de alguns de seus filhos; um como lugar de romagem para a indole tão poética e impressionavel dos habitantes da peninsula iberica, celebrado desde séculos e tão cantado pelos poetas.

Lugar tão rico em recordações, estreitamente alligado á historia da nação desde os seu dias mais remotos, não soffreu com o esplendor da Renascença. El-rei D. Manuel, em 1519, incumbiu a João de Castilho. (V. *Serões*, 1.^a serie, t. III, pag. 358 e seg.) a construcção da sacristia e

de outras edificações de embellezamento, supposto desde então viessem todas a ser remodeladas. Matheus Fernandes



P. M. J. gr.

ALCOBAÇA — CANTO DO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

(o segundo) ali trabalhou assiduamente desde 1508. Vencia 30000 réis annuaes.

A sachristia veiu a desábar em tempos, e nessa conformidade foi emprehendida radicalmente nova edificação, de cujo primitivo esplendor muito pouco resta actualmente. Apenas fica-

ram de pé as paredes de cantaria com as singelissimas janellas e botareus; a disposição interna foi renovada nos seculos xvii e xviii. Apresentam singular

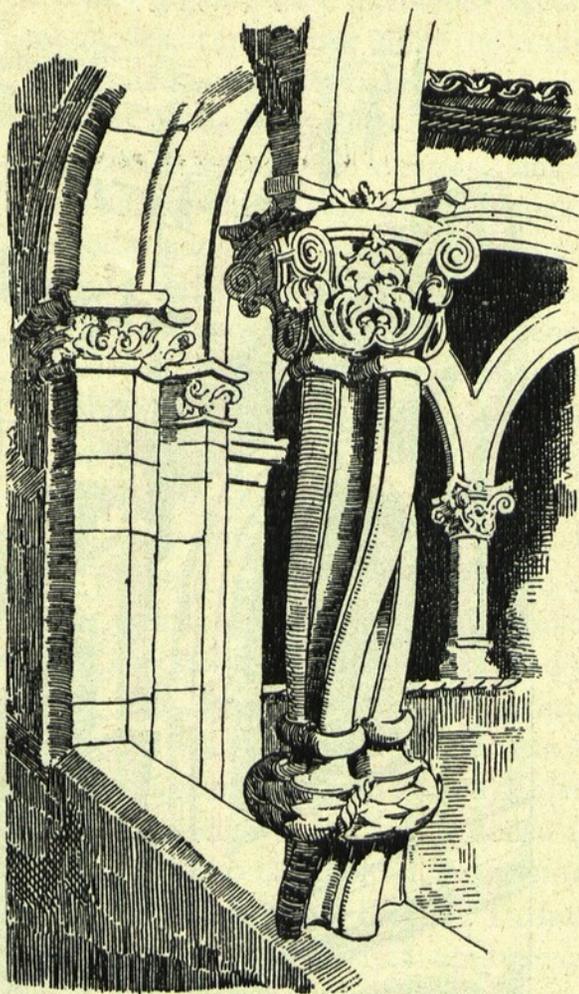
magnificencia dois arcázes, de riquíssima talha com embutidos de marfim, da éra de 1664, assim como a sumptuosa abobada de berço, em caixotões, realçada de ouro e azul. A pequena capella, annéxada, ahi por 1660, foi embelezada com uma cupula de pedra, enriquecida de caixotões e douradura, assim como de primorosa talha dourada, e adornada com inumeras reliquias, em forma de bustos, braços, e quejandas invenções.

Apenas o vestibulo da sacristia se encontra ainda muito proximo do primitivo estado. Uma abobada artezonzada, de singular opulencia, com sua rede de nervuras de pedra, ornatadas, cobre o

recinto pentagonal; o seu adorno ulterior é representado por dois porticos, dando ingresso para a sacristia. São adornados de ramaria naturalistica, que vae serpeando até o corramento, opulentissimo, desabrochando em

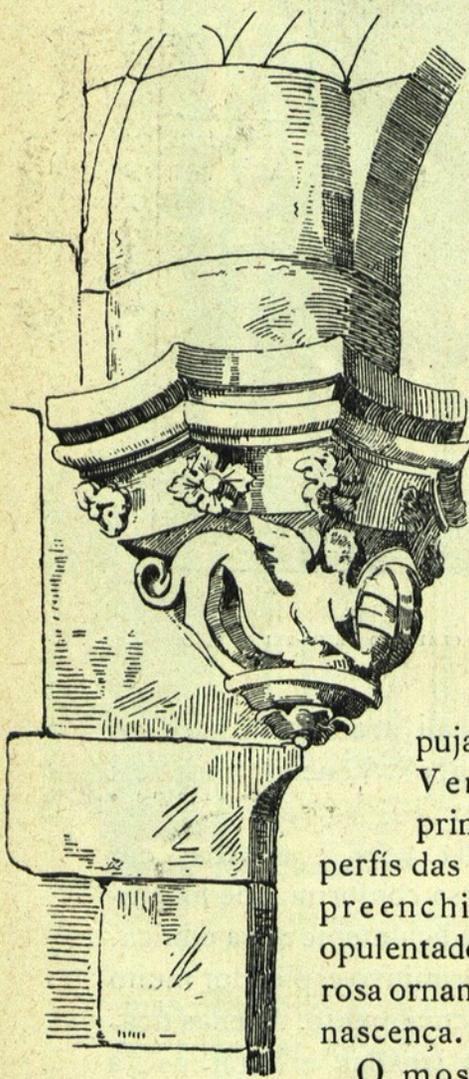
pujante folhagem. Verdadeira obra prima do cinzel. Os perfis das portas são aliás preenchidos por frisos opulentados com primorosa ornamentação da Renascença.

O mosteiro adquiriu aspecto mais formoso



ALCOBAÇA — DO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

com a edificação do claustro, devida a El-rei D. Diniz. Esta soberba construção, admiravel ainda apezar do seu actual estado de ruina, e sem duvida uma das mais bellas do ultimo periodo do seculo XIII (a data de 1304 parece indicar o anno em que veiu a ser concluido), recebeu cerca de 1518 o seu lanço superior. Pela planta dos antigos ediculos das escadas, e ainda pela altura das capellas das fontes, deduz-se que o pavimento superior fôra planeado desde a primitiva, e talvez que até effectuada a sua construção, sendo possivel que, por motivo de algum dos tremores de terra, os quaes, no dizer das chronicas, abalaram o edificio do mosteiro, tanto houvessem soffrido, que se tornasse urgente a reconstrucção. O



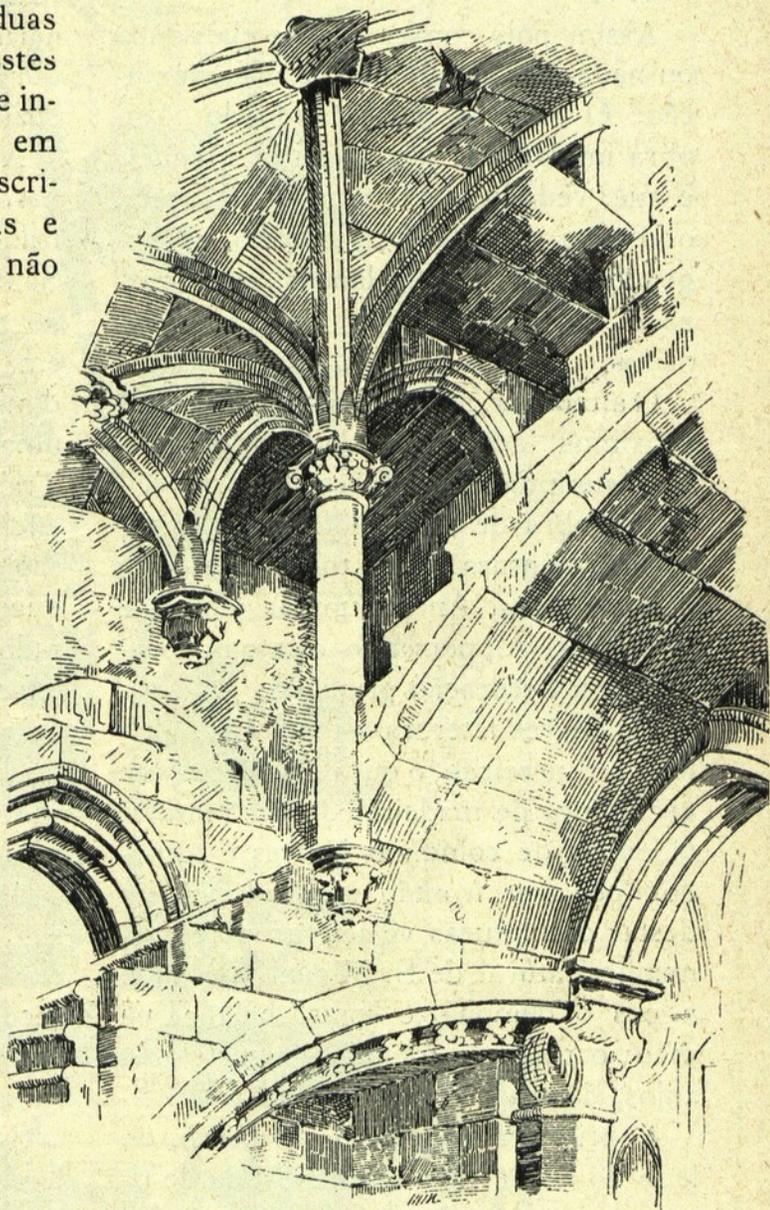
ALCOBAÇA — DO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

architecto, seguramente João de Castilho, a quem D. Manuel incumbiu as edificações a effectuar no mosteiro, vol. (Vide *Serões*, 1.^a serie, t. III, pag. 358), em contraste com o cerrado lanço inferior construiu o superior todo elle em arcarias abertas, correspondendo ás janellas do primeiro e repartidas em duas e em três por sumptuosos esteios. Estes arcos, assentes sobre columnélos de infinita variedade, já contorcidos já em forma de candelabro, são circumscripitos por grandes arcadas planas e macissas. O pavimento superior não é abobadado e apenas coberto pelo tecto em bruto, circumstancia esta que nos leva a induzir que, ainda neste caso, o plano de edificação não chegaria a ser cabalmente realizado. Os angulos são ligados ao muro exterior por meio de arcos abatidos diagonaes.

Tanto a indole das formas como a da composição em seu conjunto respiram o verdadeiro frescor da primeira Renascença, cujo poetico encanto igualmente se manifesta na parte superior dos ediculos das escadas.

No recinto gothico da fonte campeia ainda a bacia branca, de pedra, com as faces ricamente ornatadas, ostentando no centro uma encantadora columna, da mesma época, meio derruida. Identicos vestigios de ruina, infelizmente, apresenta aliás este lanço, sendo tambem visiveis, em grande escala e em todo o claustro, a mais funda decadencia e o mais grosseiro vandalismo por parte do povo. Os proprios francêses, os quaes, em 1810-1812, na qualidade de alliados vieram tornar ditosa a nação, fizeram es-

tragos medonhos, violaram sepulturas, queimaram o cadeirado do côro e levaram as preciosidades da igreja. Porém, desde 1833, anno em que os monges foram compellidos a evacuar a sua antiga séde de actividade, tudo ali ficou



ALCOBAÇA — CAIXA DE ESCADA NO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

ao desamparo, e entregue á rapina seja de quem fôr.

E' digno de lastima, na verdade, o estado de absoluta dilapidação a que deixaram chegar um monumento que deveria constituir objecto do maximo

respeito e ao qual andam associadas recordações tão gloriosas para o povo portuguez.

Os trabalhos de reparação no exterior estabelecem deploravel contraste com a pavorosa devastação do interior. (1)

Assim pois conserva a igreja pouco ou nada da sua sumptuosa ornamentação. O primoroso cadeirado do côro, obra implantada por El-rei D. Manuel, e que, vedado por uma riquissima teia, occupava o centro do cruzeiro, abrangendo ainda alguns lanços, está arrazado. A maioria dos altares, arruinados.

O altar-mór, assim como os dois mais proximos, acham-se ainda adornados com sumptuosa architectura enriquecida de obra de talha dourada e de variegada pintura, obra todos elles com data de 1594. Antecolumnas jonicas e corinthias, supportando estatuas constituem a decoração principal.

Os altares lateraes ostentam, um delles, a resurreição, o outro, S. Miguel em escultura de madeira, de rica pintura, ladeados de columnas jonicas e coroados por um frontão bipartido. Além destas esculturas vê-se o grupo em tamanho natural de S. Miguel, calcando a pés o demonio e com a balança na mão; occupando o fundo um cortejo de anjos, da mais supina belleza.

A primeira capella do cruzeiro, do lado do sul, é toda ella revestida de ri-

quissima obra de talha, dourada, e está cheia de figuras de barro cozido, a côres, de tamanho natural.

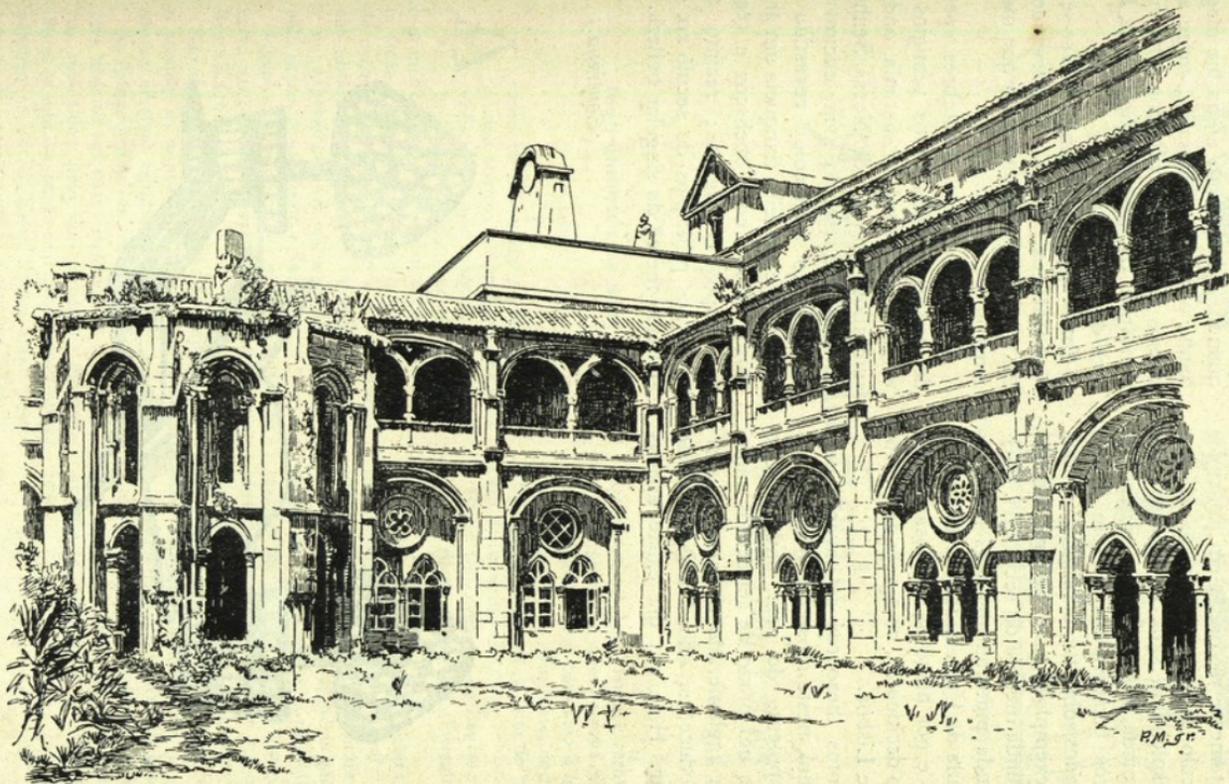
Aqui, como na capella immediata, em cujo nicho de pedra assás fundo, adornado com rica architectura, se acha tambem representada a morte de S. Bernardo, brilha em todo o seu esplendor a escultura portuguesa de barro cozido correspondente ao seculo xvii.

A referida producção artistica, S. Bernardo no leito mortuario cercado dos frades da sua Ordem e, no topo, a Santissima Virgem em côro de anjos, ao todo quarenta figuras, parte dellas em tamanho natural e as restantes a diminuir na perspectiva, constitue uma obra de mui especial belleza! Trabalho, talvez, de 1660? Quer pelo effeito da côr quer pelo da escultura são deveras encantadoras. Infelizmente, quem sabe se hoje restará apenas de tudo aquillo um acervo de ruinas, ou se effectivamente subsistirá ainda alguma coisa! Um calvario, de dimensões collossaes, numa capella contigüa, em 1886 éra já um montão de cacos, apenas.

As sete capellas circuitando o côro são do mesmo modo revestidas de preciosissima obra de talha dourada, dos seculos xvii e xviii, e adornadas de pinturas — tudo, porém, em estado de ruina, ou pouco menos.

Sob o regimen do cardeal D. Afonso foram ainda accrescentados dois robustos claustros e, na mesma época, importantes lanços de construcção, vindo completar o quadrilatero. São os primeiros uns pateos em arcarias sobre pilares e columnas, e os segundos apresentam janellas de singelissima architectura. Estes lanços acham-se hoje arvorados em quartel, nada subsistindo já das disposições internas, outrora tão

(1) Seria melhor, certamente, o pouparem-se a semelhantes exterioridades e o estabelecerem-lhe um ou dois guardas, que sustassem o progresso das ruinas e as defendessem de futuras depredações. Altares, e outros pertences, até hoje dir-se-iam constituir apenas material combustivel, e, em caso de necessidade, serem demolidos a machado.



ALCOBAÇA — CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

sumptuosas, além da espaçosa bibliotheca, de dois andares com galeria, opulentamente decorada em principios do seculo XVIII, vazia, já se vê, — e uma esplendida sala, cujo tecto conserva ainda assás viva a pintura de grotescos contornados de tom escuro e dourados sobre fundo branco: um dos raros exemplos deste genero datando da segunda metade do seculo XVI. Existem ainda pinturas identicas na arruinada aula da Universidade jesuitica, em Evora, e por baixo da formosa tribuna do lado occidental, na igreja de S. Roque, de Lisboa.

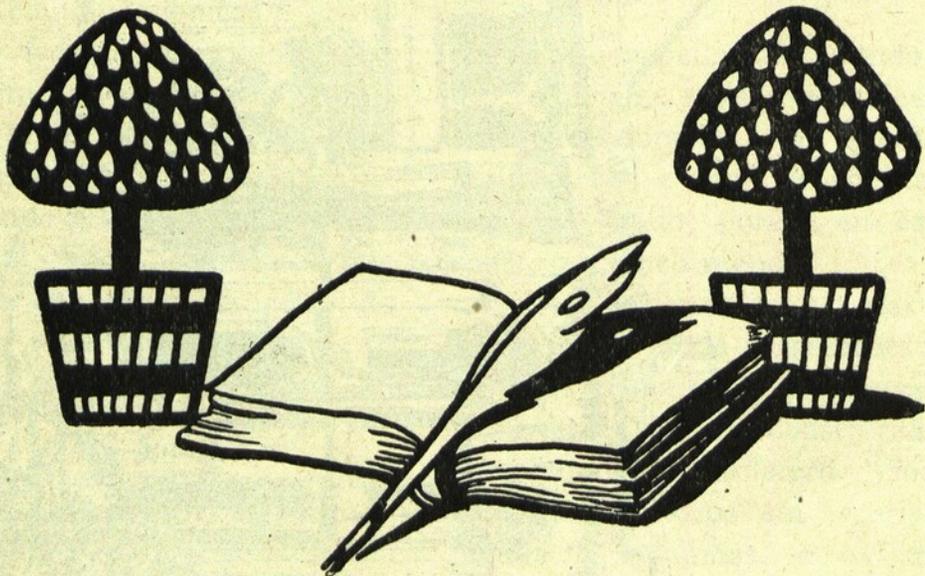
Quantos thesouros se haverão perdido aqui, neste mosteiro, o maior e o mais opulento do paiz, onde a Arte durante um prazo de seiscentos annos haveria agglomerado as suas mais ricas producções, não é coisa facil de apreciar. Hoje em dia existe apenas

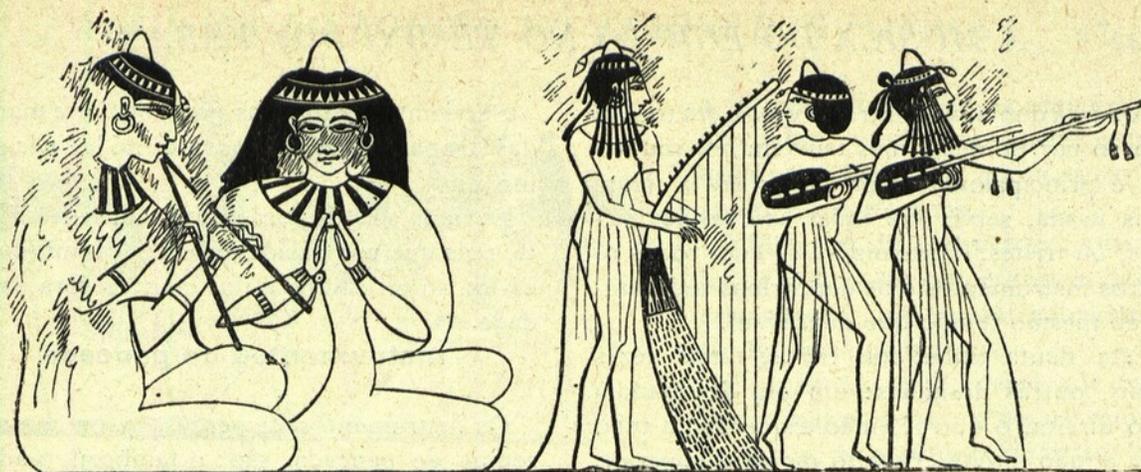
um lamentavel quadro de destruição, — e tão sómente ao cahir da noite, quando o luar, com a sua luz magica banha o abandonado salão, surge ante nossos olhos maravilhados uma visão fantastica da magnificencia e da belleza de algum dia.

Oxalá pudessem ainda salvar-se os desbaratados restos, conservando-os em estado mais á altura do que merecem.

Apresentam uns vislumbres apenas do pristino esplendor os vestigios da vasta cerca ao sul da sacristia, onde a sumptuosa capella de Nossa Senhora do Desterro (seculo XVIII) encimando um terraço multicolor revestido de marmore e azulejos flanqueia um grandioso terreiro com obeliscos e restos de grupos de figuras; recinto que ainda nos principios do seculo XIX era afamado mercê da singular belleza.

(*Continua.*)





DUAS GUITARRAS, UMA HARPA, UMA FLAUTA DUPLA E UMA MULHER BATENDO COMPASSO

A música do Egipto

no tempo dos Faraós

(Conclusão)

Instrumentos de sôpro

FLAUTAS

ATRIBUI-SE ao assoviar do vento nos canudos, abertos dos profusos canaviais enfileirados nas margens do Nilo, a invenção dos instrumentos de sôpro, o primeiro dos quais é a flauta. Sugeriu talvez o facto a idea de se assoprar em bocados de cana maiores, ou menores, e dessa variação notariam os egípcios a diferença de som, e de experiência em experiência, ajudados pelo acaso, descobriram a flauta.

Alguns autores de grande nomeada dão como certo atribuírem os egípcios a invenção da flauta a Osiris.

São antiquíssimas as flautas no Egipto, e bem o atestam as catacumbas de Elétia, que apresentam diversas espécies de flautas.

As flautas primitivas eram uns canudos simples, abertos nas suas extremidades e com furos repartidos pelo comprimento; em um dêstes se soprava, tendo-se o instrumento quási paralelo ao corpo. Estas flautas eram quási sempre de cana, algumas de madeira, tal como a do lódão e buxo, e ainda, mas poucas, de

marfim, osso, prata, ferro e raras de bronze. Quási o mesmo se dava noutras civilizações, e assim é que do osso *tibia* veio o nome em latim à flauta, quer esta fosse, como se vê em Plínio o Naturalista (1), feita de buxo, lódão, osso de jumento, ou prata.

Havia três especies de flautas: a flauta-direita; a flauta transversa (fotingia); a flauta-dupla.

Era pouco usada a flauta-direita, a qual consistia num tubo direito e igual; não excedia em comprimento mais do que de 456 milímetros a 693 milímetros, como as que existem no museu de Florença; havia-as muito mais curtas, 228 milímetros, e menos ainda, como a do museu de Berlim, que mede 214 milímetros, e também as do museu de Leida; tinham de 1 até 5 furos; e estas flautas tam curtas só serviam para a gente do campo.

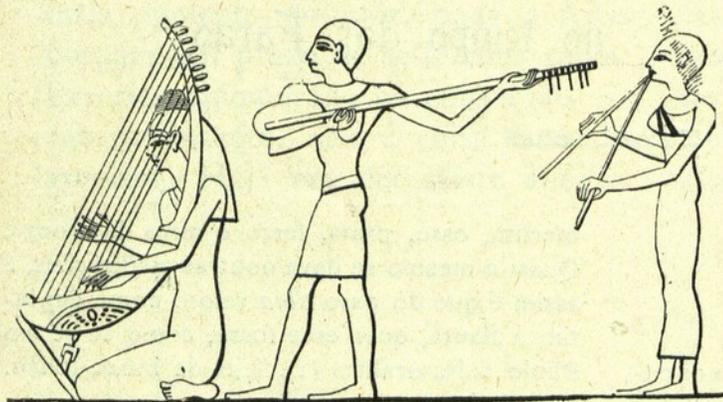
A flauta transversa era muito usada; bastante comprida, excedia por vezes o braço do tocador; era, como a antecedente, tocada só por homens e empregada nas cerimónias fúnebres.

(1) Trad. de Emílio Littré, XVI, 36

A flauta dupla, ao contrário desta, era tocada não só por homens, mas também por mulheres e principalmente por estas; era a flauta mais usada, servia em todas as ocasiões alegres, ou tristes, harmonizava-se com todos os outros instrumentos e as dançarinas tocavam-na ao mesmo tempo que dançavam.

Esta flauta tinha dois tubos, umas vezes iguais, outras desiguais; um era destinado à mão direita, o outro à mão esquerda; o tubo para a mão direita era feito da parte superior, delgada, da cana, tinha muitos mais furos do que o outro e dava as notas agudas; o tubo, ou flauta da mão esquerda, era da parte inferior, a grossa, da cana, tinha muito menor número de furos e dava as notas graves.

Gregos e latinos usavam flautas semelhantes, duplas, e a que em certo caso especial davam o nome de *tibias pares* (no mesmo tom e



HARPA, GUITARRA E FLAUTA DUPLA

oitava), e noutros de *tibias impares* (sons agudos e sons graves), como direi se escrever acerca de música na Grécia e em Roma.

Entre sírios e hebreus tinha o nome de *ambuba*.

TROMBETAS

A trombeta, quasi anafil, era instrumento muito usado pelos egípcios. Não tinha variedade nenhuma; era de cobre, curta, e de forma singela: a de um tubo que se ia alargando pouco a pouco para a extremidade da saída do som, na qual se abria logo em curto mas alargado cone.

Ha uma trombeta de cobre dourado no museu do Louvre, a qual mede ao todo 54 centímetros; esta trombeta tem o som muito agudo, dá duas oitavas acima das trombetas em ré das nossas orquestras.

Serviam as trombetas para regular a marcha das tropas, comandá-las e dirigí-las nas evoluções.

Deviam ser de som muito forte e estridente, pois que nas cidades não era permitido tocá-las, só no campo e nos quartéis fora da cidade.

Instrumentos de pancada

Os instrumentos de percussão, ou como dizemos de pancada, são: o tamboril, o adufe, a tábale ou darabuca, os címbalos (pratos e castanholas), os crótalos; direi ainda o sistro.

De que tivesse havido no Egipto Faraónico tambor propriamente dito, caixa de rufo e em que se batesse com vaquetas, não possuem os egiptólogos documentação incontestável: os monumentos não na dão e o tambor de Tebas, de que falam alguns egiptólogos (1), é objecto contra cuja autenticidade há suspeitas.

TAMBORIL

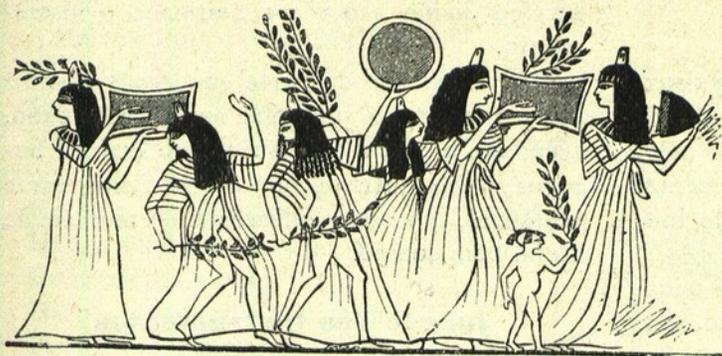
Era uma caixa de madeira ou de cobre, do feitio de barril, um elipsoide de 60 a 75 centímetros no eixo maior, e de uns 25 a 35 centímetros no eixo menor, truncado nas extremidades do eixo maior. Nestas assentavam peles uma de cada lado, estiradas por um certo número de correias finas, encruzadas em roda da superfície da caixa elipsoidal.

Suspendia-se a tiracolo, ficando quasi horizontalmente para a frente do tocador, que batia nele com os dedos, e ficando verticalmente quando deitado para as costas para se caminhar em marcha.

O tamboril era usado nas bandas militares; associava-se a qualquer outro instrumento, trombeta etc., servia para marcar a evolução militar, ou o ritmo na dança, na qual o dançador era quasi sempre quem o tocava com ambas as mãos, ao mesmo tempo que dançava.

Este instrumento já era muito conhecido e bastante usado no seculo XVI antes da nossa era.

(1) Conheço apenas Gardner Wilkinson «A Popular Account of Ancient Egyptians» vol. I, pag. 106-7; Paul Pierret no «Dictionnaire d'Archéologie Egyptienne» s. v. *tambours* refere-se à obra maior de Wilkinson que não existe na biblioteca de meu Pai, e cita o vol. II pag. 266.



MULHERES TOGANDO TAMBORIS E DARABUCAS

ADUFE E PANDEIRO

O pandeiro era de fasquias de tábuas estreitas, juntas em uma só cercadura ou anel.

O adufe era quadrangular; os arcos dêle eram curvos, cóncavos para fora, e formavam, para os lados da cobertura, em cada um dos dois tampos, ângulos agudos; dentro havia soalhas de cascavéis ou metálicas. Um e outro, ambos estes instrumentos eram tangidos com os dedos, excepto o polegar, com o qual se segurava o instrumento.

TÁBELE OU DARABUCA

A tábele (que só dêste modo poderemos apontuguesar o vocabulário egípcio *tabl*) era de forma composta de um cone de ângulo estreito, truncado, ficando com pequena altura e encimado na parte mais estreita por uma secção esférica de menos de meia esfera; era de barro; deverei em rigor dizer que esta forma grotesca era a de um dos nossos fogareiros de barro, sem a base em que êstes assentam.

Era todo oco e tapado nos extremos por uma pele em cada um; tangia-se como hoje em dia a darabuca (de forma igual) tocada pelas mulheres egípcias dos campos e pelos barqueiros do Nilo: a mão direita tocava o canto com os dedos, a mão esquerda o acompanhamento com sons graves, tirados da semi-esfera por pancadas com a palma da mão.

O instrumento trazia-se suspenso aos ombros.

CÍMBALOS

Os címbalos eram proximamente os pratos das nossas orquestras e bandas.

Havia, porém, címbalos pequenos, que não eram tocados por pancadas de um no outro,

o da mão direita, no da esquerda, mas eram usados aos pares em cada uma das mãos, como as castanholas em Espanha.

Wilkinson diz que nestes címbalos de dois pares está a origem das castanholas, cujo uso introduziram em Espanha os mouros.

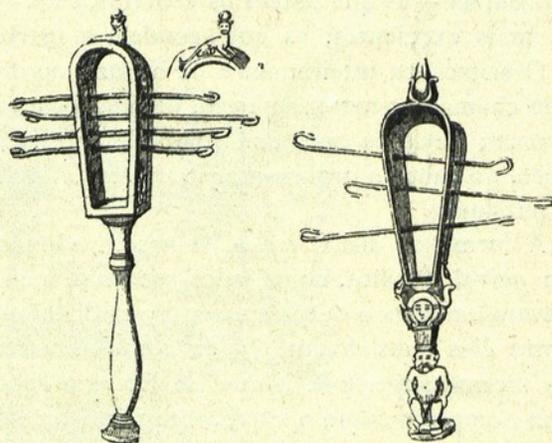
É possível; mas é certo que os povos itálicos conheciam e usavam, na dança, de pratinhos, de pratos e de castanholas; o que bem se pode ver *s. v. crusmata e cymbalista e cymbalistrìa* no «Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques», de Antony Rich, tradução de Chéruel.

CRÓTALOS

Alguns autores confundem *crótalos* com *cimbalos* de um par em cada mão, isto é com *castanholas*, assim Ramsay; a razão é o significado do vocabulário grego *króton*. Adoptei-o, como em geral os egiptólogos cujos trabalhos li, para designar os instrumentos de pancada formados por duas peças iguais, geralmente de bronze cada uma delas, composta de uma ou duas cabeças, em cujo interior ha cascavéis ou soalhas metálicas, as quais cabeças assentam pela nuca em cabos mais ou menos curvos, por onde se trazem os crótalos nas mãos, para os sacudir e dar tilinto, ou bater uma peça contra a outra, para o sonido ser maior.

Algumas vezes aparecem figuras com um par empunhado em cada mão.

Usava-se dos crótalos nas bandas militares e noutros serviços músicos, como dos ferriños na Europa.



SISTROS

No museu de Berim

SISTRO

Supôs-se durante muito tempo que o sistro fosse o principal instrumento da música egípcia. Rigorosamente nem se deveria falar nele, como instrumento músico; é propriamente, como a campainha da igreja, talvez pelo menos em parte, como a sineta e o sino.

Como instrumento, porque dá som, é o instrumento sagrado por excelência, mas só, sem combinação nenhuma com outro instrumento. Nunca se encontra nos monumentos associado a instrumento de corda, sôpro, ou pancada, nem ao lado, ou na mão de cantores.

Só no templo se podia usar e era subido privilégio tocá-lo; só rainhas, ou damas de grande nobreza, devotas no serviço da divindade, denominadas *mulheres de Amum*.

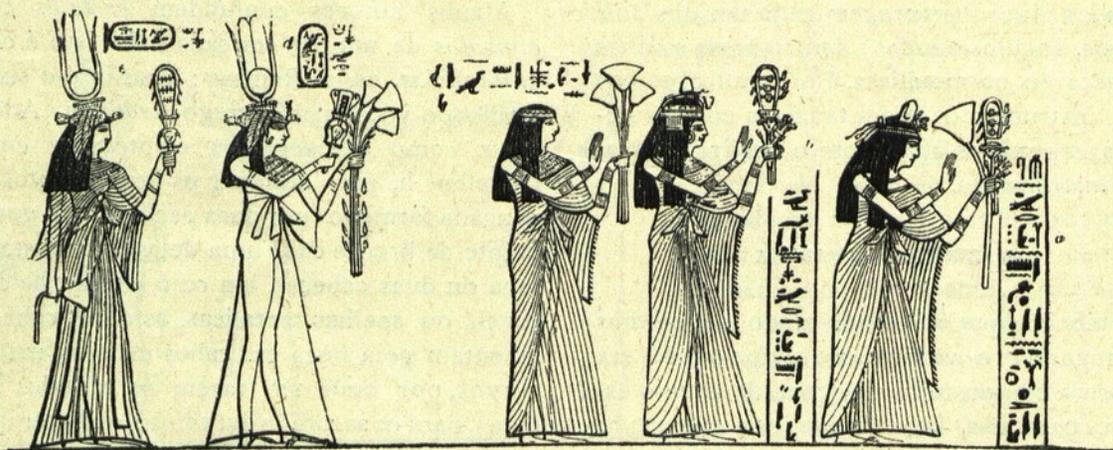
serviço divino a que era destinado o instrumento.

Os ramos, que da parte encurvada descem até pousarem na superfície superior do cabo, teem um e outro três ou quatro (raros) buracos, pelos quais passam outras tantas varas metálicas, que teem enfiados anéis também de metal bem soante.

Junção dos Instrumentos

Associavam-se estes instrumentos por formas diferentes: sós, ou em duetos, tercetos, quartetos, quintetos, sextetos, etc.; por vezes juntavam-se em número considerável. É impossível dizer quais os princípios ou regras, que serviam para estas distribuições.

Acompanhavam diversos instrumentos um



RITOS SAGRADOS DESEMPENHADOS POR MULHERES

As mulheres dos faraós desde a XVIII dinastia até á XXII são *músicas dos templos*; tanger umas o tamboril, outras tocam a harpa ou teorba, há — as que batem os crótalos, e há, — as mais excelentes, as que sacodem o sistro.

O sistro era inteiramente de bronze, ou do que chamamos metal-amarelo, uma espécie de bronze; havia-os com embutidos de prata, de ouro, no cabo; a ornamentação era em alguns riquíssima.

A forma do sistro era a de arco, redondo ou ogival no alto, cujos lados rectos se inclinavam um para o outro e assentavam distando entre êles mais do que $\frac{2}{3}$ da corda do arco, na mesma superfície, à qual se ligava o cabo tam comprido como o sistro, sonoro e aformosado com ornatos, escolhidos não só para graça, mas porque ficassem bem adequados ao

só cantor; muitos cantores eram acompanhados por um só instrumento; ou qualquer instrumento se tocava a solo.

Os instrumentos mais usados para acompanhar o canto eram a flauta-dupla, a harpa e a lira; por vezes juntavam-se duas, três harpas, e chegavam a juntar-se em maior número.

De baixos relevos e pinturas tem-se conhecimento da junção dêsses instrumentos:

Em duetos da seguinte forma:

- Duas harpas;
- Duas liras;
- Guitarra e adufe;
- Harpa e lira;
- Harpa e flauta dupla;
- Harpa e pandeiro;
- Guitarra e pandeiro;

Em tercetos da seguinte forma:

Duas harpas e flauta transversa;
Harpa, flauta direita e flauta transversa;

Harpa e duas guitarras;
Harpa, flauta dupla e guitarra;
Duas harpas e lira;
Harpa, flauta dupla e pratos;
Harpa, lira e flauta dupla;
Lira, guitarra e flauta dupla;
Trombeta, pratos e tamboril;

Em quartetos da seguinte forma:

Duas harpas, flauta direita e transversa;

Harpa, duas guitarras e flauta dupla;
Harpa, guitarra, flauta e adufe;
Harpa, guitarra e duas flautas transversas;
Harpa, guitarra, lira e tamboril;

Em quintetos da seguinte forma:

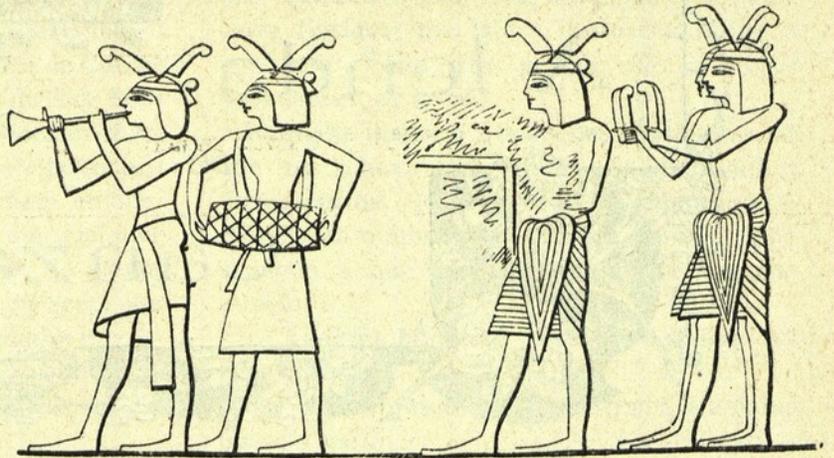
Harpa, guitarra, lira, flauta dupla e adufe;
Lira, duas harpas, guitarra e flauta dupla;

Em seistetos da seguinte forma:

Harpa, duas liras, guitarra, flauta dupla e adufe;

E como estas muitas outras combinações; mas isto basta para se fazer idea.

Quanto ao sistema musical dos egípcios não é possível dizer nada, pois neste ponto os monumentos e túmulos são impenetráveis e nada se pode dizer acêrca do modo como os egípcios



UMA BANDA MILITAR

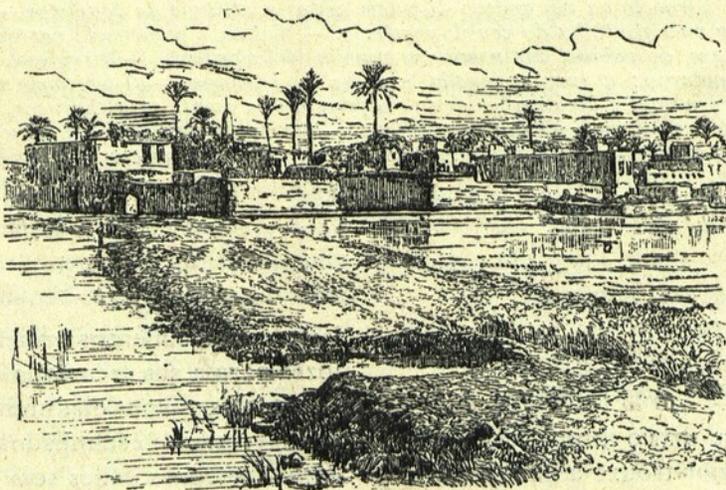
compreendiam tonalidade, ritmo, melodia, harmonia, tudo quanto a composição musical encerra por mais simples e curta que seja; em todo o caso não se deve daqui deduzir que fossem mal concebidas e mal desenvolvidas as composições musicais.

De ouvido aprendiam e de memória conservavam, ensinavam e transmitiram os orientais as mais difíceis e largas composições não só de música, mas também de literatura, por muitos séculos.

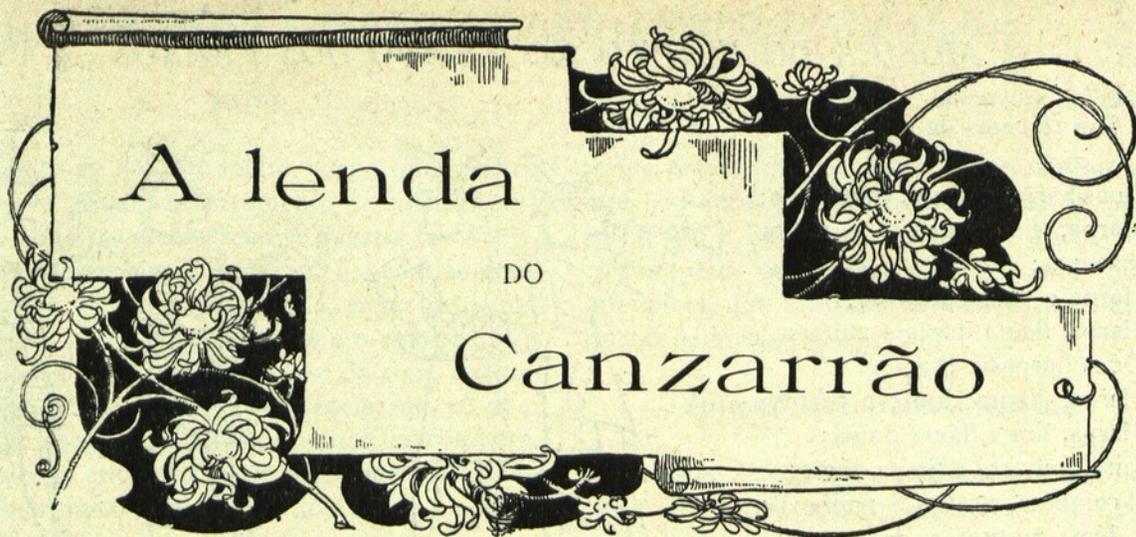
Cada homem douto era uma biblioteca de muitos volumes, cuja doutrina transmitia com exactidão, embora por vezes sem conhecimento do valor e nem em muitos casos, quanto a literatura, da linguagem que a exprimia.

Lisboa — Abril de 1906.

JOSEFINA DE VASCONCELLOS ABREU.



UMA INNUNDAÇÃO NO VALLE DO NILO



A lenda DO Canzarrão

Summario dos capitulos I a X

Sherlock Holmes, o tão celebre DETECTIVE é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão acerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as facultades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso. — O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a LENDA DO CÃO FANTASMA. — Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A sollicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nôvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumico da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-contínuo, Holmes arrastando consigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do TIMES. — Pesquisas. — A bota trocada. — Peripecias. — O barometro resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Martimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desaparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu ALTER EGO, doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do CAB. — Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Barrymores. — Uns soluços misteriosos. — Watson tenta esclarecer o misterio. — Interrogatorio do mordomo. — Resultado infructifero. — Suspeitas. — Governante lugubre. — Pesquisas. — Encontro imprevisto: o naturalista. — Os perigos da charneca. — O sorvedoiro. — Berro misterioso. — Habitações pré-historicas. — Surpreza sobre surpresa: a beldade do brejo. — Aviso inesperado. — Aprehensões tetricas. — Amores do baroneto. — Visitas aos logares sinistros. — Novo misterio: a sombra nocturna. — A luz accusadora. — Watson surprehende o baroneto em colloquio amoroso com a irmã do naturalista. — Scena violenta entre este e sir Henry. — Confidencias do baroneto ao seu amigo: discutem ambos a attitude de Stapleton. — Este dá explicações, que concorrem a erguer uma pontinha do veu do mysterio. — Watson e o baroneto passam a noite de vela tentando encontrar a chave do enigma das rondas nocturnas do mordomo. — Barrymore surprehendido em flagrante — Telegrapho nocturno: a luz na janella e a luz na charneca. — O mordomo nega-se a dar explicações. — Intervem a governante, e declarações desta: o facinora a monte pela charneca. — Sir Henry e o doutor saem a dar caça ao presidiario. — Subita apparição. — Corrida desatinada em perseguição do facinora. — Nova surpresa: o vulto mysterioso surgindo na fraga. — O mordomo ministra explicações importantes quanto á morte de sir Charles: a carta reveladora. — As inicias do signatario. — Mortimer encontra-lhe a solução. — Mistress Laura Lyons, a dactylografa de Coombe-Tracey.

CAPITULO XI

O homem da fraga

O extracto do meu diario intimo constituindo o capitulo anterior trouxe a minha narrativa até 18 de outubro, data em que tão singu-

lares acontecimentos principiaram a correr velozes para a sua tremenda conclusão. Os incidentes dos poucos dias immediatos ficaram-me indelevelmente estampados na memoria, e poderei dar conta delles sem ter de appellar para os apontamentos tomados na occasião. Prin-

cipío, pois, do dia conseguinte áquelle em que estabeleci dois factos de summa importancia, o primeiro, que mistress Laura Lyons de Coombe-Tracey tinha escrito a sir Charles Baskerville, aprazando-lhe uma entrevista, no mesmo sitio e á mesma hora em que elle encontrou a morte; o outro, que o homem embuscado na charnéca se encontraria em qualquer das baiúcas de pedra, na encosta de algum monte. Dispondo destes dois factos senti que mui deficientes devem de ser a minha intelligencia e a minha coragem se eu não conseguir lançar mais alguma luz sobre estes pontos escuros.

Não encontrei ensejo de contar ao baroneto o que eu soubera ácerca de mistress Lyons, na vespera, á tarde, porque o doutor Mortimer ficou a jogar as cartas com elle até muito tarde. Ao almoço, contudo, informei-o do meu descobrimento, e perguntei-lhe se teria duvida em me acompanhar a Coombe-Tracey. A principio manifestou empenho em ir, mas, bem ponderado o caso, a ambos pareceu que se eu fosse sósinho os resultados podiam ser melhores. Quanto mais formal tornassemos a visita menos informações poderíamos obter. Deixei pois em casa sir Henry, não sem alguns remorsos de consciencia, e fui tratar da minha nova inquirição.

Assim que cheguei a Coombe-Tracey dei ordem ao Perkins para recolher a parelha, e tratei de indagar a morada da dama que eu vinha com o proposito de interrogar. Não tive difficuldade em lhe encontrar os aposentos, que eram centraes e bem mobilados.

Facultou-me accesso uma creada, sem mais ceremonias, e quando dei entrada na sala, a aludida senhora, que fui encontrar sentada a uma máquina Rémington, de escrever, ergueuse de pronto e acolheu-me com amavel sorriso. Carregou-se-lhe porém o parecer, quando viu que eu era um estranho, e voltando a sentar-se, indagou qual o objecto da minha visita.

A primeira impressão produzida por mistress Lyons era a de uma beldade peregrina. Os olhos e o cabello, da mesma côr acastanhada e as faces, posto que muito sarapintadas de sardas, animadas por esse primoroso viço da morêna, esse matiz tão delicado que se entrevê no amago da rosa de toucar. A admiração, repito, era a impressão primeira. A segunda, porém, era de critica. Havia um não sei quê de subtilmente incongruo naquelle semblante, uma tal qual vulgaridade de expressão,

uns vis'umbres de dureza, talvez, no olhar, uma certa flacidez nos labios deslustrando-lhe a perfeição. Tudo isto, porém, são reflexões posteriores, já se vê.

Naquelle instante tive apenas consciencia de que me achava em presença de uma mulher formosissima, que me estava perguntando o motivo da minha visita. Eu, até ali, não tinha avaliado a que ponto era delicada a minha missão.

— Tenho a honra de conhecer o senhor seu pae, declarei.

Foi uma apresentação desastrada, e a dama fez-m'o sentir.

— Nada existe de commum entre mim e meu pae, replicou. Não lhe devo coisa nenhuma, e os seus amigos não são os meus. Se não fossem sir Charles Baskerville e outras pessoas de bom coração teria morrido de fome sem que isso desse cuidado a meu pae.

— E' a proposito do fallecido sir Charles Baskerville que eu vim procurá-la, minha senhora.

Assanharam-se as sardas na cutis da dama.

— E que poderei eu dizer-lhe a seu respeito, indagou, e os dedos a tamborilarem, nervózos, nas teclas da máquina de escrever.

— Se me não engano, conheceu-o?

Já lhe disse que devo muito á sua bondade. Se me acho habilitada a ganhar a minha vida devo-o em grande parte ao interesse que lhe mereceu a minha triste situação.

— Correspondia-se com elle?

— A dama levantou para mim aquelles seus olhos castanhos, coruscantes de irritação.

— Onde quer chegar com tanta pergunta? indagou, desabrida.

— O meu objectivo é evitar a publicidade a um escandalo. E' preferivel o eu submetê-la a um interrogatorio á hipotese do caso vir a ser do dominio publico.

Ella, nem palavra e desmaiada a côr do rosto. Até que por fim ergueu a vista, com um não sei quê de arrogante e atrevido nos seus modos.

— Pois bem, responder-lhe-ei, declarou. Quaes são, pois, essas perguntas?

— Se mantinha correspondencia com sir Charles?

— E' certo que lhe escrevi uma ou duas vezes a agradecer-lhe a sua delicadeza e generosidade.

— Recorda-se da data dessas cartas?

— Não, senhor.

— Falou-lhe alguma vez ?

— Falei, uma ou duas, por occasião de elle ter vindo a Coombe-Tracey. Era um homem reconcentrado em extremo e que evitava a publicidade dos seus actos de beneficencia.

— Mas, se é que se viram e cartearam tão poucas vezes, como podia elle achar-se sciente dos seus negocios a ponto de lhe valer, conforme me afirma que o fez ?

Esclareceu-me a duvida com a maxima pron-tidão.

— A minha tristissima historia era conhecida por diversos cavalheiros e colligaram-se para me valer. Em um delles, o senhor Stapleton, vizinho e intimo amigo de sir Charles Baskerville, encontrei um modelo de bondade, e foi por sua intervenção que sir Charles veio no conhecimento das minhas deploraveis circumstancias.

Eu já sabia que sir Charles Baskerville arvorára Stapleton em seu esmolér, em mais de um caso, e portanto, a declaração da dama tinha o cunho da verdade.

— Escreveu alguma vez a sir Charles a solicitar-lhe qualquer entrevista ? insisti.

Mistress Lyons teve novo assomo de ira.

— Na verdade, senhor, é mais que extraordinaria essa pergunta.

— Sinto deveras, minha senhora, mas vejo-me na necessidade de a repetir.

— Responder-lhe-ei, pois — por certo que não.

— Nem ainda no proprio dia da morte de Sir Charles ?

Esmaeceu o instantaneo rubor, e antolhava-se-me agora um rosto de palidez mortal. Os resequidos labios nem podiam sequer repetir a palavra « Não » que eu muito mais senti do que ouvi.

— Vejo não ser fiel a sua memoria, observei. — Eu proprio lhe posso citar um trêcho da sua carta. — Rezava o seguinte: Por tudo quanto ha, e como cavalheiro que é, rogo-lhe que queime esta carta, e que espere por mim ao cancêlo, ás dez em ponto.

Figurou-se-me que havia desmaiado ; entrou em si, contudo, mercê de suprêmo esforço.

— E' crível já não existirem cavalheiros ? anhelou.

— Está sendo injusta para com sir Charles. Elle queimou a carta, *effectivamente*. E contudo, dá-se o caso de ser legível uma carta, ainda depois de ter ardido. Confessa pois que a escreveu ?

— Pois bem, escrevi, sim, — clamou, como que soltando a propria alma numa torrente de palavras. — E' verdade que a escrevi. Por que é que o heide negar ? Nem vejo motivo para me envergonhar de o ter feito. Desejava que elle me acudisse. Estava convencida de que se eu pudesse ter com elle uma entrevista não deixaria de me valer, e portanto, solicitei-lhe essa entrevista.

— Mas por que é que escolheu semelhante hora ?

— Porque apenas fui inteirada á ultima hora de que tencionava retirar-se para Londres no dia seguinte e de que a sua demora na capital seria de menses. E deram-se circumstancias que me impediram de comparecer a tempo.

— Mas por que é que escolheu como ponto de reunião o jardim em vez de o visitar na propria residencia ?

— Parece-lhe decorôso, então, que uma senhora vá visitar um homem solteiro, a semelhante hora ?

— E que aconteceu quando ali chegou ?

— Mas se eu não fui.

— Então, mistress Lyons !

— Não fui, juro-lho por tudo quanto ha de mais sagrado ! Não fui. Sobreveiu um qualquer obstaculo que me impediu de comparecer.

— E qual foi esse obstaculo ?

— E' assunto particular. Não lho posso dizer.

— Confessa, então, que aprazou uma entrevista a sir Charles, na mesma hora e no mesmo sitio em que elle encontrou a morte, mas nega ter comparecido no sitio aprazado ?

— Disse-lhe apenas a verdade.

Perguntei e tornei a perguntar, ella, contudo, não arredou pé d'ali.

— Mistress Lyons, proferi, erguendo-me em seguida a tão prolongada quanto inconcludente entrevista, — está assumindo grandissima responsabilidade e collocando-se em situação falsa quanto possivel não me declarando integralmente tudo de que é sabedora. Se eu me vir obrigado a appelar para a policia verá então a que ponto se acha comprometida. Se deveras está innocente, por que foi então que a principio me declarou haver escrito a sir Charles, nessa mesma data ?

— Porque receava que pudessem tirar dahi conclusão falsa, e ver-me envolvida em algum escandalo.

— E por que é que tinha tanto empenho em que sir Charles inutilizasse a carta ?

— Se a leu deve saber o motivo.

— Eu não affirmei ter lido a carta, na integra.

— Pois não me citou um trêcho da propria carta ?

— Citei apenas o *post-scriptum*.

A carta, conforme lhe disse já, foi queimada, e nem toda ella era legivel. Repetir-lhe-ei a pergunta : — por que instava tanto com sir Charles para que inutilizasse a carta que elle recebeu no dia da sua morte ?

— E' assunto intimo quanto possivel.

— Mais uma razão para evitar a publicidade inherente a uma investigação.

— Dir-lho-ei, pois. Se é que lhe chegariam aos ouvidos algumas peripecias da minha vida, não deixará de saber que effectuei um casamento imprudentissimo, e que tive razões para me arrepende.

— Assim me consta, effectivamente.

— A minha vida tem sido uma perseguição constante por parte de um marido que abomino. Elle tem por si a lei, e atribula-me a toda a hora a possibilidade de elle me poder obrigar a viver em sua companhia. Quando escrevi aquella carta a sir Charles estava sciente de que havia esperanças de recobrar a minha liberdade, se pudesse fazer face a umas certas despesas. Era o meu sonho aureo — paz de espirito, ventura, decóro—tudo, finalmente. Eu conhecia a generosidade de sir Charles, e pensei que ouvindo a verdade da minha propria bôca não deixaria de me acudir.

— Mas visto isso por que é que não foi ?

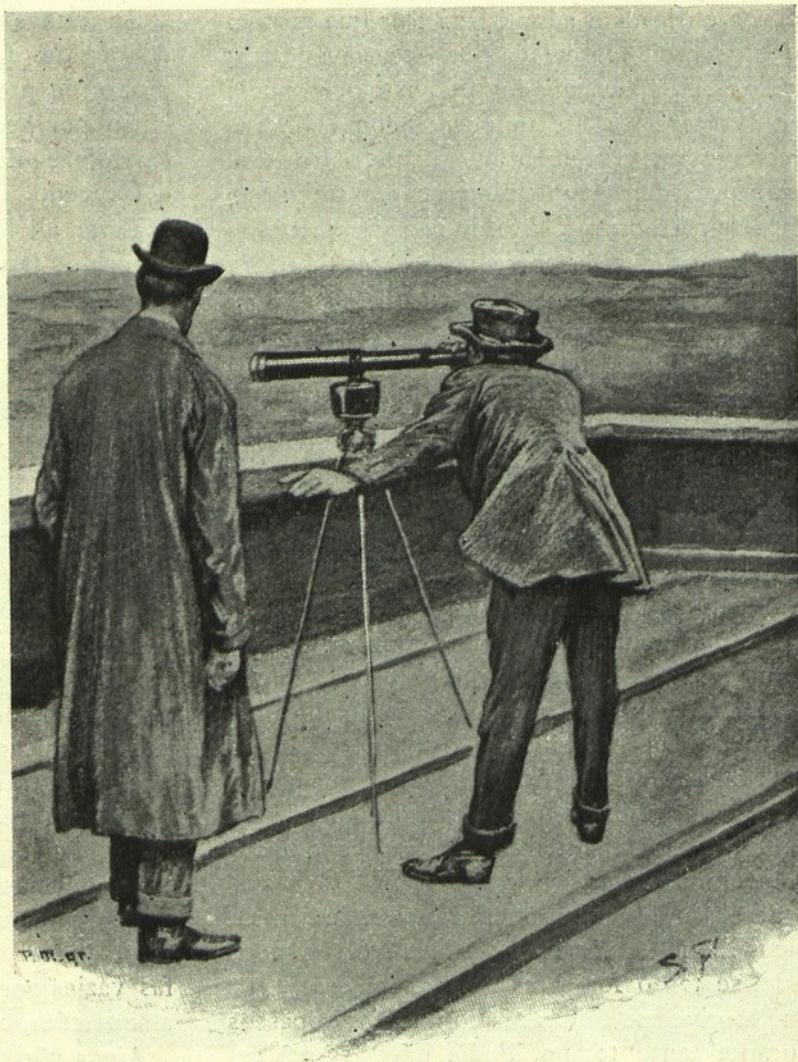
— Porque nesse meio tempo recebi auxilio de outra fonte.

— Mas não escreveu então a sir Charles a explicar-lhe isso mesmo ?

— Tê-lo-ia feito se não tivesse lido no jornal da manhan do dia immediato a noticia da sua morte.

A história que ella contava era de absoluta coherencia, e o conjunto das minhas perguntas não conseguiu abalá-la. Eu só a poderia contestar descobrindo se com effeito ella teria movido acção de divorcio contra o marido, em epoca incidindo pouco mais ou menos com a da tragedia.

Não era provavel o ella atrever-se a decla-



Frankland assestou-lhe o olho e emittiu um grito, de contente.

rar que não tinha ido a Baskerville, tendo ido ali effectivamente, pois que se com effeito houvesse dado semelhante passo, ter-se-ia metido num trem, e o vehiculo só poderia estar de volta a Coombe-Tracey pela volta da madrugada.

Semelhante excursão não poderia ter-se conservado secreta. — O que era pois mais provavel era o ella ter dito a verdade, em parte, pelo menos. Vim-me embora dali descorçoado e desanimado de todo. Por mais de uma vez

tinha ido esbarrar contra essa grossa parede a tolher-me toda e qualquer senda por onde eu tentava alcançar o objecto da minha missão. E não obstante, quanto mais eu evocava o semblante daquella mulher e os seus modos mais agudamente sentia que me encobriam o que quer que fosse. Por que era que ella tinha empalidecido a tal ponto? Por que teria combatido palmo a palmo as minhas conclusões até se ver obrigada a admiti-las? Por que motivo se conservou tão calada por occasião da tragedia? A explicação de tudo isto não podia com certeza ser tão innocente como ella me queria inculcar. Momentaneamente, não me era dado proseguir naquella direcção, e tinha que appellar para outra chave do negocio que tinha que ser procurada entre as baiúcas de pedra da charnéca.

E representava isso direcção vaga a mais não poder ser. Confirmei-me nessa persuasão ao voltar para casa, de carro, e ao notar como monte atrás de monte apresentava vestígios daquelle povo de outras éras.

A indicação de Barrymore fora unica e exclusivamente que o adventicio se acoutava em um daquelles pardieiros abandonados, e existem centos e centos delles espalhados pela charnéca, quer em sentido longitudinal quer transversal. Eu porém tinha por guia a minha experiencia, desde que esta me havia mostrado o proprio individuo de pé no cocoruto da Fraga-Negra. A fraga tinha que ser pois o centro das minhas pesquisas. Dali devia eu explorar a cada cardenho da charnéca até topar com o verdadeiro.

Se acaso aquelle homem estivesse là dentro, sacar-lhe-ia da propria boca, de revolver apontado, se tanto fosse preciso, quem era e por que motivo me tinha andado a espiar os passos durante tanto tempo. Podia haver-se-nos esgueirado là naquelle labirinto de Regent-Street, mas dar-lhe-ia agua pela barba consegui-lo naquelle ermo da charnéca. Por outro lado, admitido o caso de que eu viesse a dar com a choça, e ali se não achasse o inquilino, tinha eu que ficar ali, por mais prolongada que fosse a vigilia, até que elle regressasse. Holmes tinha-lhe perdido o trilho em Londres. E representaria para mim um triumpho, na verdade, se eu pudesse desencantá-lo depois de malogradas as tentativas do meu mestre.

A sorte havia-nos sido adversa uma e outra vez durante este inquérito, agora, finalmente, vinha em meu auxilio. E o mensageiro da sorte

propicia era nem mais nem menos do que o senhor Frankland, campando, com as suas suissas grisalhas e o rubro carão, fóra do portão do seu jardim, que abria para a estrada por onde eu vinha seguindo.

— Bom dia, doutor Watson, exclamou, muito risonho; vamos, é dar folga á parelha; trate de se apeiar, de vir beber um copo de vinho á minha saude e de me dar os parabens.

Eu estava longe de o ver com bons olhos depois do que tinha ouvido ácerca do seu modo de proceder para com a filha, mas ansioso por recambiar para casa o Perkins e a carrióla, e offerecia-se-me ensejo. Apeei e mandei recado a sir Henry, participando-lhe que iria por ali fora de passeio e que não faltaria á hora de jantar. Acompanhei pois Frankland e sentámo-nos á mêsá.

— Amanheceu hoje para mim um grande dia, meu amigo — um dos taes dias que eu aponto a letra vermelha, clamou entre girandolas de gargalhadas. Alcancei um duplo exito. Hei de ensinar a esta gente por aqui que a lei é a lei e que existe aqui um homem que não tem medo de a invocar. Estabeleci um direito de transito através do centro do parque daquelle caturra do Middleton, a cortar pelo meio, exactamente, a umas cem jardas da porta principal. Que me diz a isto, amigo?

Havemos de ensinar a estes trunfos que não podem calcar a pés os direitos da mediania! Sucia de tratantes! E vedei aquella devêza onde essa malta do Fernwood costumava ir fazer piqueniques. Aquella cambada, acho eu, cuida que não existem direitos de propriedade, e que podem ir fazer arraial seja para onde fôr e deixar esterqueira de papelada e garrafas vazias por toda a parte. Ambas resolvidas, as questões, e ambas a meu favor.

Ainda não tive tamanho alegrão, desde o dia em que fiz pregar a multa a sir John Morland, por ter andado a dar tiros na sua propria cou-tada.

— Mas por que artes conseguiu semelhante coisa?

— Passe a vista pelo livro de assentos, meu amigo — Vale a pêná lê-lo, digo-lh'o eu. — Frankland contra Morland, juizo correccional. Custou-me a brincadeira dusetas libras, mas apanhei sentença a favor.

— E aproveitou alguma coisa com isso?

— Coisa nenhuma, amigo, coisa nenhuma. E muito me ufano em declarar que se o fiz foi despido de interesse. Procedo méramente

movido por sentimentos de dever civico. Tenho a certeza, por exemplo, de que a camari-lha de Fernworthy não deixará de me queimar em effigie esta noite. Que eu, a ultima vez que m'o fizeram, intimei a policia a que pusesse côbro a tão indecorosas exhibições. A policia rural está num estado escandalôso, amigo, e não me dispensou a protecção a que tenho direito. O caso Frankland contra a Corôa ha de despertar a atenção do publico, não tenha duvida. Declarei-lhes que ainda se haviam de arrepender do modo porque me trataram, e os factos vieram justificar as minhas palavras.

— Como assim? perguntei.

Assumi expressão prognostica o nosso caturra.

— Não, que eu, se quisesse, podia dizer-lhes aquillo que elles estão morrendo por saber; mas coisa nenhuma deste mundo será capaz de me obrigar a ajudar semelhante cafila, seja no que fôr!

Eu, a dar tratos ao miôlo a ver se topava com um pretexto para me esquivar á garrulice daquelle caturra, agora, contudo, estava desejando ouvir mais. Tinha sufficiente experiencia do espirito de contradicção do velho pecador e intendi, pois, que o manifestar-lhe interesse representaria o meio mais seguro de impôr um dique ás suas confidencias.

— Algum caso de rapina, naturalmente?

— Isso, sim! meu amigo, é negocio de maior importancia! E se eu lhe disser que se refere ao tal facinora que anda escondido lá pela charnéca?

Estremeci — Que me diz! Pois sabe-lhe do coio? acudi de chofre.

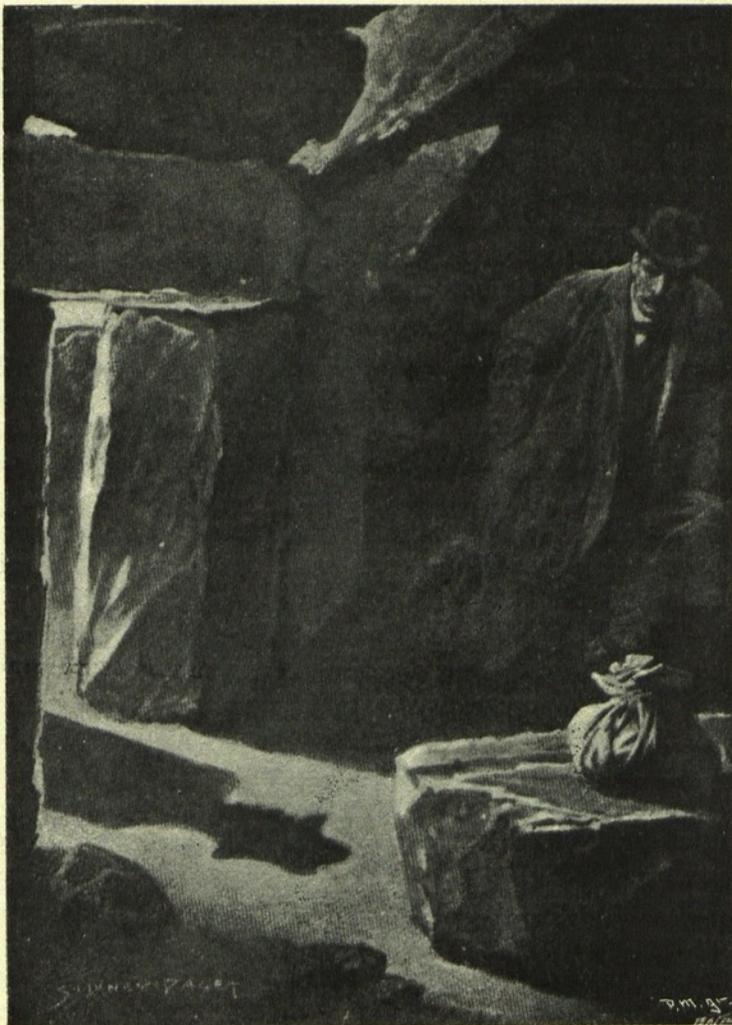
— O esconderijo não lh'o poderei apontar com exactidão, mas tenho a certeza de poder ajudar a policia a deitar-lhe a unha. Pois nem sequer lhe occorreu ainda que o meio de haver ás mãos o sujeito é desencantar a fonte donde elle recebe o sustento, e seguir-lhe o rastro?

Elle, aqui entre nós, não andaria muito longe da verdade, infelizmente — Não ha duvida,

repliquei; mas como é que soube que elle paira algures lá pela charnéca?

— Sei-o por ter visto com os meus proprios olhos o mensajeiro que lhe leva mantimentos.

Sobresaltei-me lembrando-me de Barrymore. Era caso serio o estar nas mãos daquelle entremetido daquelle caturra atrabiliario. A sua



E uma sombra projectada através da abertura

observação subsequente, porém, tirou-me um pêso de cima das costas.

— Não esperava talvez ouvir que os mantimentos lhe são levados por um pequeno. Vejo-o todos os dias por o meu telescopio, lá do telhado. Palmilha o mesmo carreiro, á mesma hora, e com que destino, a não ser para ir ter com o facinora?

Já era estar com sorte! E não obstante, reprimi toda e qualquer manifestação de interesse. Um pequeno! Barrymore tinha declarado que o nosso incognito era supprido por

um rapaz. E fôra com o rastro deste, e não com o do presidiario, que havia tropeçado Frankland. Se eu pudesse sacar-lhe quanto sabia, poupar-me-ia assim a uma demorada e fadigosa caçada. Mas a incredulidade e a indiferença eram manifestamente as duas cartas mais valentes de que eu dispunha.

— Estou em dizer que será antes algum filho desses pastores da charnéca que vae levar o jantar ao pae.

O menor vislumbre de opposição fazia espillar chispas áquelle velho autócrata. Cravou me uns olhos incanzinados, e as suissas pigarças eriçadas que nem as barbas dum gato assanhado.

— Parece-lhe?! vociferou, apontando para a vastidão da charnéca. Vê aquella fraga nêgra espetada, além? Muito bem! e vê agora aquelle oiteiro, mais para lá, coberto de urzes? E' a parte mais pedregosa em toda a charneca. Acha que é sitio onde qualquer pastor paire com o rebanho? A sua sugestão, meu caro senhor, toca as raias do absurdo.

Impugnei, com mansidão, haver falado sem estar cabalmente senhor dos factos. Agradou-lhe a minha submissão e levou-o a ampliar as confidencias.

— Meu amigo, tenha a certeza de que disponho de bases seguras quando emito uma opinião. Tenho-me farto de ver o rapaz e mais o frete. Todos os dias, e ha dias até em que vae lá duas vezes... Mas, espere ahi, doutor Watson. Enganar-me-á a vista ou andaré um vulto a mexer-se, além, pela encosta daquelle monte?

Effectivamente, a distancia de varias milhas consegui distinguir perceptivelmente um pontinho escuro sobresaindo ao fundo verde escuro e cinzento.

— Venha d'ahi, avie-se! clamou Frankland, investindo com a escada. Verificará com seus proprios olhos, a ver se se convence.

O telescopio, instrumento formidavel montado sobre um tripé, campava acima do fôrro de chumbo do eirado. Frankland assestou-lhe o olho e emitiu um grito, de contente.

— Depressa, doutor Watson, depressa, não vá elle transpôr o monte.

Elle lá ia, certamente, um fedêlho, com um embrulho ao hombro, a trepar, vagaroso, pelo monte.

Quando alcançou a crista, lobriguei-lhe o vulto andrajoso, tosco, recortado por instantes d'encontro ao acerado azul do ceu. Olhou

em redor, com uns modos cautos e furtivos, como quem teme que o sigam. Depois, sumiu-se por detrás do monte.

— Então! Eu não lh'o dizia?

— Tem razão, o tal rapaz, pelos geitos que lhe vi, vae em desempenho de qualquer missão secreta.

E o que será esse destino até um policia rural é capaz de o deslindar. Mas da minha boca nunca elles hão de ouvir uma palavra, e conto que respeitará o segredo, doutor Watson, igualmente. Nem pio! Intendeu?

— Não tenha receio.

— Trataram-me infamemente! Quando vierem a publico os factos daquelle caso Frankland contra a Corôa, ousa crer que um arranco de indignação percorrerá todo o país de lés-a-lés. Não ajudaria a policia por coisa nenhuma deste mundo. Tanto se lhes dá que fosse a minha effigie como eu em carne e osso o que aquelles patifes queimaram, espetado numa estaca.

Quer-se ir embora! E' o que faltava! Primeiro hade ajudar-me a despejar esta garrafa em honra de tão excelso dia!

Resisti porém ás suas instancias e consegui dissuadi-lo do annunciado intento de me acompanhar até casa.

Segui pela estrada emquanto calculei que me não teria perdido de vista, e depois, cortei através da charneca e encaminhei os passos para o cerro pedregoso por detrás do qual se sumira o garoto. Tudo operava em meu favor e jurei que não seria por falta de energia ou de perseverança se acaso eu perdesse o ensejo, que a fortuna me atravessava no caminho.

O sol ia já descendo quando alcancei a cumeadá do monte, e os desladeiros subjacentes tintos de um verde aureo, a uma banda, e da outra envoltos em sombra pardacenta. Logo acima da linha do horizonte, lá ao longe, pairava uma nebrina, por entre a qual rompiam os vultos fantasticos dos penhascos de Belliver e de Vixen Tor. Nem o minimo som, nem sinal de vida, sequer, por toda a vasta expansão. Uma ave, de bom tamanho, gaivota ou alcatraz, a adejar, lá muito alto, no azul do firmamento. Ella e eu dir-se-ia sermos os unicos entes vivos entre a immensa cupula celeste e o deserto subjacente.

O adusto daquelle scena, o sentimento da solidão, o misterio e a urgencia da minha tarefa tudo junto como que me regelava o coração. A respeito de rapaz, nem vestigios, se-

quer. Lá em baixo, contudo, na quebrada entre uns montes deparou-se-me um circulo de antigos tegurios de pedra, e em meio destes um conservando sufficiente porção de telhado para offerecer protecção contra as intempéries. Assim que lhe pus os olhos senti um baque no coração. Devia de ser a lura que servia de coio ao incognito. Até que por fim estaquei no limiar do latibulo da fera, — e com o seu segredo ao meu alcance.

Ao aproximar-me da choça, andando com a mesma cautéla com que andaria o Stapleton quando, brandindo a rêde, se acercava pé ante pé do poiso de uma borboleta, tratei de verificar se o sitio havia, ou não, sido utilizado como habitação. Um carreirinho meio apagado por entre os penedos conduzia á dilapidada abertura fazendo as vezes de porta. Lá dentro lobrego silencio. O incognito era possivel achar-se ali, á espreita, ou andaria a esmo pelo brejo. Latejavam-me os nervos com o sobresalto da aventura. Atirei fora o cigarro, finquei a mão na corronha do revolver e, arremetendo veloz com a porta, olhei para dentro. Estava ermo o tegurio.

E todavia, abundavam vestigios de como me não havia enganado o faro.

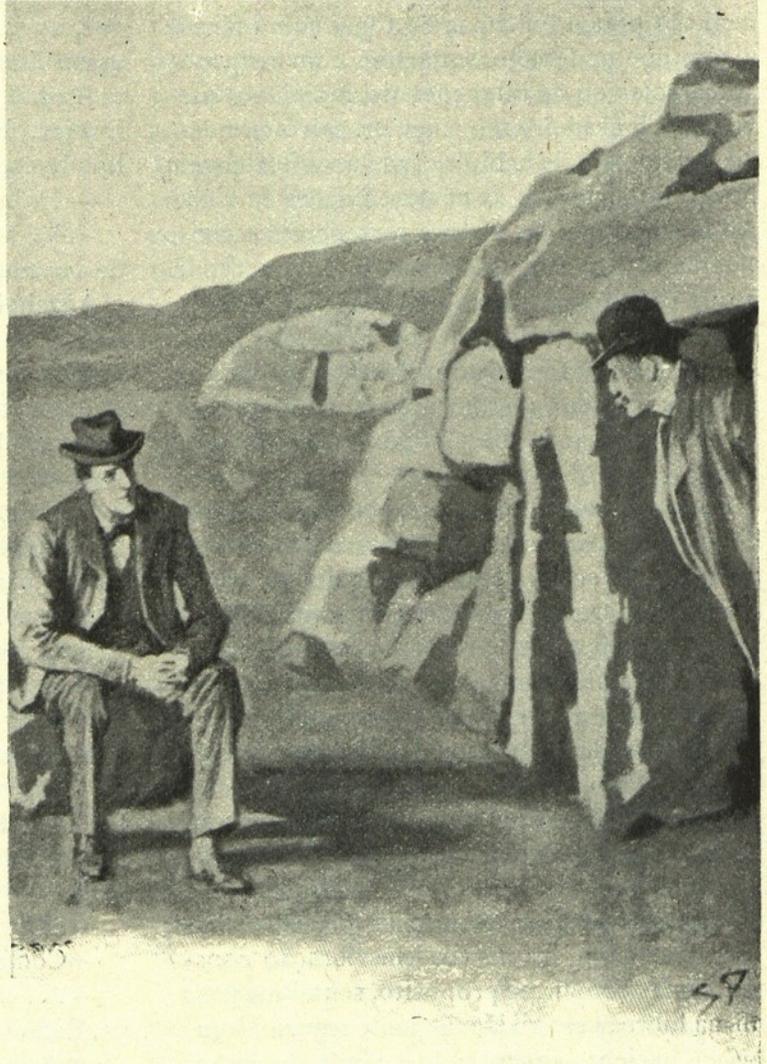
Era aqui, com certeza, que habitava o homem. Uns cobertores enrolados num impermeavel jaziam para ali sobre a propria lage que em tempos servira de cama ao homem néolithico. As cinzas dum borralho amontoadas numa grelha, tosca. Ao pé desta, varios utensilios culinarios e um balde meio de agua. Uma aglomeração de latas vazias atestava que o recinto havia sido occupado durante algum tempo, e á proporção que os olhos se me foram afazendo á luz morticça, vi um cantil e meia garrafa de aguardente enfiados a um canto.

A meio do cardenho uma lage preenchendo as vezes de mêsã, e sobre esta o que quer que fosse embrulhado num panno, — o mesmo, sem duvida, que eu tinha visto pelo telescopio ao

hombro do rapaz. Continha um pão, uma lata com lingua de conserva, e duas com pecegos

Quando os tornei a depôr, em seguida a breve exame, o coração deu-me um pulo ao ver que debaixo se achava uma folha de papel com letras.

Peguei-lhe, e eis o que li, rabiscado á pressa, a lapis :



E para ahi estava elle, sentado cá fóra, n'uma pedra.

«O doutor Watson foi a Coombe-Tracey.»

Fiquei-me para ali, um minuto, de papel na mão, a escogitar a significação daquella breve mensagem. Era a mim e não a sir Henry que andava espreitando aquelle ente misterioso. Não fôra elle proprio que me seguira os passos, tinha-me lançado á tréla um agente — o rapaz, talvez — e era isto o seu relatorio. Era provavel que quantos passos eu tivesse dado na charnéca houvessem sido observados e relatados. E sempre aquella continua obsessão

de uma força invisível, de uma rêde fina e cerrada em torno de nossas pessoas, tendida com delicadeza e habilidade infinita, a involver-nos com mão tão leve que apenas chegado o instante supremo verificavamos o acharm-nos effectivamente entalhados nas malhas.

Existindo um relatório podiam muito bem existir outros, e pus-me a esquadrinhar os cantos ao cardêno, a vêr se os encontrava. Nem o minimo vestigio sequer de semelhante coisa, nem tão pouco fui capaz de topar com indício algum que pudesse orientar-me com respeito ao character ou ás intenções do individuo que vivia em logradouro tão singular, salvo que devia ser homem de habitos espartanos, e a quem pouco importariam as commodidades da vida. Ao lembrar-me das chuvas torrencias e considerando o telhado desmantelado comprehendí a que ponto seria firme e arregado o proposito que o mantivera em tão inhóspito paradeiro. Seria um inimigo implacavel ou seria o nosso anjo da guarda? Jurei não arredar pé dali enquanto lhe não pusésse a vista em cima.

Lá fora o sol ia baixo e o poente, abrasado de oiro e escarlate. Reflectia-se em rubras manchas, lá ao longe, nas pôças que marchetavam o marnel grande de Grimpen. E lá estavam as duas torres da mansão de Baskerville, e mais para além, um penacho de fumo a marcar a aldeola de Grimpen. Entre uma e outra, por detrás do monte, a casa dos Stapletons. Tudo aquillo suave, ameno e tranquillo na doirada luz da tarde, e eu, contudo, ao contemplá-lo, não participava da paz da Natureza, a tremer ante a indecisão e o terror daquelle entrevista que cada minuto ia tornando mais proxima. Com os nervos em vibração constante, mas com firme proposito, sentei-me para ali, na lobrega escuridão daquelle tegurio, sombrio e paciente aguardando a vinda do inquilino.

Até que por fim lhe senti os passos. Lá ao longe o agudo ringir de uma bota topando numa pedra. Outra e outra vez ainda, e sempre dé mais perto. Encolhi-me no mais escuro recanto e aperrei a pistola na algibeira, resolvido a não dar sinal de mim enquanto não tivesse ensejo de verificar a presença do adventicio. Mediou longa pausa, manifestando-me que havia parado. Depois, outra vez as passadas a aproximarem-se e uma sombra projectada através da abertura do cardeno.

— Linda tarde, meu caro Watson — emitiu

uma voz bem conhecida. Quer-me parecer que estarás mais commodamente cá fora do que lá dentro.

CAPITULO XII

A morte na charnéca

Fiquei por instantes sem fôlego, sem poder dar credito aos proprios ouvidos. Depois, fui recuperando a pouco e pouco os sentidos e a voz, ao passo que a minha alma se sentia, por assim dizer, aliviada do pêso esmagador de semelhante responsabilidade. Aquella voz gélida, ironica, incisiva só podia pertencer a um homem unico neste mundo.

— Holmes! clamei — Holmes!

— Vê se saes dahi para fora — e faz favor de ter cautéla com esse revolver.

Agachei-me, transpus a tosca padieira da porta, e para ali estava elle sentado cá fora numa pedra, com aquelles olhinhos pardos, lo-grativos, a bailarem, fitos no meu assarapantado semblante. Estava magro e definhado, vivo e esperto, contudo, bronzeado pelo sol e crestado do vento o rosto sagaz. Com aquella sua andaina de cheviote e aquelle chapéu de panno parecia um excursionista qualquer andando a flaino pela charnéca, e havia conseguido, mercê daquelle amor felino do aceio pessoal, que éra uma das suas carateristicas, conservar tão lisa a barba e a roupa branca tão imaculada como se estivera em Baker-Street.

— Não me recordo da presença seja de quem fôr me ter dado tamanho alegrão, em toda a minha vida, clamei, ao apertar-lhe a mão com gana.

— Ou tamanho assombro, hein?

— Confesso que estava longe de...

— A surpresa foi a meias, não sei se t'odia. Estava longe de suppôr que tivesses desencantado o meu retiro eventual, e muito menos que estivesse lá dentro, até que me achei a uns vinte passos da porta.

— As minhas pégadas, naturalmente?

— Qual! Watson; palpita-me que seria incapaz de identificar as tuas pégadas entre as pégadas de toda a gente deste mundo. Se tens empenho em me enganar trata de mudar de estanco; pois toda a vez que eu encontre uma ponta de cigarro com o carimbo de Bradley, Oxford Street, ficarei sciente de que se acha na vizinhança o meu amigo Watson. Podes vê-la, acolá, a um lado do carreiro. Atiraste-la fora, sem duvida, naquelle instante suprêmo

em que investiste com a porta da solitaria casinhola.

— Sem tirar nem pôr.

— Logo vi — e conhecedor da tua admiravel tenacidade, convenci-me de que estarias de embuscada, com uma arma ao alcance da mão, á espera de que regressasse o inquilino. Com que então estavas na fé, effectivamente, de que eu era o criminoso?

— Ignorava quem fosse, mas estava determinado a sabê-lo.

— Optimo, Watson, mas como foi que deste pela minha presença? Viste-me, talvez, naquela noite da montaria ao presidiario, quando eu tive a imprudencia de consentir á lua o surgir-me por detrás das costas.

— Tal qual, foi então que eu te vi.

— E, já se vê, esquadrinhaste a quanto casêbre ha por essa charnéca até que vieste dar a este?

— Isso não, foi visto o teu rapaz, e por esse facto fiquei dispondo de um indicio.

— Aquelle caturra do telescopio, sem duvida? Fiquei a scismar o que seria aquillo, quando vi o clarão a fuzilar das lentes.

Ergueu-se e espreitou para dentro do casêbre.

— Ha, ha! o Cartwright, pelo que vejo, trouxe reforço de mantimentos. Que vem a ser este papel? Com que, então, estiveste em Coombe-Tracey, não é verdade?

— Estive.

— De visita a mistress Laura Lyons?

— Exactamente.

— Passo acertado! As nossas pesquisas tem seguido linhas parallelas, e, quando houvermos conjugado os resultados, espero que entraremos num quasi cabal conhecimento do assunto.

— Oxalá, e alegra-me de todo o coração ver-te aqui, pois declaro-te, que a responsabilidade e o mistério iam sendo pesados demais para os meus nervos. Mas por que artes do demonio vieste tu aqui ter, e que tens feito? E eu a suppor-te lá em Baker-Street a matutar naquelle caso de extorsão-fraudulenta.

— Erá isso exactamente que eu queria que supusseses.

— Serves-te, pois, de mim, e não te mereço confiança! clamei, um tanto estomagado. Muito mais suppuha haver merecido da tua parte, Holmes.

— Meu caro amigo, tens sido para mim um auxiliar impagavel, nestes como em outros mui-

tos casos, e rogo-te que me perdoes este supposto logro.

Em boa verdade, foi em parte por tua causa que procedi deste modo, e o facto de eu avaliar o perigo que te ameaçava eis o que me induziu a abalar por ahi fóra afim de examinar o negocio com meus proprios olhos. Se eu tenho estado comtigo e com sir Henry é evidente que o meu ponto de vista haveria sido identico ao teu, e a minha presença teria servido de aviso aos nossos formidaveis contendores para se acautelarem. Dadas as circunstancias, vi-me habilitado a orientar-me, como aliás o não poderia ter conseguido se estivera hospedado na mansão, e deste modo fico sendo um factor ignorado no negocio, pronto a concorrer com o meu prestimo no momento critico.

— Mas por que é que me conservaste nas trevas?

— O inteirar-te não nos podia ter auxiliado, e éra possivel resultar dahi o darem pela minha presença.

Não deixarias de desejar transmitir-me o que quer que fosse, ou, com a tua bondade, haver-me-ias trazido um que outro objecto para minha commodidade, e correr um risco tão escusado representaria a ruina. Trouxe comigo o Cartwright — estarás lembrado daquelle garotête do Escritorio de expedições — e tem provido ás minhas singelissimas necessidades: um pão e um colarinho lavado. De que mais precisará um homem? Tem-me proporcionado um bom par de olhos de sobresalente por cima de um par de pés, e ambos tem sido de valôr incalculavel.

— Visto isso os meus relatorios representam desperdicio de papel!

Tremia-me a voz ao lembrar-me do trabalho e da ufanía com que eu os havia compilado.

Holmes sacou da algibeira um rolo de papeis.

— Aqui estão os teus relatorios, meu caro amigo, e alinhavados a primôr, sou eu que t'ô digo: Dispus optimamente as coisas e o seu andamento soffrerá apenas a demora de um dia. Aceita os meus parabens pelo zelo e intelligencia de que deste provas em caso de tamanha dificuldade.

Eu estava ainda um tanto arreliado com a decepção recente, a intimativa dos louvores de Holmes varreu-me pois do espirito semelhante impressão. No intimo, sentia que elle tinha ra-

ção no que afirmava, e para os nossos fins era muito melhor o elle ter comparecido na charnéca.

— Ora ainda bem, exclamou, vendo desanuviar-se-me o parecer. E agora, expõe-me para ahí os resultados da tua visita a mistress Laura Lyons — não me foi difficil advinhar que terias ido ali com o fito de procurá-la, pois me acho já informado de que é a unica pessoa em Coombe-Tracey que poderá prestar serviços neste negocio. E de facto, se tu lá não tivesses ido hoje, é mais que provavel que eu proprio lá fosse, amanha.

Tinha-se posto o sol e o crepusculo principiava a invadir a charnéca. A aragem refrescára, e recolhêmo-nos ao cardénho em procura de calôr. Ali, sentados ambos no lusquefusque, contei a Holmes a conversa que tivera com a dama. A tal ponto se interessou que tive que lhe repetir alguns trêchos para o contentar.

— É importantissimo tudo isso, declarou, concluida a minha narrativa. Encontram, cartêam-se, existe entre ambos connivencia absoluta. Ora isso põe em nossas mãos uma arma potentissima. Pudesse eu servir-me della para alhear a esposa.

— A esposa?

— Estou-te dando umas informações em paga das que me deste. A dama que por aqui tem usado o titulo de *miss Stapleton* é na realidade sua mulher.

— Que me dizes, Holmes! Tens a certeza disso que affirmas? Como consentiu elle então a sir Henry o deixar-se apaixonar por ella?

— O facto de sir Henry se apaixonar só podia redundar em prejuizo de sir Henry. Teve o maximo cuidado em evitar que este lhe manifestasse verbalmente o seu affecto, conforme não deixarias de observar. Digo e repito, a creatura é mulher delle e não irman.

— Mas qual será o escopo de tão artificioso ludibrio?

— O elle haver previsto que a creatura lhe podia ser muito mais prestadia com o character de mulher independente.

O conjunto das minhas apreensões instinctivas, das minhas vagas suspeitas de subito assumiu forma concentrando-se na pessoa do naturalista. Naquelle homem incolôr, impassivel, com aquelle chapéu de palha e a rêde das borboletas, afigurou-se-me ver uma qualquer terrivel entidade — uma creatura de pa-

ciencia e perversidade infinitas, com um resto sorridente e o coração de um assassino.

— O nosso inimigo, é elle, então! Foi elle quem nos seguiu as pisadas em Londres?

— É assim que eu decifro a charada.

— E o aviso — deve de ser della!

A sombra de uma qualquer monstruosa vilania, meio-vista, meio-adivinhada, vislumbrou-me através da escuridão que durante tanto tempo me involvera.

— Mas tens a certeza do que affirmas, Holmes? Por que artes vieste a saber que a creatura é mulher delle?

— Pelo facto delle se ter descuidado a ponto de te impingir um trêcho autentico de autobiografia, logo desde a primeira occasião em que se encontrou contigo, e persuado-me de que por mais de uma vez se terá arrependido. Elle em tempos teve um collegio, lá para o Norte d'Inglaterra. Ora, se haverá entidade facil de identificar é a de qualquer director de collegio, com certeza. Abundam agencias escolares mediante cujo auxilio é facil topar com qualquer individuo que haja exercido a dita profissão. Meia duzia de investigações informaram-me de haver dado em droga um collegio em atrocissimas circumstancias, e de que o individuo á frente do mesmo — era diferente o nome — havia desaparecido e mais a mulher. Eram concordes os sinaes de ambos. Quando vim no conhecimento de que o homem era dedicado á entomologia pareceu-me cabal a identificação.

Iam-se dissipando as trevas, e contudo, muita coisa jazia ainda escondida na sombra.

— Se a creatura é effectivamente sua mulher, donde surdiu pois esta tal Laura Lyons? indaguei.

— Ahí tens um dos pontos sobre os quaes as tuas proprias pesquisas vieram lançar luz. A tua entrevista com a dama aclarou immensamente a situação: Eu ignorava a circumstancia do projectado divorcio entre ella e o marido. Em tal caso, considerado o Stapleton como homem solteiro, a outra sem duvida estaria contando vir a ser sua mulher.

— E quando se desenganar?

— Quando tal succeder, poder-nos-á ser prestavel. O nosso primeiro passo deverá ser o irmos ter com ella, — ambos — amanha. Mas não te parece, Watson, haveres estado, durante demasiado tempo, afastado do teu encargo? O teu posto era na mansão de Baskerville.

Os derradeiros laivos vermelhos haviam-se apagado, além, para o lado do poente e a noite tomado posse da charnéca. Um cardume de estrêlas scintilavam num céu de côr violácea.

— Concluindo com uma pergunta, Holmes, emiti, pondo-me de pé. — Escusado será dizer que entre mim e a tua pessoa, segredos é coisa superflua. Qual é a significação de tudo isto? Que quererá elle?

A voz de Holmes baixou de tom no acto de esponder:

— O assassinio, Watson, — o assassinio requintado, de animo-frio, e com premeditação. Não me peças pormenores, a minha rede vae-se cerrando sobre a pessoa d'elle, tal qual a sua sobre a pessoa de sir Henry, e graças ao teu auxilio tenho-o já quasi que á mercê. Um perigo unico poderá vir a ameaçar-nos. É o elle poder vibrar o golpe antes de nos acharmos prontos a fazê-lo. Com mais um dia, — dois, quando muito — e terei resolvido o meu problêma, mas até lá vigia o teu pupilo como qualquer mãe extremosa poderá vigiar um filho enfermo. A tua missão, hoje, justificou-se, e contudo, estou em dizer que antes quereria que te não houvesse arredado de ao pé d'elle. — Escuta!

Um berro tremebundo — um brado prolongado de horror e angustia rompeu de entre o silencio do bréjo. Aquelle grito pávido congelou-me o sangue nas veias.

— Meus Deus! — anhelei — Que seria aquillo?

Holmes puséra-se a pé, de um pulo, e lobriguei-lhe o vulto escuro, athlético, á porta do cardêho, debruçado, projectante a cabeça, perfurando com a vista a escuridão.

— Chiton! socinou. — Chiton!

O grito fôra estridulo quanto vehemente, mas tinha estrugido desde algures, lá muito longe, na umbrea planicie. Agora, porém, estrondeava-nos aos ouvidos, mais proximo, mais rijo, mais afflicto, do que dantes.

— Onde será? segredou Holmes: e eu pelo tremulo da voz percebi que elle, o homem de aço, se achava abalado até ao amago. Onde será, Watson?

— Para ali, presumo. E aponte para a escuridão.

— Para ali, não, para acolá!

Outra vez o grito de afflicção varrendo a través do silencio da noite, cada vez mais de rijo e mais perto. E de mistura com elle um novo som, um susurro, profundo, rosnado, musical e ameaçador, todavia, subindo e baixando, in-

tercadente, tal qual o marulhar constante do oceano.

— O cão! exclamou Holmes. Vem dahi, Watson, vem! Santo Deus! se já chegarêmos tarde!

Despediu veloz a correr pela charnéca em fora, e eu a seguir atrás d'elle. Agora, contudo, de algures, por entre aquelle chão accidentado immediatamente em frente de nós veio ferir-nos o ouvido um derradeiro clamor de desespero, e acto-contínuo, um baque, pesado e soturno. Estacámos de ouvido á escuta. Não quebrava o lobrego silencio daquella noite calma o minimo som.

Vi Holmes dar uma palmada na testa como homem inteiramente fora de si. Batia o pé no chão com força.

— Logrou-nos, Watson. Chegámos tarde.

— Não digas tal, não pode ser!

— Que destempero não foi o havê-lo poupado! E tu, Watson, vê-lá o que resultou de teres desamparado o ente confiado á tua vigilancia! Mas, em nome de Deus! se acaso se justifica o meu receio, heide vingá-lo!

Deitámos a correr, como cegos, através da escuridão, a tropeçar nos penedos, rompendo caminho por entre os moitedos de urzes, a arfar, galgando encostas e investindo de roldão por desladeiros, aproando sempre na direcção donde tinham vindo os tão pávidos sons. A cada lomba de terreno Holmes espraiaava ancioso a vista em derredor, as trevas eram porém cerradas na charnéca, em cuja face adusta não bulia um atomo, sequer.

— Vês alguma coisa?

— Coisa nenhuma.

— Espera ahi, escuta, que será aquillo?

Viera ferir-nos o ouvido um gemido soturno. E soava outra vez do lado esquerdo! Para aquella banda uma orla de penhascos rematava numa fraga, insulada, dominando uma vertente entresachada de pedregulhos. Sobre a face escabrosa jazia estatelado um objecto qualquer, escuro, de forma irregular. Á proporção que arremetiamos para o indeciso vulto foram-se-lhe demarcando os contórns e assumindo forma definida. Era um homem prostrado de bôrco, no chão, com a cabeça dobrada debaixo de si, descrevendo um angulo horrendo, de hombros encolhidos e o côrpo feito num môlho. Tão grotesca era a attitude que não duvidei, por instantes, sequer, de que aquelle arranco havia sido o despegar-se da alma. Nem um anhelito, nem um fremito perceptivel na-

quelle vulto lobrego sobre o qual estavamos debruçados. Holmes pôs-lhe a mão em cima, e encolheu-a, rapido, com uma exclamação de horror. O clarão do fosforo que acendeu illuminou-lhe os dêdos peganhentos e reflectiu-se na pôça horripilante que a pouco e pouco se ia alastrando do esmagado craneo da victima. E a illuminar ainda outra coisa que nos congelou o coração decependo-nos as forças, — o corpo de sir Henry Baskerville!

Não havia meio de confundirmos aquella especialissima andaina de cheviote avermelhado, — a propria que elle trazia vestida naquella manhan em que pela vez primeira o tinhamos visto em Baker-Street. Vimo-lo claramente, posto que de relance, depois, o fosforo vasquejou apagando-se, tal qual se apagara a esperança em nossas almas. Holmes, a gemer, e eu, a despeito da escuridão, a entrever-lhe o livor da face.

— Que animal eu sou! Que animal! clamei, estorcendo as mãos. Ah! Holmes, jamais poderei perdoar-me o havê-lo deixado entregue ao seu ruim fado.

— Sou muito mais culpado que tu, Watson. Com o fito em arredondar e completar os quesitos do meu caso, dei motivo a ter perdido a vida o meu cliente. É o mais tremendo golpe de quantos me tem ferido durante a minha carreira. Mas como é que eu podia saber — como podia eu saber — que elle iria arriscar a vida sósinho pela charnéca apezar dos meus repetidos avisos?

— E nós a ouvirmos-lhe os clamores — e que clamores, santo Deus! — e contudo, incapazes de o salvar! Onde parará aquella fera negregada, aquella cão maldito que lhe causou a morte? Embuscado, talvez, por entre essa penedia, neste instante. E o Stapleton, por onde andaré elle? Hade responder por esta boa obra!

— Hade, sim. Fica á minha conta. Tio e sobrinho ambos assassinados — o primeiro, aterrado a ponto de succumbir só com a vista da fera que elle suppôs um ente sobrenatural, o segundo, impellido para o lance final em sua fuga desatinada para se livrar do monstro. Agora, contudo, temos que provar a conexão que existe entre o homem e a fera. A não ser por aquillo que têmos ouvido, não podemos jurar sobre a existencia desta ultima, desde que é evidente o facto de sir Henry ter succumbido por effeito da queda. Mas, por Deus! por muito arteiro que seja, esse homem

estará em meu poder, antes de vinte e quatro horas!

E para ali ficámos, confrangido o coração, a um e outro lado do lacerado cadaver, assombrados por tão subito quanto irremediavel desastre, mercê do qual o conjunto dos nossos prolongados e arduos trabalhos viera a malograr-se de modo deploravel a tal ponto. Então, como fosse surgindo o luar, atrepámos á crista da fraga da qual se havia despenhado o nosso malfadado amigo, e lá do topo varrêmos com a vista a lobrega charnéca, prateada a metade, e a outra metade immersa na escuridão. Além, lá muito longe, milhas e milhas, para a banda de Grimpen, uma luz, solitaria e firme, a lucilar. Só podia vir da morada erma dos Stapletons. Soltando uma praga acerba saccudi o punho cerrado para ella ao ferir-me a vista.

— E por que lhe não havemos nós de deitar a unha, desde já?

— Não se acha ainda completo o nosso caso. O patife é ladino e matreiro quanto se pode ser. Não se trata daquillo que possâmos saber, mas sim do que poderemos provar. Um passo em falso, e escapar-se-nos-á ainda aquella malvado!

— E que podêmos nós fazer?

— Não nos falta que fazer ámanhan. Esta noite resta-nos apenas o cumprirmos os ultimos deveres para com o nosso desditoso amigo.

Tenteando caminho descêmos a ingreme la-deira e acercámo-nos do cadaver, negro e a extremar-se de encontro ao tom argenteo das pedras. A agonia daquelles membros contorcidos causou-me um espasmo de dôr arrazando-me os olhos de lagrimas.

— Têmos que appellar para o auxilio de alguém, Holmes! Não podêmos carregar com elle, por todo este estirão, daqui até o Solar. Santo Deus! enlouquecerias tu, porventura!?

Soltara um grito e debruçara-se sobre o cadaver. E agora, pegára a dansar, a rir, e a apertar-me muito a mão. Seria este, effectivamente o meu amigo, tão commedido, tão austero? Vá alguém fiar-se em apparencias!

— As barbas! as barbas! Tem barbas, este homem!

— Barbas!

— Não é o baroneto! — e... é... o meu vizinho... o presidiario!

Com pressa febril, voltámos o corpo pápar-

riba, e a barba cerrada, hirsuta, a apontar para a clara, algida lua. Aquella testa sulcada, aquellos olhos ferinos, encovados não admitiam dúvidas. Era effectivamente o mesmo rosto que eu vira surgir das trevas, aquella noite, illuminado em cheio pela luz, acima dos penedos — o rosto de Selden, o facinora.

Num relance, tudo se aclarou a meus olhos. Occorreu-me a circumstancia de haver dito o baroneto que tinha dado o fato usado ao Barrymore. Este dera o ao Selden para o auxiliar na fuga. Bónné, camisa, botas — tudo de sir Henry. Era ainda tétrica a valer a tragedia, e não obstante, aquelle homem sequer ao menos havia merecido a morte segundo as leis do seu país.

Particpei a Holmes estas circumstancias, com o coração a palpitar de alegria e gratidão.

— Visto isso o fato causou a morte ao pobre diabo, observou. — E' claro como agua o haver sido ensinado o cão mediante um qualquer objecto pertencente a sir Henry — a bota que foi surripiada lá no hotel, provavelmente — e terem-no açulado em perseguição deste homem. Surge, contudo, um pormenor um tanto singular. Por que artes poderia o Selden, na escuridão, saber que o cão lhe vinha na triilha?

— Tê-lo-á presentido.

— O facto de ouvir uivar um cão neste brejo nunca lograria lançar um homem empedrenido como este nosso presidiario em paroxismo tal de pavôr, a ponto de se arriscar a ser recapturado bradando por soccorro com desespero. A julgar pela intensidade dos berros deve de ter corrido um bom pedaço depois de ter percebido que o cão o vinha perseguindo. E como é que elle o podia saber?

— Misterio ainda mais impenetravel, a meu ver, é o motivo porque este cão... suppondo serem correctas as nossas conjécturas...

— Não supponho coisa nenhuma.

— Em summa, por que é que o cão andaria á solta esta noite? Presumo que não costumará andar á solta pela charnéca. O Stapleton não o soltava não tendo motivo para suppôr que sir Henry andaria por ali.

— A difficuldade que eu lhe encontro das duas é a mais formidavel, pois estou persuadido de que não tardarêmos muito em ter uma explicação da que se te antoiha, ao passo que a primeira pode muito bem ficar permanecendo para sempre em estado de misterio. E a questão agora é a seguinte: que havêmos nós de

fazer com o cadaver deste desgraçado? Não o podêmos deixar para aqui entregue aos córvoes e ás rapozas.

— Occorre-me que o recolhamos em qualquer destes cardenhos emquanto não communicarmos o facto á policia.

— Está dito. Entre ambos, estou que poderêmos carregar com elle até lá. Houlá, Watson, que foi aquillo? O proprio homem em pessoa! O supra-summo da audacia. Espantoso! Nem palavra que dê a perceber as tuas desconfianças — nem palavra, aliás, préguas em terra com os meus planos.

Vinha vindo para nós, pela charnéca, um vulto, e lobriguei o clarão soturno de um charuto acêso. Batia-lhe em cheio o luar, e consegui distinguir a figura azougada e o andar saltitante do naturalista. Parou quando deu por nós, mas depois continuou a andar.

— Ora esta, o doutor Watson, será possível? A pessoa que eu menos esperaria vêr cá pela charnéca, a semelhante hora! Mas, valha-nos Deus! Isto que é? Alguem ferido? Não será — não me diga que é o nosso amigo sir Henry!

Passou por mim a correr a debruçou-se sobre o cadaver. Ouvi-lhe a respiração arquejante, e caiu-lhe da bôca o charuto.

— Mas — quem é elle, então?

— E' o Selden, o prêso que se escapuliu de Princetown.

Stapleton voltou para mim uma cara de defunto, mercê de suprêmo esforço, contudo, conseguiu sopear o assombro e a decepção. Olhou a fito já para mim, já para Holmes.

— Valha-nos Deus! Que caso tão pavoroso! Mas de que é que elle morreu?

— Pelos modos esmigalhou a cabeça de uma quéda daquella fraga abaixo. Eu e este meu amigo andavamos a dar a nossa passeata pela charnéca e ouvimos um bérro.

— Tambem eu o ouvi. E foi isso mesmo que aqui me trouxe. Estava com cuidado em sir Henry.

— Com cuidado em sir Henry, *especialmente?* E por quê? Não fui senhor de suster a pergunta.

— Pelo facto de eu lhe ter dito que apparecesse lá por casa. Quando vi que não vinha, surpreendeu-me isso um tanto, e como é alias natural, fiquei aprehensivo, não lhe tivesse succedido qualquer percalço, quando ouvi gritos na charnéca. A proposito — e os olhinhos a cravarem-se, ora em mim ora em Holmes —

ouviriam, por acaso, qualquer outro som além dos gritos?

— Eu, coisa nenhuma, e o senhor?

— Também não.

— A que se refere, pois?

— Ora, terá ouvido esses contos que os labrêgos impingem a respeito de um cão-fantasma, et-cœtera e tal. Affirmam elles que o ouvem, de noite, por essa charnéca. E estava desejoso de saber, de fonte limpa, se teriam ouvido o tal som, esta noite.

— Não ouvimos coisa nenhuma que se pareça, confirmei.

— E qual é a sua opinião quanto á morte deste pobre diabo?

— Estou persuadido de que a anciedade e as intemperies lhe haverão dado volta ao miolo. Deitaria a correr sem destino pela charnéca, em estado de alucinação, até que se despenhou dali a baixo e esmigalhou o craneo.

— Afigura-se-me ser a interpretação mais racional, effectivamente, confirmou Stapleton, e arrancou um suspiro que eu considerei como que de alivio. Qual é o seu parecer, senhor Sherlock Holmes?

O meu amigo fez-lhe a sua vénia.

— E' forte em tirar por consequencias, o cavalheiro, obviou.

— Temos estado á sua espéra por aqui desde que cá está o doutor Watson. Veiu a tempo de presenciar uma tragedia.

— Assim é, na verdade. E não ponho duvida em que a interpretação do meu amigo virá a justificar-se. Volto amanha para Londres levando comigo recordação assás desagradavel.

— Ah! com que então vae-se embora amanha?

— Faça tenção.

— Ouso esperar que a sua visita lançaria alguma luz sobre todas estas occorrencias que nos trazem tão perplexos?

Holmes encolheu os hombros.

— Nem sempre logramos ser tão bem succedidos conforme esperavamos. Todo aquelle que investiga necessita de factos, e não de lendas ou de boatos. Não tem sido um caso satisfatorio.

O meu amigo expressava-se com summa franqueza e despreoccupação. E o Stapleton sem lhe tirar os olhos de cima. Voltou-se então para mim.

— Dir-lhes-ia que levassem este pobre diabo para minha casa, isso porém iria assustar a tal

ponto minha irman que me não atrevo a indicar-lho. E creio que se lhe taparmos a cara com qualquer coisa, ficará em segurança até amanha.

E assim se fez. Declinando os offercimentos de hospitalidade por parte de Stapleton, Holmes e eu metemos a caminho da mansão de Baskerville, deixando o naturalista fazer-se de volta sósinho. Seguimo-lo com a vista e observámos que palmilhava devagar a vasta charneca, e por detrás d'elle aquella nodoa negra no argenteo esbarrondadeiro a mostrar o sitio em que jazia um homem que encontrára o fim de seus dias por forma horripilante a tal ponto.

— Estamos prestes a pegar á unha, finalmente! declarou Holmes, seguindo a par comigo pela charnéca. Que rijeza de nervos, a do sujeito! Como elle soube ter mão em si em presença daquillo que devia ser um abalo de paralizar quando verificou que o homem que caíra victima da sua trama não era quem elle esperava. Já t'o disse lá em Londres, Watson, e repito-o aqui, ainda não topámos com um adversario tanto á medida das nossas forças.

— Sinto devéras o elle haver-te posto a vista em cima.

— O mesmo se deu comigo, a principio. Mas se não havia meio de me esquivar!

— E que effeito suppões tu que isso venha a ter sobre os seus planos, agora que está sciente de que te achas aqui?

Levá-lo-á a ser mais precavido, ou poderá impeli-lo desde já a lançar mão de alvitres desesperados. Conforme se dá com outros criminosos, é possivel o confiar demasiado na propria esperteza e imaginar que nos illudiu de meio a meio.

— Mas por que é que o não havemos de filar desde já?

— Nasceste fadado para vir a ser homem de acção, caro Watson. O teu instincto sugere-te sempre qualquer acto energico.

Supponhâmos porém, por amôr á discussão, que o filávamos esta noite, que adiantavamos com isso? Não dispunhamos da minima prova para aduzir contra elle. E ahi é que está a habilidade do sujeito! Se acaso operassemos em vista de qualquer agente humano, ser-nos-ia possivel alcançar algum testemunho de evidencia, mas se tivéssemos que arrastar para a luz do dia o tal canzarrão, isso não nos ajudava a amarrar uma corda de roda da gárganta do dono.

— E não obstante é inquestionavel o achar-mo-nos em presença de um crime.

— Nem a sombra sequer de uma prova, suspeitas e conjecturas, nada mais. Eramos postos fóra do tribunal á gargalhada se fossemos para lá com semelhantes contos e com semelhantes provas de evidencia.

— Ha a morte de sir Charles.

— Encontrado morto e sem um sinál unico de violencia. Tanto eu como tu estamos consciós de que morreu méramente de susto, e sabemos o que foi que o assustou; mas como queres tu convencer disso uma duzia de jurados boçaes?

Que vestigios haverá da presença de um cão qualquer? Onde estão as marcas das prezas da féra? E' certo sabermos que um cão não morde num corpo morto, e que sir Charles o estava já, antes até do bruto se avançar a elle. Mas temos que *provar* tudo isso, e não nos achamos em condições de o fazer.

— Assim será, mas esta noite?

— Não estamos mais adiantados esta noite. Repito, não houve connexão directa entre o cão e a morte do homem. Nós nem sequer vimos o cão. Ouvimo-lo; mas não podêmos provar que viesse a correr atrás do homem. Existe pois ausencia total de motivo. Não, meu caro amigo, temos que resignar-nos com o facto de não possuirmos por emquanto certeza de haver delicto; e merece a pena afrontarmos qual-

quer perigo com o fito em lhe estabelecer a existencia.

— E de que modo te propões consegui-lo?

— Fundo grandes esperanças no que poderá fazer em nosso favor mistress Laura Lyons, assim que lhe houvermos apresentado, claro o manifesto, o estado do negocio. E não deixo tambem de ter o meu plano. O peor é tomar-nos isso o dia de amanha; mas espero que antes de que elle] haja decorrido teremos finalmente levado a melhor.

Não fui capaz de lhe sacar mais coisa nenhuma, e elle, engolfado em seus pensares, assim foi indo até ao portão do solar do Baskerville.

— Vens d'ahi?

— Vou; não vejo motivo para mais esconderijos. Uma palavra, em conclusão, Watson, Nem pio a respeito do cão a sir Henry. Deixa-o na persuasão de que a morte do Selden se deu conforme Stapleton no-lo quis impingir. Conservará assim os nervos mais rijos para fazer face aos tranes por que terá que passar, durante o dia de amanha, se é que bem me lembro do teu relatorio, em que vae jantar com aquella gente.

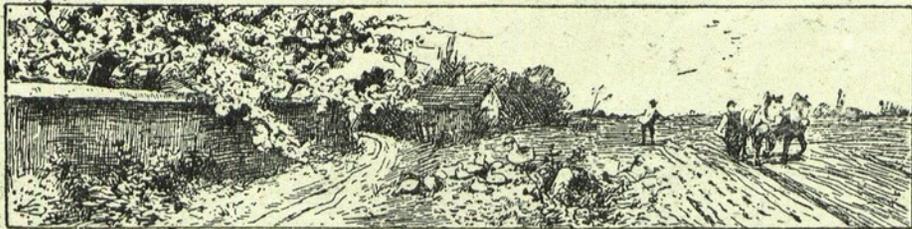
— E eu tambem.

— Deves pois arranjar qualquer desculpa porque elle tem que ir sósinho. Não te será difficil inventar pretextos. E agora, supposto vies, semos tarde para o jantar, estou em dizer que nem um nem outro voltará cara á ceia.

Versão de MANOEL DE MACEDO

(Continúa)

CONAN DOYLE.



QUARTO CONCURSO DOS "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



UM TRECHO DO RIO JAMOR

Photographia de Antonio Rosa da Silveira — R. das Chagas — Lisboa

Os Serões dos Bébés



Chamava-se Maria, aquella fada.

Tinham-lhe dado um nome pouco proprio para fadas, que de ordinario se chamam Açucena, Rosa, Violeta.

As que se chamam Açucena, são muito brancas, airosas e altas, se bem que não excedam em tamanho um dedo mendinho. Occupam-se em limpar o pó das flôres do seu nome, em regalas com orvalho e em pôr-lhes todas as manhãs o seu delicado aroma. As que se chamam Rosa, são pequenas e rechonchudas, ligeiramente avermelhadas e teem boquinhas encantadoras que fazem lembrar os rubis, e narizinhos um tudo nada arrebitados, mas não tanto que pareçam feios. Sacodem a poeira dos botões e afugentam das petalas os insectos que poderiam roel-as. As que se chamam Violeta, andam occultas por entre as folhas d'esta planta e com uma varinha doirada expulsam

as lagartas que veem comer as flôres.

Ora a fada Maria não sabia fazer nada d'isto. De mais a mais foi crescendo, crescendo, de modo que ao fim de tempos mais parecia um rapariguinha, que andasse brincando pelos

campos. A's vezes subia a certas plantas, mas, como era muito pesada, partia-as e cahia no chão.

A rainha das fadas zangou-se por fim e chamou-lhe a mais desastrada de todas as suas vassallas.

— Se assim continuares, disse-lhe ella, podes causar grandes calamidades no meu reino.

Maria já estava tão crescida que precisava de um chapeo, tamanho como a palma da mão de um bebé, e tão pesada se tornou que partia as hastes dos cogumelos onde por acaso se sentava a descansar.

Era por isto que as outras fadas fugiam d'ella, deixando-a inteiramente sósinha.

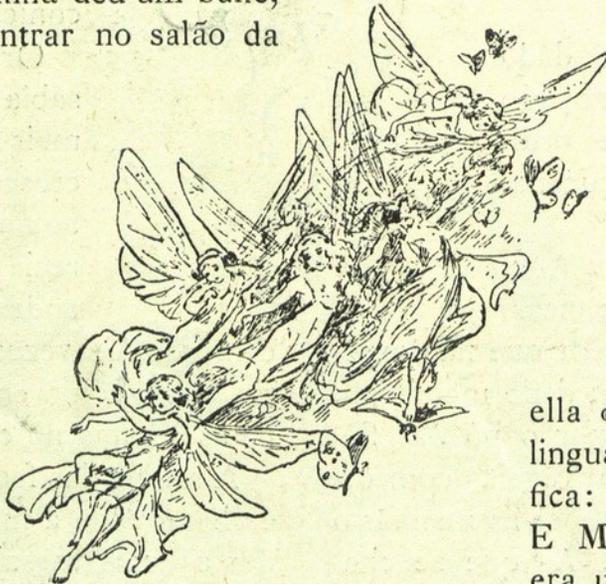
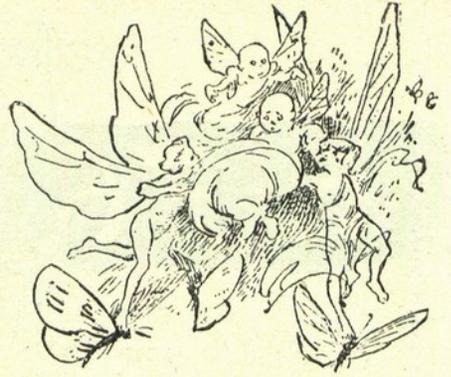


PARTIA AS HASTES DOS COGUMELOS ONDE POR ACASO SE SENTAVA A DESCANÇAR

E vae então Maria andava muito triste e desejava tornar-se em rapariga, ou até em rapaz, pois assim ninguem lhe quereria mal por ter crescido tanto.

E cresceu mais, muito mais ainda. Só as azas lhe não cresciam, e até ficaram tão pequenas que ella deixou de poder voar, a não ser para muito perto. Quando as outras fadas iam pelos ares fóra, tinha de resignar-se a saltitar pelo chão, acarretando mel e orvalho, pois era isto o que as fadas comiam e bebiam.

Uma vez que a rainha deu um baile, Maria não pode entrar no salão da ceia, que era dentro de uma abobora menina, e ficou a fazer cruces na bocca. As outras fadas ainda em cima a escarneceram, o que lhe fez tanto desespero que a pobre, aproveitando a escuridão da noite, fugiu sem ser vista, para



Teodoro MacGarran

E CRESCER MAIS, MUITO MAIS AINDA

muito longe d'ali, sahindo afinal do reino das fadas.

Depois de ter caminhado muito, encontrou-se com um mocho, que passava por ter espantosa sabedoria e que disse para ella «Uh! Uh!», o que na lingua dos mochos significa: «Dize-me quem és». E Maria respondeu que era uma fada. Ao que o

mocho retorquiu perguntando-lhe quantas eram. Isto nos mochos é uma chalaça. Queria dizer-lhe que o corpo de Maria dava para muitas fadas.

Replicou-lhe que por ter aquelle nome proprio havia crescido tanto, e pediu-lhe que lhe dissesse como podia mudal-o.

O mocho ouviu-a com toda a attenção, porque é uma ave muita bem creada, e respondeu-lhe:

— Não podes mudar de nome enquanto não arranjares um principe que te dê o seu. Assim acontece a muitas mulheres e a muitas fadas.

Maria perguntou-lhe onde poderia encontrar esse principe, porém o mocho disse-lhe que era ella que tinha de achal-o, para obter o resultado que desejava.

A pobre continuou o seu caminho, e andou, andou, até que viu uma abelha, que andava esvoaçando de flôr em flôr. E disse-lhe

quem era e que desejava encontrar um príncipe, que lhe desse o seu nome.

A abelha pousou lhe em cima do hombro — já sabem que a fada era muito grande — zumbiu, bateu as azas, pôz-se a pensar, e disse-lhe :

— Vae andando até chegares ao Reino das Flôres e se pelo caminho encontrares um príncipe que se offereça para te mostrar a Lua de Mel, é esse que te dará o seu nome.

Maria agradeceu muito á abelha e seguiu o seu caminho, olhando á direita e á esquerda, para vêr se descobria o tal príncipe.

Depois de ter andado muito, deparou um duende, que parecia mesmo um rapazito ainda pequeno. Era muito engraçado e tinha uma bocca tamanha que lhe ia quasi de um lado ao outro lado da cara, uns olhos muito grandes e esbugalhados, e umas orelhas enormes; mas faltava-lhe o rabo, que é coisa que teem de ordinario todos os duendes.

A fada bem sabia que os duendes costumam ser muito maldosos, e que se pelam por fazer pirraças, tanto assim que no paiz das fadas já elles não teem acceitação, e por mais que falem ninguem lhes dá troco. Aquelle duende, porém, não fazia senão rir e dar saltos, e parecia não ter maldade. Vendo-se tão sósinha, Maria estava morta por encontrar alguém com quem conversasse e encaminhou-se muito risonha para o duende.

Elle sorriu-lhe, cumprimentou-a, tirando o barretinho.

A fada tambem cumprimentou e disse estes versos, que armou ali mesmo de sua cabeça :

A fada que estás vendo
Tem nome de Maria.
Um nome feio, horrendo,
Um nome de arrelia.

E o duende respondeu-lhe, que se o nome de Maria era feiissimo para uma fada, tambem o nome d'elle era medonho para um duende. Chamava-se Bonifacio, ao passo que os outros duendes se chamavavam Sápegato, Encanzinacões ou Trinca-rabos, nomes que correspondem ás maldades e partidas que elles costumam fazer. Um duende chamado Bonifacio não podia levar o tempo a dizer sape aos gatos, a encanzinar os cães, nem a puxar pelo rabo a outros bichos que topasse ao pé de si e que tivessem rabo. Por isso os outros duendes o troçavam e atenzavam a toda a hora, de maneira que Bonifacio tinha fugido do seu paiz,

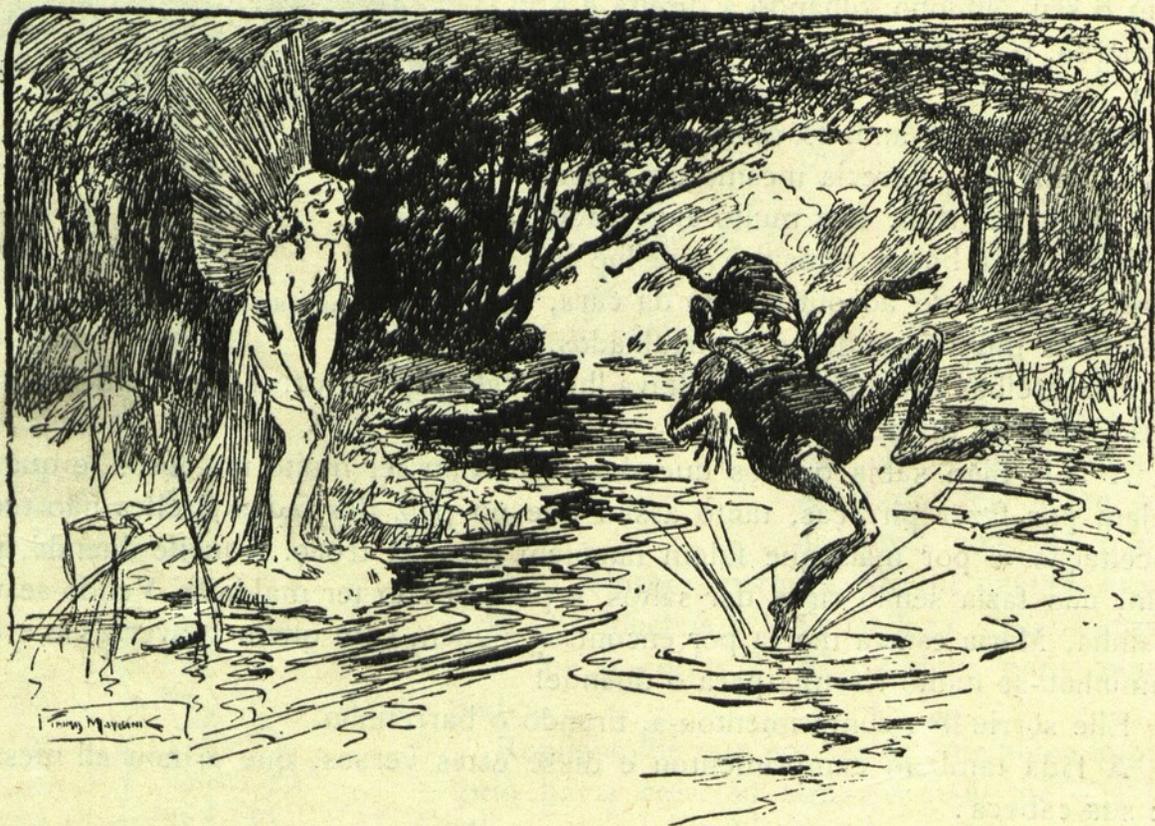


MARIA RESPONDEU QUE ERA UMA FADA

porque lá estava sempre em desaccordo com todos, visto nunca arreliar ninguem nem fazer mal a quem quer que fosse. Os duendes acham errado tudo o que nós julgamos certo, mau o que nos parece bom, e dizem que é dia perdido aquelle em que não fizerem desesperar alguém.

— Por causa do meu negregado nome não tinha uma hora de socego, disse elle por fim. Agora, por conselho do mocho e da abelha, vou para o Reino das Flôres, á cata de uma princeza que me faça mudar de nome e me mostre a Lua de Mel, mas tenho muito medo de que não haja princeza que me queira, porque não sou travesso e porque tenho maneiras delicadas.

Maria respondeu-lhe que preferia as maneiras delicadas ás grosseiras, e que certamente a princeza pensaria do mesmo modo.



O DUENDE DESATOU N'UMA GRANDE GALHOFA, CHAPINHANDO NA AGUA

Foi assim que os dois travaram conhecimento e continuaram juntos o seu caminho.

Deparou-se-lhes, pouco mais além, um riacho de pequena fundura. O duende mettu-se a elle e desatou n'uma grande galhofa, chapinhando na agua com os pés, enquanto Maria, toda assustada, olhava-o da margem.

— Se quizer passo-a para o outro lado, disse-lhe o duende, voltando-se para traz e fazendo-lhe uma mesura.

— E' muita bondade da sua parte, respondeu a fada.

— Bem sei que, como duende, não devia ser bom, fez o outro procurando desculpar-se. Mas se não está mais na minha mão!... E' do nome que me pu-

zeram. Bonifacio... Se fôsse Malifacio, outro gallo me cantara. Mas ande, não tenha medo, suba para as minhas costas.

Maria ainda estava com suas duvidas, por saber que os duendes, em geral, são levados da breca e fazem ás vezes aquelles offerecimentos para depois atirarem ao charco os tolos, que n'elles se fiaram. Parecia, comtudo, tão sincero e affavel, que Maria não quiz offendel-o regeitando-lhe o offerecimento e saltou-lhe para os hombros. E logo o duende a levou para a outra margem, sem que ella molhasse os pés nem a orla do vestido.

— Obrigado, sr. Bonifacio.

— Não ha de quê, menina Maria, respondeu o duende córado até á raiz do cabello, por estar sendo tão bem creado.

Andaram, andaram, até que viram na sua frente um grande lobo que lhes deitou uns olhos de metter medo e mostrou uma dentuça capaz de trincar pedras.

Vendo que o medonho bicho avançava para elles a pés de lã, decidido certamente a devoral-os, Maria deu um salto e empoleirou-se n'um rochedo proximo. Para isto serviu-se das azas, apesar de não serem grandes. Olhou para baixo e viu o duende muito afflicto, porque não podia fugir para sitio onde o lobo não o alcançasse.

E vae ella voltou para o pé d'elle, e disse lhe que se lhe escarranchasse nas costas, porque voaria para o alto do rochedo.

O Bonifacio não queria acceitar o favor, mas por fim consentiu.

A fada bem mexeu as azas na ancia de voar, mas por causa do peso não foi capaz de se levantar do chão. Vendo isto, o duende conseguiu saltar das costas da fada para uma ponta do rochedo e afinal chegou ao cimo. Maria logo pulou para junto d'elle.

Quiz o lobo fazer outro tanto, mas não poude, porque o rochedo, em baixo, era liso e empinado. Ficou furioso, já se vê, e abriu uma boccaça por onde caberiam, a par, o duende e a fada. Ao mesmo tempo esfuracava o focinho com a pata, exactamente como fazem certos meninos malcreados, que mettem os dedos pelo nariz acima.

Maria atirou-lhe uma pedra, que o lobo aboccou logo e ficou a rilhar como se fosse um bello petisco, entrementes os dois viandantes continuavam a sua jornada.

Fôram andando, e encontraram uma bruxa mais velha que o azeite e vinagre nas tendas. Não tinha um unico dente e era tão favorecida de nariz, que por pouco elle não tocava na ponta da barba. Caminhou direita aos dois arrimada a um pausinho e tão curvada para o chão, que mal se lhe via a cara engelhada.

Depois de saber o que desejavam, chamou pelo seu gato preto e disse-lhe: — O que estás vendo, ó Carocho?

Fez a pergunta porque já não era capaz de vêr nada.

O Carocho deu taes marradinhas nas pernas da dona, que por pouco não a atirou ao chão, e fitou nos viajantes os olhos redondos e luzentes como brazas.

— E' uma fada e um duende, miou baixinho, isto é, duas coisas de grande arrelia, uma para mim e outra para minha dona.

Deve-se dizer que as bruxas não teem poder contra as fadas, nem contra

quem as acompanhar, e que aos gatos mettem muito medo os duendes. Ainda assim, como a bruxa e o gato estavam fartos de saber que duendes e fadas nunca se dão bem, concluíram que os dois que tinham deante de si, como pareciam amigos, deviam ser por força muito diferentes dos outros. Por conseguinte, era preciso ter ainda mais cuidado com elles, pois talvez viessem dar cabo do poder que ambos tinham de fazer bruxarias e feitiços.

— O melhor é separal os... bem sabe para quê, segredou o gato á bruxa. E disse em voz alta a Maria e a Bonifacio que a sua dona os convidava a passar ali á noite, porque de certo estariam cançados.

Como isto era verdade, o convite foi accete, e a velha, procurando mostrar-se agradável, deu aos seus hospedes pão e leite, que lhes soube muito bem. O gato, no entretanto, de unhas muito encolhidas, ia fazendo rom-rom e miando ora para um ora para outro.

Depois da ceia, a bruxa tomou de parte Maria e fallou as estopinhas, dizendo-lhe que tão linda fada depressa se tornaria pequenina como as outras e feliz como ellas, uma vez que mudasse de nome. Que para isto só tinha de a acompanhar até ao Reino das Flores, por um caminho muito curto, que iria ensinar-lhe da melhor vontade.

— Então venha! disse Maria.

— Vou já, comtante que não tragas comtigo esse feio duende de olhos esbugalhados e de bocca de orelha a orelha. Era uma vergonha para mim, se me vissem na companhia do mostrengo.

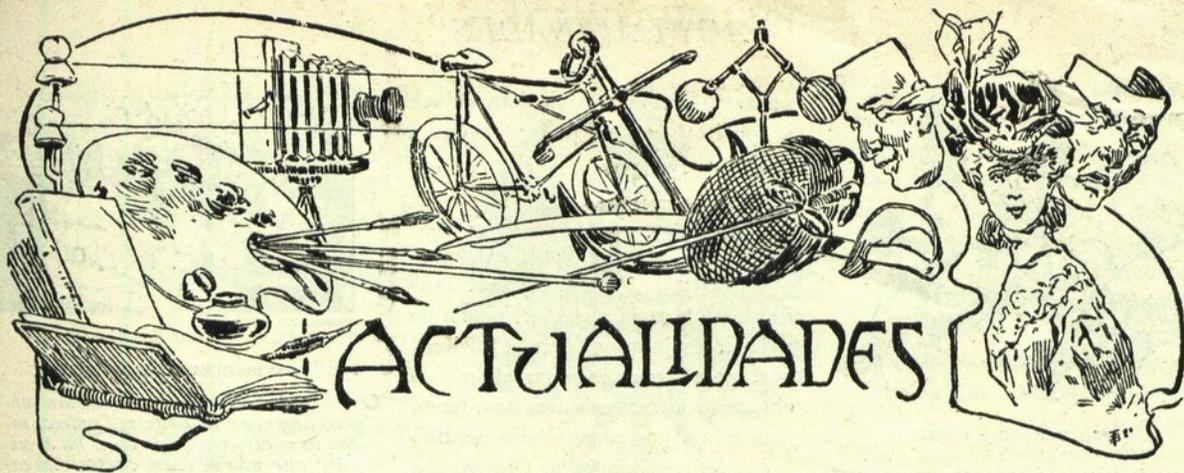
Maria olhou para Bonifacio e reconheceu que elle não devia nada á formosura, mas, lembrando-se de todas as provas de amizade de que lhe era devedora, respondeu-lhe que não o deixava.

D'ali a migalha quiz o gato convencer o duende a abandonar a fada, dizendo-lhe que ella tinha uns olhos sem expressão e uma cara de tola.



MARIA OLHOU PARA BONIFACIO E RECONHECEU QUE ELLE
NÃO DEVIA NADA Á FORMOSURA

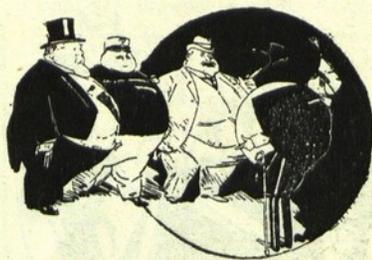
(Conclue no proximo numero.)



Grandes topicos

Inglaterra, Hespanha e França **A** «Nova Triplice Alliança» — eis como já é designado o accôrdo franco-anglo-hespanhol concluido ha poucos dias. Na realidade, não é de um só accôrdo que se trata, mas de dois: um franco-hespanhol e outro anglo-hespanhol; simplesmente, os dois constituem um todo, graças á *entente cordiale* franco-ingleza que por assim dizer lhes serve de base.

Nos termos d'estes accôrds, a França e a Inglaterra garantem á Hespanha a integridade das suas costas e das possessões visinhas; por seu turno, a Hespanha garante á Inglaterra Gibraltar e á França a liberdade completa das suas relações com a Argelia e o Senegal, assim como a possibilidade de, em tempo de guerra, pôr em comunicação as suas esquadras do Mediterraneo com as do Atlantico.



AMIZADE ALENTADA

N'este momento é a Hespanha o amigo mais alentado do rei Eduardo, mas não tardará que fique sendo o mais françino.

Do «Lustige Blätter»

Os menos versados em assumptos d'esta ordem comprehenderão facilmente a alta importancia d'estes accôrds. Por um lado, a França, a Inglaterra e a Hespanha conseguem

com elles garantir os importantissimos interesses que teem no Atlantico e no Mediterraneo; por outro, as duas primeiras potencias dão um novo e bem profundo golpe na Allemanha, o que de certo constituirá motivo de justa satisfação para todas as nações que não só não desejam envolver-se em aventuras bellicas, como estão firmemente dispostas a manter a paz a todo o custo, pois sabem que só com ella poderão trabalhar para o seu desenvolvimento e para a sua prosperidade.



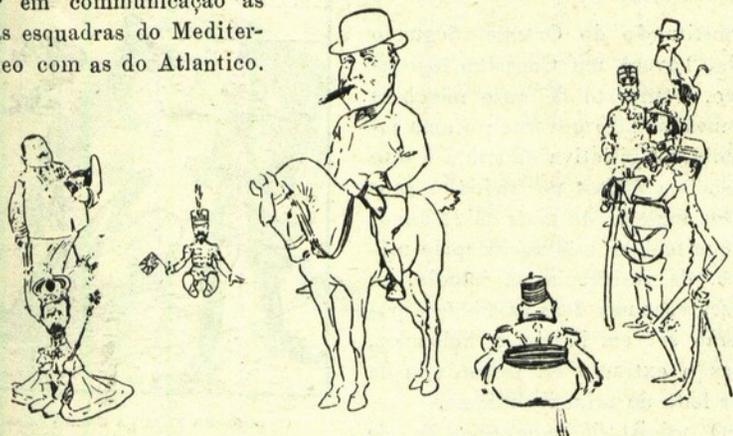
O HERDEIRO

AFFONSO XIII — Com que entao és meio inglez? Has de ir longe, meu filho!

Do «Pasquino»

A questão do Congo

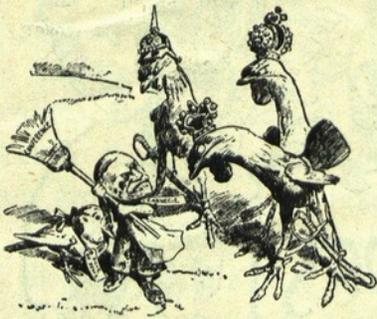
DISSÉMS no nosso ultimo numero que, segundo informações da imprensa belga, franceza e ingleza, até então não desmentidas, o rei Leopoldo se propunha ceder o Congo á França



O REI EDUARDO EM LILLIPUT

Os lilliputianos são os principaes chefes de estado continetaes e entre elles vê-se o rei de Portugal

De «The Winning Post»



PROTEGENDO A POMBA

O *millionario Carnegie*, que projeta edificar o palacio da paz, tem que se haver com os galfarros.

Do «New York American»

tendo para isso já encetado as respectivas negociações. Assim era, de facto. Succede, porém, que o habil plano de Leopoldo fracassou completamente, tendo-lhe preparado o fracasso a propria França, que, comquanto desejasse bastante esse negocio, receava muito das suas consequências.

Não podendo por esse lado realisar o seu *desideratum*, o rei voltou de novo as suas vistas para a Belgica, e é com ella que actualmente trata. A antiga base de negociações foi modificada n'um sentido que o soberano reputa mais conciliador, mas o certo é que não ha conciliações possiveis enquanto elle teimar em ficar como proprietario exclusivo de uma parte do estado africano. N'esse ponto a Belgica é irreductivel, sendo por isso indis-



A ALLIANÇA COM A GRã-BRETANHA

ALLEMANHA PACIFICA — Toda a gente se agarra ao Eduardo, até o petiz do Afonso. Querem vér que não tenho remedio senão metter-me no rancho?

Do «Nebelspalter»

pensavel que o rei desista do seu proposito para se poder chegar a um acôrdo.

A constituição do Orange **D**EPOIS do Transvaal, o Orange. Era justo. Tendo passado toda a sua existencia de paiz livre junto da patria de Kruger, gosando as mesmas alegrias e chorando as mesmas desditas, tendo com ella e por causa d'ella perdido a sua independencia, o Orange era crêdor das regalias que já se haviam concedido ao seu antigo aliado.

Comprehendendo-o assim, o governo inglez acaba de publicar



DESARMAMENTO NO INFERNO

O AJUDANTE (*fazendo o seu relatório*) — Perderam se mais os seguintes navios: o «Grosser Kurfurst», o «Jules Ferry», o «Iena», etc.
O DEMONIO GRANDE DA GUERRA — Bem. Visto que tanto se consegue em tempo de paz, não precisamos de mais guerras; podemos pois ir com os outros á conferencia da Haya.

Do «Lustige Blätter»

Constituição do Orange. Segundo ella, haverá um Conselho legislativo, composto de onze membros nomeados pelo governo; e uma assemblea legislativa de trinta e oito membros eleitos por todos os subditos inglezes de mais de 21 annos e que tenham seis mezes, pelo menos, de residencia na colonia. As discussões nas duas assembleas poderão ser em inglez ou hollandez, mas o extracto da sessão tem de ser feito no primeiro idioma.

O ministerio compôr-se-ha de cinco membros, que terão o direito de usar da palavra nas duas camaras, mas só poderão votar n'aquella de que fazem parte.



JOGUINHO NO CLUB DA HAYA DE 1907

O rei Eduardo pode fazer-nos um serviço de primeira ordem. Conhece todas as subtilizes do jogo, e ha de vigiar que não se usem cartas marcadas.

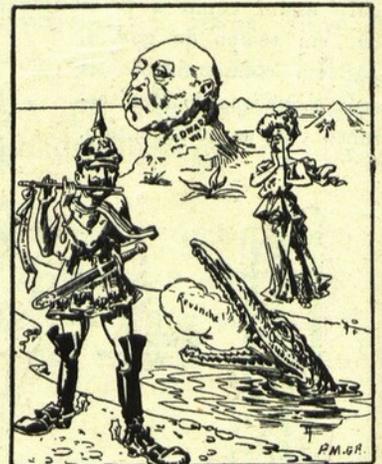
Do «Kladderadatsch»

Em caso de desaccordo, as duas camaras, reunidas em assemblea plenaria, resolverão o incidente por maioria de votos.

O governo imperial reserva-se o direito de veto sobre qualquer decisão legislativa que sancione a admissão da mão d'obra chinesa na colonia.

Communs e Lords **A**annunciada campanha do governo inglez contra a camara dos Lords acaba de ser iniciada pelo primeiro ministro com a apresentação á camara dos Communs de uma moção sobre o assumpto.

Segundo essa moção, o direito da camara alta de modificar ou rejeitar os bills votados na outra, deve ser limitado de tal sorte que, ao terminar a legislatura, a decisão da



OS SONS DA FLAUTA ENCANTADA

O flautista canta as modas de Frederico o Grande. Mas o crocodillo (Clemenceau) está farto de conhecer aquella cantiga.

Do «Nebelspalter»

camara popular possa ficar como definitiva. Assim, quando as duas camaras não cheguem a accordo sobre qualquer projecto de lei, é este submettido a uma commissão constituida por commons e lords; se a commissão tambem não chegar a accordo, o projecto é retirado, mas poderá ser apresentado de novo depois de um certo praso. Feito isto, a camara dos commons aprova-o e envia-o á camara alta. Se ainda houver divergencias, vae o projecto a uma nova commissão mixta, e se esta mais uma vez não conseguiu resolver o assumpto, volta o diploma á camara popular que novamente o aprova e envia pela ultima vez á camara das lords, fazendo-lhe sa-

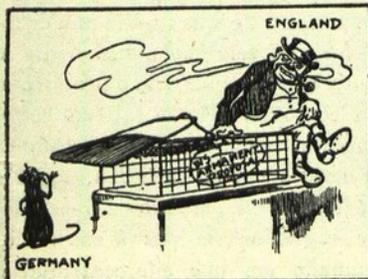


A AGUIA GERMANICA

Caricatura de Frank Richardson

pois de alguns dias de discussão, por grande maioria. É claro tambem que o projecto vae ser ferozmente atacado pelos lords; mas, segundo parece, o governo está disposto a fazel-o adoptar passando sem o concurso d'elles.

tros socialistas; finalmente, os operarios passam a ser representados por um numero muito restricto de deputados, e estes mesmos não poderão ser intellectuaes. A disposição capital da nova lei é precisamente não permittir que os membros de uma classe possam eleger representantes fóra d'essa classe. Assim se procura coarctar o mais possivel a entrada dos intellectuaes na Duma. Vê-se que o czarismo, não podendo já prescindir em absoluto do parlamento, procura por todos os

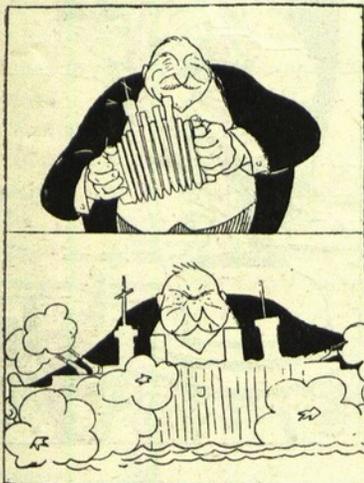


A ISCA NÃO PEGA!

(A isca e o desarmamento)
Do «Kladderadatsch»

ber que, mesmo que ella o não vote, será convertido em lei.

É claro que a camara dos commons recebeu magnificamente a moção governamental, votando-a de-



O ACCORDEON DOS COURAÇADOS

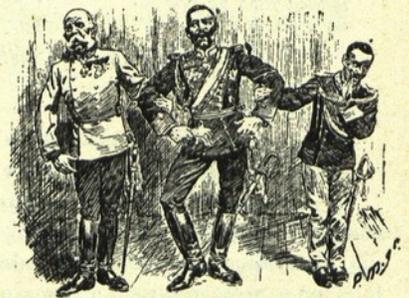
Quando se encolhe, nada se parece mais com o desarmamento

Do «Ulk»

A Duma dissolvida **A** reacção russa conseguiu obter uma nova victoria.

Como a Duma, aliaz menos radical e menos turbulenta do que a primeira, não fosse, todavia, o instrumento passivo que ella havia imaginado, a autocracia resolveu, n'um dado momento, dar-lhe o golpe de morte. Para isso, o governo apresentou á Duma um pedido de auctorisação para serem processados e presos alguns dos seus membros, a quem accusava de conspiradores. É claro que a Duma recusou o pedido — e o governo immediatamente a dissolveu, em nome do czar, mandando todavia proceder a novas eleições em setembro.

Simplesmente, essas eleições vão ser feitas segundo uma nova lei expressamente elaborada para expurgar do parlamento os elementos avançados. Assim, o numero dos deputados é reduzido de 524 a 442; a representação da Polonia reduzida tambem de 39 a 14 deputados; deixará de haver a representação especial de 19 cidades, pois de futuro só 7 gosarão d'esse privilegio, entrando no numero das sacrificadas Kasan, Karkoff e Saratoff, cen-



SEMI-JUBILEU

ALLEMANHA — *Somos uma familia feliz, olé se somos!*
AUSTRIA (piano) — *Pois somos!*
ITALIA (dubioso) — *Eramos!*

(A Tripllice faz agora exactamente 25 annos).

Do «Punch»

meios formal-o á sua imagem e semelhança.

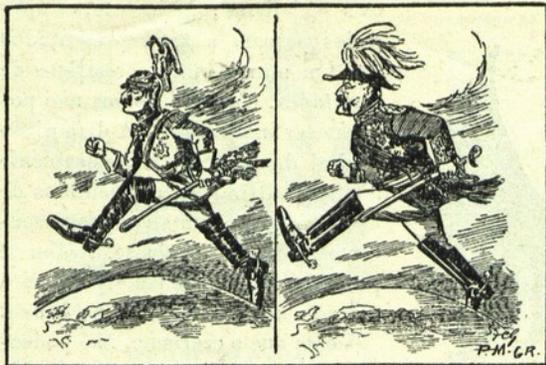
Naturalmente, e apesar de tudo, não o conseguirá, mas se o conseguir, que ganhará elle com isso?



E ESTA!

REI EDUARDO — *Palavra que não entendo o que tem o Guilherme contra mim! Eu realmente sou a pessoa mais pacifica do mundo inteiro.*

Do «Wahre Jacob»



VISÕES

A imprensa ingleza germanophoba vé por toda a parte o Káiser.

A imprensa allemã anglophoba vé por toda a parte o rei Eduardo.

Da «Westminster Gazette»

Em França

A questão vinícola, que entre nós tanto ruído causou ultimamente, surgiu o outro dia em França, assumindo desde logo um aspecto gravissimo, a ponto de pôr em serio-risco a vida do ministerio.

Foi pouco mais ou menos o que se deu em Portugal: Os agricultores francezes entenderam dever plantar vinha a torto e a direito; obtiveram a principio, é claro, optimos resultados, mas vem a phylloxera e destruiu-lh'a. Em vez de aproveitar a oportunidade para ao menos em certos terrenos, mudarem de plantação, todo o seu empenho consistiu, ao contrario, em fazer

producto, os seus consumidores foram augmentando dia a dia, a ponto de que hoje, quando o vinhateiro acaba de fazer o seu vinho, tem de recolhel-o ás adegas porque o mercado está completamente cheio do outro.

Eis uma das principaes razões da crise vinicola, sendo a segunda o progressivo augmento do consumo do alcool tanto cylico como industrial.

Choveram as reclamações contra este estado de coisas e o governo viu-se obrigado a apresentar ao parlamento um projecto de lei, tendente a impedir o fabrico e a venda de vinhos adulterados. Mas como a sua discussão demorasse, em consequencia das successivas reclamações que por seu turno fizeram os refinadores de assucar, os vinhateiros do sul resolveram lançar-se abertamente n'um movimento de resistencia violenta. Em poucos dias reuniram-se uns quinhentos mil que, depois de realisarem os seus comicios de protesto, se lançaram nos maiores excessos, occasionando a intervenção da força armada e por tanto um serio conflicto, do qual resultaram alguns mortos e muitos feridos, mas que ainda podia ter tido consequencias muito mais graves, se não fosse a prudencia e a habilidade com que tanto o governo como os seus delegados procederam na conjunctura.

Nô meio de tudo, houve um episodio caracteristico, que claramente demonstra o tino de Clémenceau e

vingar a mesma. Simplesmente, emquanto isso não se obteve, a produção foi muito inferior ao consumo, do que resultou a aparição do especulador que a breve trecho fazia adoptar por uma enorme parte dos consumidores, especialmente das grandes cidades, uma mistella feita de tudo menos do sumo da uva.

Formado o gosto para esse novo



O REI ALMOCREVE

Madame Britannia acolhe com alvoroço o Tio Eduardo, que volta com o sacco recheado de pactos com as potencias europeas.

Do «Kladderadatsch»

a sua visão nitida dos processos da politica moderna.

O principal motor das insurreições populares, Mr. Marcelin Albert, contra o qual havia mandado de prisão, veio espontaneamente a Paris conferenciar com o presidente do conselho. Não se sabe ao certo quaes as ideias que elles trocaram. O certo é que Clémenceau, ao despedir-se d'elle, deu-lhe a liberdade de regressar em paz á sua terra, confiado em que elle contribuiria para abrandar a agitação que elle proprio estimulara.

Á hora em que escrevemos a situação melhorou consideravelmente, esperando-se que a approvação do projecto de lei que está sendo discutido com toda a actividade, venha dar um grande passo para a completa acalmção dos espiritos.



A ALLIANÇA ENTRE A GRÃ-BRETANHA, A FRANÇA, A RUSSIA E O JAPÃO

Do «Tokyo Punch»



DESCE CÁ PARA BAIXO

A baroneza von Suttner, que tem um convite para a conferencia da paz, convida Marte a descer do pedestal.

Do «Lustige Blätter»

Vida na sciencia e na industria

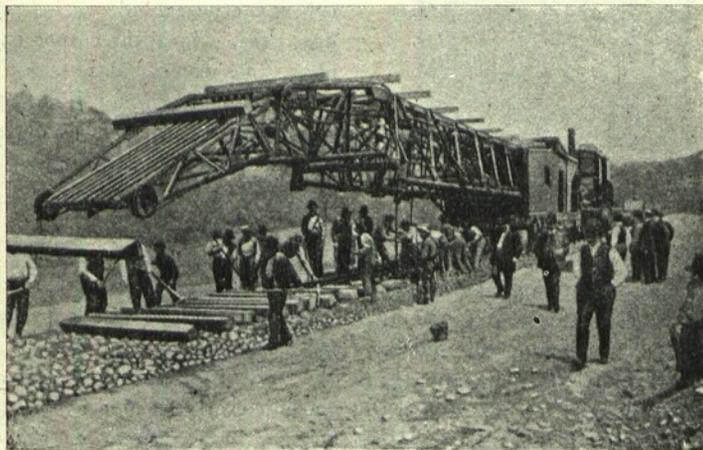
Machina para a construção de linhas ferreas **E**STE aparelho, a que os americanos dão o nome de *laying-track machine*, compõe-se de uma especie de guindaste horizontal que, com o auxilio de uma correia sem fim, vae procurar,

com outros aparelhos, incluindo o aeroplano de Santos Dumont. Por essa occasião venceu a voar uma distancia de 70 e tantos metros, e n 6 segundos, a uma altura variavel entre um e dois metros. O grande aeronauta Santos Dumont foi d'esta

qual se lê na graduação. Assim o official determina aos seus artilheiros o alcance do tiro.

Um triumpho da arte de navegar **O** grande paquete *Suevic* naufragou em co-

meços de abril nas rochas Brandies, partindo-se ao meio perto da camera frigorifica. A parte de vante ficou entalada nos penhascos. Mas os mareantes conseguiram conservar a nado e navegar com a parte de ré, a qual comprehendia dois terços do comprimento total de 182 metros e que continha 1:700 toneladas de carga. Depois de uma anciosa viagem de dois dias, esta parte chegou a salvo a Southampton, e atracou ao caes. Na nossa gravura vê-se perfeitamente a secção transversal do cóрте. O fundo e a machina não soffreram grandes danos, e a White Star Line, á qual pertence o paquete, já deu ordens para a construção de uma nova parte de vante.



MACHINA PARA A CONSTRUÇÃO DE LINHAS FERREAS

nos wagons que traz a reboque, as travessas e os carris que colloca depois a geito para o seu assentamento definitivo. O trabalho dos operarios e carregadores fica assim extremamente reduzido. Em summa, a sua tarefa limita-se a corrigir a posição da travessa, deposta automaticamente no sitio preciso que deve occupar, e depois a pregar o carril sobre o leito das travessas, como nos processos de construção habituaes.

Esta machina representa, pois, uma importantissima economia de tempo e de mão de obra. O exemplo foi dado pelo seu inventor, Mr. Ramsey filho, que construiu com ella um importante ramal da linha Wabash, de que é director, com testa no importante centro industrial de Pittsburg.

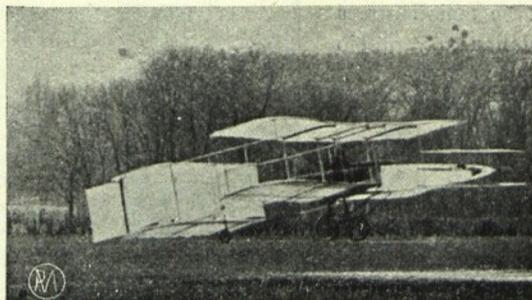
A aeronave **M**R. Delagrange, no seu aeroplano que tem o peso de uns 180 kilogrammas, entrou ha tempos em concorrência

vez vencido, porque o seu aparelho veio subita e inesperadamente a terra.

O novo telemetro **O** major Gérard, do exercito francez, inventou um novo telemetro para calcular as distancias e o alcance da artilharia. Consiste n'um pequeno instrumento semelhante a um dos tubos de um binoculo. Dentro está um anel prismatico, que dá uma imagem refractiva do objecto sobre o qual se assesta o oculo. Pelo centro d'esse anel o olho distingue egualmente uma imagem directa do objecto. O observador faz então gyrrar uma escala circumferencial ate que as imagens prismatica e directa se sobreponham. N'este momento o indicador da escala dá automaticamente a distancia, a

Modelos modernos de aeroplanos **A** exposição real-

sada em Londres, no Royal Agricultural Hall, pelo Aero-Club de combinação com a Exposição Internacional de Automoveis Cordingley, marca um progresso notavel na arte de navegação aerea. A nossa gravura mostra os modelos mais interessantes: N.º 1, o aeroplano de Mr. H. B. Webb; n.º 2, a machina voadora de Mr. E. Guil-

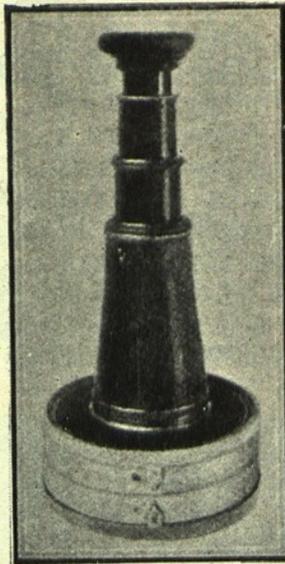


AERONAVE DELAGRANGE

man; n.º 3, a machina de recuo (*back-steering*) de Mr. A. V. Roe; n.º 4, o aeroplano de aluminio de Mr. W. Cochrane; n.º 5, a machina voadora Albatroz, inventada por Mr. José Weiss; n.º 6, a machina de helice ascensional de Mr. H. A. Chubb; n.º 7, o aeroplano Fell; n.º 8, o modelo alado do major Moore; n.º 9, o aeroplano de Mr. Joseph Deixler; n.º 10, o aeroplano de Mr. A. V. Roe, typo Langley; n.º 11, a goleta aerea de Mr. J. W. Thomas; n.º 12, o aeroplano modelo de Mr. Henry Crouch ey, baseado no principio dos papagaios em forma de caixa.

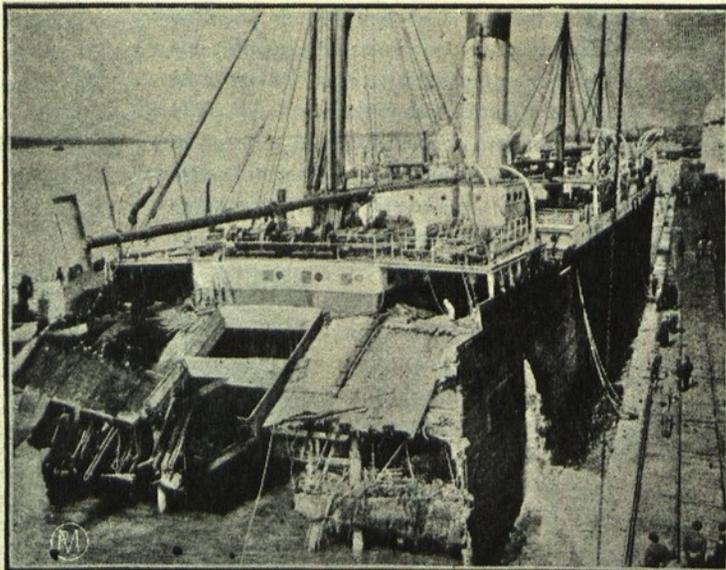
Reconstituintes **E** pasmosa a maneira por que a força humana a força muscular se desenvolve por meio dos formatos, drogas cuja origem se deve ao acido formico, obtido nas formigas, que são com effeito milagres de força. N'uma obra recente, o Dr. Clement, de Lyon, afirma que estes compostos teem uma acção musculo-tonica, augmentando a força de contracção e a resistencia á fadiga a tal ponto que, segundo os registros do ergographo, o trabalho realisado sob a sua acção pôde ser quintuplo do feito em condições normaes. Assevera tambem que, depois de se ministrarem os formatos, as sensações subjectivas, dentro de 24 horas, são de firmeza dos musculos e capacidade de esforço, com ausencia de fadiga, mesmo depois de exercicio ou trabalho arduo. Sustenta igualmente que a circulação se faz melhor, a respiração é mais funda e mais lenta, e diminue o arquejo depois do exercicio.

O Dr. Clement fez experiencias em si proprio, tomando acido formico todos os dias, durante dois annos, com grande beneficio. Segundo o jornal scientifico *Lancet*, pôde mi-



O TELEMETRO GÉRARD

nistrar-se a substancia sob a forma de acido ou em combinação como formato. Ministra-se o acido, tomando 4 a 6 grammas de uma solução a 50 por 100, diluida em agua na quantidade de um terço de litro ou um litro conforme o gosto, adoçando-se ou aromatizando-se o liquido, caso seja preciso. Divide-se esta porção em duas partes, tomando-se uma antes do almoço, e outra pelo meio do dia, antes da refeição. O formato de sodio pode ser dado em doses quotidianas de 3 a 4 grammas. E' um reconstituinte cuja applicação se deve estudar em pessoas anemicas, etc.



A PARTE DA RÉ DO «SUEVIC» ATRACADA AO CAES DE SOUTHAMPTON

Radiographia **C**om respeito aos do cerebro resultados medicos da applicação dos raios X aos ossos do craneo, o Dr. Luraschi acha que ella é valiosa para localizar certas doenças, e para descobrir tumores no cerebro. Os raios teem mais valor no exame de ossos delgados, como os das creanças. É possivel distinguir pela photographia as minucias da pelle, craneo e dura mater. Pela radiographia se pode perceber a espessura de varias partes dos ossos, e localizar corpos extranhos, taes como balas. O uso dos raios X é de maxima utilidade para o especialista de doenças do nariz e para o dentista.

A' volta do mundo **O** record de viagem á roda do globo pertencia até hoje a George Francis Train que a realisou em 61 dias. Mas eis que um escriptor americano ensina a fazer essa viagem em 50 dias pela modica quantia de 146 libras, partindo de New-York. Seguindo directamente para a costa do Pacifico, e d'ahi n'um paquete, pôde ainda reduzir-se a viagem a 48 dias pelo mesmo preço. E seguindo a maior parte do trajecto por mar, o preço será apenas de 132 libras, e a viagem durará 59 dias.

Segue a indicação da viagem de 50 dias:

New-York a Cherburgo (por mar), e Cherburgo a Paris (em caminho de ferro), 5 dias, e 7 horas, 30 lb. e 16 sh.;

Paris a S. Petersburgo (idem), 2 dias e 6 horas, 16 lb. e 2 sh.;

S. Petersburgo a Moscow (idem), 12 horas, 2 lb. e 13 sh.;

Moscow a Irkutsk (idem), 12 dias, e de Irkutsk a Vladivostok (idem), 5 dias, 25 lb. e 7 sh.;

Vladivostok a

Kobe (por mar), 3 dias, 6 lb. e 3 sh.;

Kobe a Yokohama (em caminho de ferro), 11 horas, 1 lb. e 5 sh.;

Yokohama a Seattle (por mar), 12 dias, 41 lb.

Seattle a New-York (em caminho de ferro), 5 dias, 22 lb. e 14 sh.;

Esperas por causa das ligações entre transportes marítimos e terrestres, 4 1/2 dias.

Total 50 dias, e 146 lb.

A' ultima hora, vemos que a façanha ficou eclipsada pela que levou a cabo o tenente coronel Burnley-Campbell, realizando a volta do mundo em 40 dias e 19 horas e meia. Este cavalheiro sahio de Liverpool para Quebec a 3 de maio e seguiu por Vancouver, Yokohama, Tsaruga, Vladivostok, Moscow, Varsovia, Berlim, Colonia, Ostende e Dover, onde chegou a 13 de junho. É pena que não nos diga o custo da viagem, que devia em todo o caso ser puchadinha.

Mas cremos que lhe devem caber as glorias do *record* na volta ao globo.



AUGUSTO E LUIZ LUMIÈRE

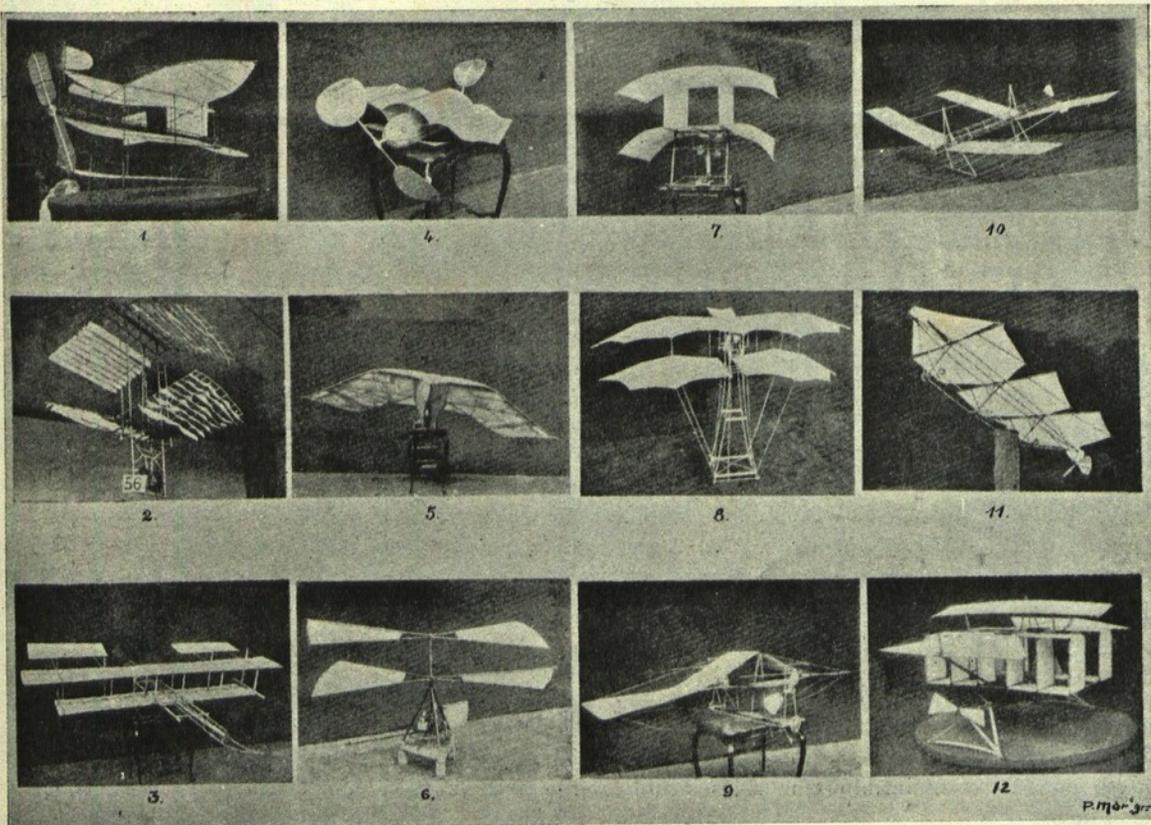
A *photographia das côres* arte photographica acaba de dar um grande passo com o invento dos irmãos Lumière, que ha muitos annos trabalham no sentido de completar os resultados anteriormente obtidos por Becquerel, Niepce, Poitevin, Ducos de Hauron, Lippmann, entre outros.

Não podemos n'este logar dar uma idéa, embora summaria, do

seu processo, a qual demanda artigo especial. Basta dizer que os resultados, vulgarisados n'uma conferencia promovida a 10.de junho pela revista franceza *L'Illustration*, deram toda a esperança, apesar das imperfeições inherentes a um primeiro ensaio, de se resolver finalmente o problema da *photographia das côres*, ha tantos annos anciosamente estudado.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia*, etc., mas os meios de ministrarla nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos, preparados pela pharmacia Swann, de Paris.



AEROPLANOS MODERNOS

Vida na arte

Uma estatua antiga **F**oi adquirida pelo governo italiano uma obra preciosa da estatuaria hellenica, pelo preço de 450.000 francos. Fôra descoberta em 1878 em Porto d'Anzio, estação balnear dos romanos. Surgiu de repente, por occasião de um desmoroamento na propriedade do príncipe Sarsina.

A antiga Antium, construída por Nero, era famosa pelos seus magníficos templos da Fortuna, de Venus Aphrodite e de Esculapio. Foi ali que se encontrou o Apollo de Belvedere e o Gladiador de Borghese.

O novo especimen da arte hellenica, que vae enriquecer o museu nacional das Thermas, é uma obra prima do século III ou II A. C. Mr. Furtwangler, autoridade na materia, afirma que essa estatua é superior em graça e formosura a qualquer outra do genero existente na Italia.

Os archeologos não concordam sobre a sua significação. O ponto controverso é se ella representa uma sacerdotisa ou é a personificação da um mytho

A estatua está mutilada. Falta o braço direito. A mão esquerda sustenta um disco fragmentado, sobre o qual se distinguem vestigios de uma corôa de oliveira e de um cofre apoiado em garras de fera. Nenhuma estatua antiga apresenta estes accessorios.

Divergem tambem sobre a escola a que se pôde attribuir esta obra de arte. Attribuem-n'a uns á escola de Praxiteles, outros á de Lysippo. Ha ainda quem na factura descubra indicios da arte que florescia em Roma nos começos do imperio.

Musset **Q**uando em na Opera Comica **Q**uando, certos nomes litterarios do passado recebem uma recrudescencia de entusiasmo, como reacção ao meio esquecimento em que jaziam.

Dá-se o caso sobretudo em França, Foi agora a vez de Musset, o mais

apaixonado porventura dos poetas romanticos, que se vae tornando objecto de uma renovação de culto, aliás consagrado com justiça. Biographias do poeta, novas edições das suas obras, publicação das suas cartas, tudo isto se accumula actualmente na bibliographia franceza.

Uma das mais encantadoras comedias de Musset, *Le Chandelier*, cujo protagonista, Fortunio, já inspirara o éstro saltitante de Offen-



A ESTATUA DE ANZIO

bach, foi agora transformada em opera comica, com a musica delicada e clara de André Messager, o actual director de Grande Opera, o auctor de *Véronique* e de *Les P'tites Michu*. A peça parece que agradou e fará carreira no theatro da Opera-Comica.

Dois quadros **D**ois retratos, devidos ao pincel do celebre pintor Chardin, acabam de ser adquiridos pelo governo francez pela quantia de 350.000 francos. Não é um preço exagerado, em vista da reputação universal do auctor e do

valor dado actualmente ás obras de arte. Mas teria decerto entontecido o proprio Chardin, que em 1745 viu arrematar-se por 25 francos uma copia sua de um d'elles, a qual já figura ha tempos no Louvre. É certo que esta *replica* é menos perfeita que a primitiva tela, mas a differença de preço é colossal.

Como se pagam **N**'UMA *tournee* á cantores America Adeline Patti recebia

por noite um cheque de mil libras. Christina Nilsson ganhava por noite 400 libras; Marcella Sembrich, 300; a Schalchi, 200. A Frezzolini, rival da Patti, romanesca e generosa, recusou sempre receber por cada audição mais de 40 libras. Mas o *record* pertence hoje ao tenor Caruso, o qual, nos annos mais fracos, faz um rendimento minimo de 36.000 libras. Só Paderewski se aproxima d'isto com o seu rendimento annual medio de 30.000 libras. Ha pouco tempo, Caruso recebeu a bagatella de 1.600 libras por quatro arias cantadas ao phonographo, além de uma grossa percentagem sobre cada cylindro vendido.

O Museu **Q**UEIXAM-SE os in Britanico glezes que em comparação

com alguns dos museus estrangeiros, o Museu Britannico, embora o mais rico repositorio de thesouros do mundo inteiro, se achava mediocrementemente installada. Essa censura breve deixará de ter fundamento, em consequencia dos alargamentos projectados, para os quaes o rei Eduardo VII recentemente poz a primeira pedra. O Museu Britannico virá a ser um dos mais bellos edificios de Londres. Os terrenos adquiridos e as obras projectadas importarão em 400.000 libras. O duque de Bedford offereceu um tracto consideravel de terreno para a abertura de uma nova rua, a qual embellezará o accesso ao Museu.